

Rivera
AS
302.5
.G6
1876

COSTA GOODOLPHIM

A ASSOCIAÇÃO

HISTORIA E DESENVOLVIMENTO

DAS

ASSOCIAÇÕES PORTUGUEZAS



LISBOA

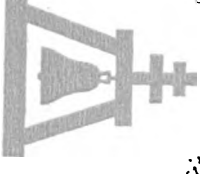
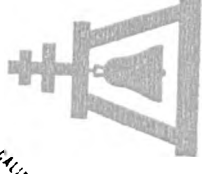
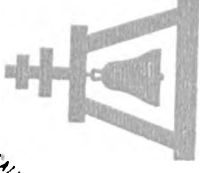
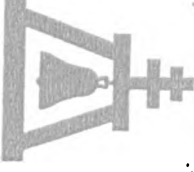
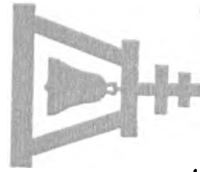
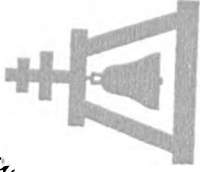
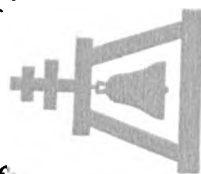
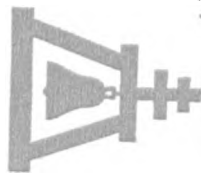
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

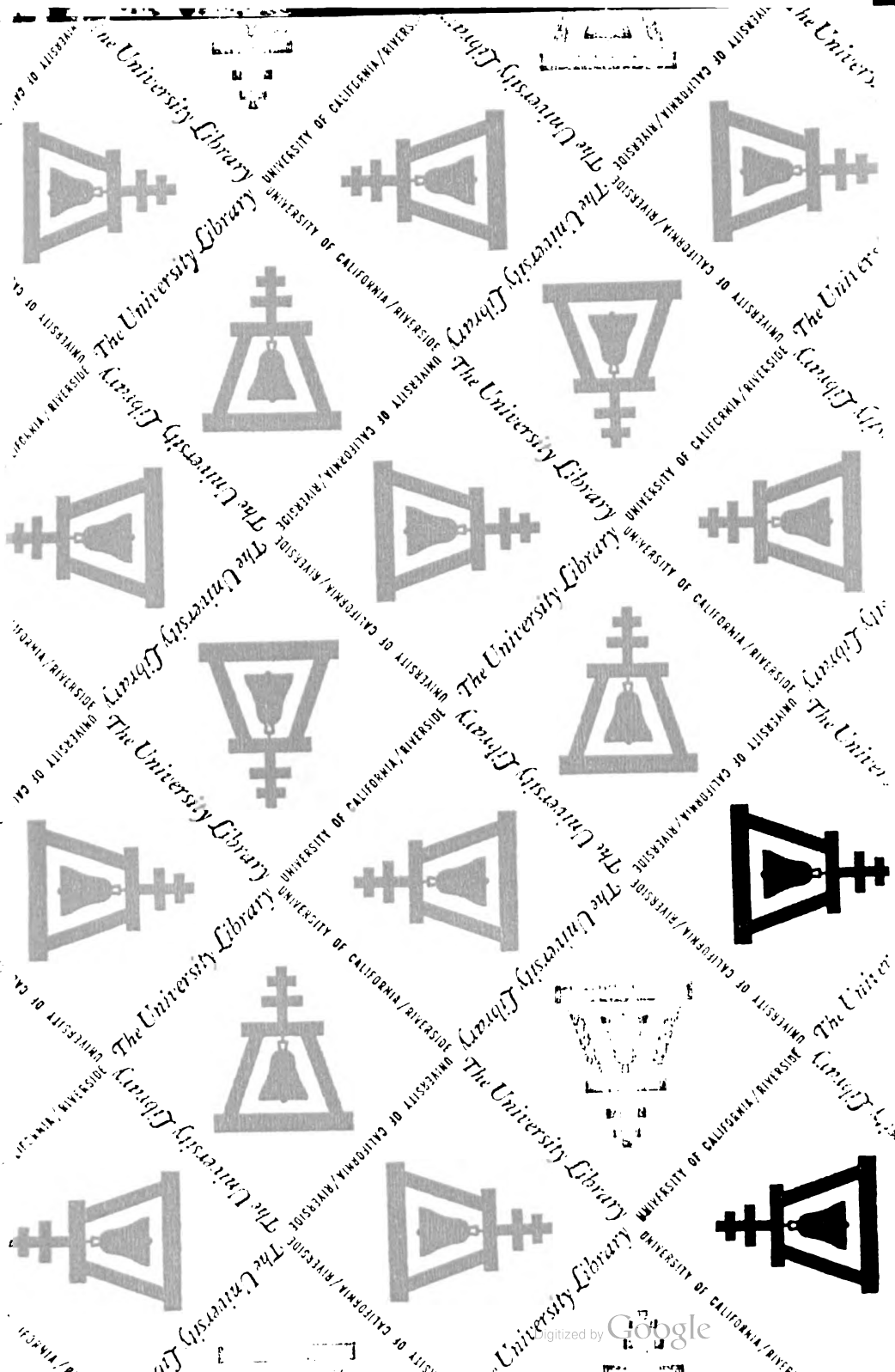
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1876

The University Library UNIVERSITY OF CALIFORNIA/RIVERSIDE





COSTA GOODOLPHIM

LIBRARY U.C. RIVERSIDE
A ASSOCIAÇÃO

HISTORIA E DESENVOLVIMENTO

DAS

ASSOCIAÇÕES PORTUGUEZAS



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1876

152

I

A associação

O santo e a senha do nosso tempo é a associação.

MAZZINI.

Creio que a associação cooperativa acabará por regenerar as massas populares e por ellas a sociedade inteira.

STUART MILL.

A maioria das leis que regem a sociedade tem por unica base a natureza. Ella é o cofre inesgotavel de dons preciosos, de lições proficuas, harpa suavissima, que adoça a razão arida, que nos inspira brandos e delicados sentimentos.

Os campos, os céos e os mares são um grande livro aberto á contemplação do homem.

Mau grado d'elle que nem sempre vê a sua contingencia n'este grande panorama, e não medita um instante sequer nas leis que deve seguir para satisfazer ás necessidades que o cercam e a que tem fatalmente de satisfazer.

O homem tem de se alimentar, de se vestir, de trabalhar, de sustentar seus filhos, de se educar, de se precaver para com os dias em que esteja enfermo, e para quando os annos e a doença o impossibilitem para o trabalho.

Mas como ha de o operario realisar tantas cousas? Aonde buscará elle leis absolutas que lhe sirvam para regras do seu viver social?

Na natureza.

No mundo physico, no mundo intellectual, no mundo moral, na individualidade emfim encontra o homem todos os principios de eterna justiça.

Vejamos praticamente.

Julgaram os homens necessario fundarem nações, e o que fizeram? As cidades reuniram-se ás cidades, e estas formaram-se reunindo-se povos a povos, estes aggregando familias, e estas individuos a individuos. Isto é, associaram-se.

O que é o Universo? é a reunião da parte solida com a parte liquida, e cada uma d'estas é a reunião dos diversos elementos que as compõem.

O que é o pensamento? é a associação das idéas, e logo que estas não existam, não existe tambem o pensamento.

O que é a lingua que falla um povo? é uma reunião de palavras, e estas a reunião de sons.

O que é o homem? é a reunião da materia e do espirito, ou emfim de uma certa combinação da qual resulta a vitalidade.

Ora se a associação é uma lei geral para realizar um certo numero de resultados, claro está que o homem, para satisfazer tambem um certo numero de necessidades, tem fatalmente de seguir a mesma lei, isto é, associar-se.

O homem rico tendo tambem as mesmas necessidades a satisfazer, possui entretanto meios de as cumprir, independente de associar-se; tem comtudo na esphera em que vive outras aspirações a completar, e necessita tambem da associação.

Por exemplo: uma grande empreza industrial, em que se precisam de cem ou duzentos contos, que seria impossivel realisar-a um individuo só, consegue-se facilmente com a associação de muitos capitalistas.

Mas para quem a associação se torna verdadeiramente necessaria é para o operario, na mais lata aceção d'esta palavra.

II

A doença

A doença é uma fatalidade que está sempre imminente sobre a cabeça do homem, e principalmente de aquelle que poucos dias no anno tem de completo descanso.

De ordinario quando a enfermidade se acerca do seu leito, e que o braço do operario não pôde trabalhar, cessa tambem o salario com que se alimenta, se veste a si e a sua familia.

Grande barbaridade esta, contra a qual elle tem de se conjurar.

Na occasião, pois, em que o homem precisa de mais dinheiro para ter melhor alimento, para os remedios e para pagar ao medico, é quando os meios totalmente lhe faltam!

Grande desgraça para o lar do homem de trabalho. Empenha e vende tudo que possui, trata-se mal, e, ainda convalescente, principia logo a trabalhar, o que lhe arruina o seu estado physico, e o conduz até a sofrimentos chronicos. Se os meios de todo se esgotam, vae para o hospital entre as lagrimas da familia, que se fica debatendo entre a fome e a tristeza. Elle lá vae para uma enfermaria, onde quasi todos lhe são estranhos e sem o consolo dos seus.

Deve ser isto uma grande desgraça!

E como pôde elle obstal-a?

Pela associação.

O operario, associando-se ao operario, tirando todas as semanas da sua fêria uma pequena parcella, garante os recursos para os dias de doença, e por esta fôrma, sem vender, sem empenhar, sem os seus morrerem de fome, recupera a saude no regaço da familia.

Eis a associação de soccorros mutuos, para a qual é mister que vós todos vos associeis.

Todos os operarios devem estar associados, porque è para sua felicidade.

E sendo todos, tornarão mais numerosas estas instituições, que maiores garantias poderão offerecer.

Estas associações o que precisam è rigorosa fiscalisação. A quota semanal que o operario paga, representa uma parcella do seu trabalho, e è um dos actos mais vexatorios e barbaros, quando direcções menos zelosas, por abuso ou falta de energia, levam a associação a não cumprir os seus estatutos e regateiam com o socio para lhe cercearem os seus direitos, diminuindo-lhe os subsidios, recommendando aos facultativos parcimonia nos receiptuarios, e fornecendo-se das más pharmacias. N'este ponto è necessaria a acção immediata e energica da auctoridade, para fiscalisar o interesse do povo, e collocar-o ao abrigo dos especuladores. Deve mesmo adoptar-se um typo geral para os seus estatutos, eliminarem-se certas falsas garantias com que se pretende muitas vezes angariar associados.

Fundados na pratica, devem-se sòmente conceder aquelles beneficios que são compativeis com a indole d'estas instituições e possiveis de realisar. Soccorros na inhabilidade, pensões a viuvas e orphãos devem pertencer a outras associações. Estes beneficios, que nada valem na essencia, são a causa da morte d'estas sociedades, que devem unicamente prestar o seu auxilio na doença.

III

A inhabilidade

Nada ha mais triste do que a vida do operario, vergado sempre ao peso do trabalho, com um salario diminuto, vivendo ignorado na officina, contando raros os dias de felicidade.

Elle è o sustentaculo da industria, o cidadão mais prestante de uma nação; pelo seu trabalho os poderosos

vivem lautamente na ociosidade, entretanto o operario é sempre o filho do povo, não tem galerias para assistir ás grandes festas nacionaes, a casa em que habita é pobre e modesta; todos os que estão em classe mais superior julgam-se com direito á sua submissão e cortejam-o por favor.

Mas não é só isto. O operario trabalha por muitos annos; chega um dia porém em que a velhice e a enfermidade lhe envalidam o braço; a mulher está tambem cansada e doente, os filhos, se os tem, mal ganham para sustentar as novas familias que fundaram, impellidos na mocidade pelo amor e pela lei fatal da creação.

A miseria cerca-os finalmente de todos os seus horrores, e tem, para viver, de sair para a rua, estender a mão á caridade publica e pedir uma esmola! Ou então aquelles que sempre viveram unidos durante os dias de trabalho, teem de apartar-se e acabar os seus dias sob o tecto de um asylo.

Este é um desfecho triste da vida do operario.

E como ha de elle prevenir este infortunio?

Tambem o pôde realizar pela associação.

O operario só, ainda com a mais rigorosa economia, não poderia nunca chegar a juntar um capital que lhe garantisse o pão para a velhice; porém associando-se, pôde consegui-lo, e em vez de um futuro de lagrimas de seledade e de fome, terá sempre uma fatia de pão, uma manta para se resguardar do frio, e a independencia relativa e justa á sua dignidade.

Eis a associação de soccorros na inhabilidade.

Chegado o homem á decrepitude, não tem precisão, para viver, de esmolar a caridade publica, ou de vestir o uniforme de asylado.

Os hospitaes e os asylos com estas duas associações reduzir-se-hão a menores proporções, e n'uma sociedade perfectamente constituida devem até desaparecer de todo. E então o povo, comprehendendo que tem a cuidar de si no seu presente e no seu futuro, entrará n'um periodo verdadeiramente social e moral.

IV

A instrução

A instrução e a moral devem de ser duas companheiras inseparáveis do homem. O operario se aprender a ler e a escrever, mas nunca aperfeiçoar a sua intelligencia: se não enriquecer a sua memoria no livro e no jornal, não passará de uma machina de trabalho.

As horas de repouso se as fôr empregar no jogo ou nas bebidas, não faz mais do que rebaixar o seu ser moral e abysmar-se no pelago do vicio, enfraquece o seu physico e por fim inutilisa-se para o trabalho; torna-se inhabilitado, e d'aqui passa a miseravel mendigo.

Mas o filho do povo não vae aos gremios litterarios, aos botequins, onde se encontram os jornaes; acaba do seu trabalho, com um fato mais simples, que seria notado n'uma reunião onde quasi todos estão vestidos mais ou menos elegantemente.

O operario precisa ter uma associação sua, onde todos os socios sejam seus companheiros, onde elle passe uma parte da noite, lendo ou estudando em livros ao alcance da sua intelligencia e do seu saber.

Estas sociedades podem ser chamadas de instrução popular ou de temperança.

Exigindo-se sempre o mais rigoroso comportamento moral a todo o associado, resulta que o ser socio d'estas instituições serve como de diploma para o operario quando n'uma occasião precise procurar trabalho.

As sociedades de temperança fundaram-se nos Estados-Unidos em 1826, para combater a embriaguez.

A paixão pelas bebidas tornou-se um facto gravissimo, que chamou a attenção dos principaes homens de estado e dos moralistas. O meio que encontraram para debellar aquelle funesto vicio foi as *sociedades de temperança*.

A obrigação que cada um dos socios tinha era de

renunciar absolutamente ao uso exagerado das bebidas e de aggremiar outros consocios. Estas associações espalharam-se rapidamente no paiz.

Uma das armas de que lançaram mão foi a imprensa, á qual se deveu o grande desenvolvimento que de anno para anno tinha esta instituição :

Em 1826 e 1827 publicaram 48:610 folhetos; em 1828, 512:000; em 1829, 860:000: em 1830 o numero de escriptos passou de quatro milhões.

No estado de Nova-York estas associações elevaram-se mais tarde a 800.

Este detestavel vicio diminuiu ou quasi se extinguiu rapidamente, a população augmentou, e a Europa copiou aquelle exemplo, principalmente o governo inglez, a Suecia e a Noruega, formando-se até em Stockolmo uma sociedade sob a presidencia do principe real.

Isto prova o que é a associação e os beneficos resultados que d'ella se tira.

No nosso paiz não ha em geral grandes viciosos; entretanto, principalmente nas aldeias, bom seria tirar o costume ao homem de trabalho de passar as noites na taberna.

Nos locaes onde é pequena a população operaria a associação não poderá ahi fundar as suas raizes, e outros meios se terão de adoptar.

Nas cidades porém que tiverem um certo numero de trabalhadores, é urgente que a sociedade se forme para que o operario, pelo sentimento de dignidade, viva sempre dentro dos principios da moral, que se competenre da vergonha e da falta pecuniaria que sentiria se porventura fosse desligado da associação.

Que se habitue a ler, a estudar, a discutir e a ter finalmente um trato social, que o torne digno do nome de cidadão e dos direitos que gosa como homem livre.

N'estas associações podem ter logar as leituras, as prelecções, os cursos accomodados á intelligencia e ao tempo de que o operario pôde dispôr para tudo isto,

e a bibliotheca enriquecida de livros proprios para estas instituições.

V

A escola

O homem não deve cuidar sómente de si; tem deveres para com a sociedade, e, mais ainda, deveres para com a sua familia, isto é, a moral domestica.

Um d'esses deveres é educar os seus filhos, mandal-os á escola, para que saibam ler e escrever, a fim de poderem mais tarde ganhar o pão, o fato e a casa.

Os governos fundam escolas em muitas villas, em muitas aldeias, entretanto nem sempre o seu numero é sufficiente.

Se o poder central tem a obrigação de velar pelo interesse dos povos e curar das suas necessidades, o povo tem pela sua parte de empregar todos os meios para coadjuval-o no desempenho da sua missão.

Não ha nada que mais desgoste do que empregar-se um certo numero de sacrificios, e aquelles para quem elles se fazem, depois não se aproveitarem d'elles. Isto faz paralisar toda a acção benefica.

É o que succede em muitos casos com o governo e com o povo.

Funda-se n'uma aldeia uma escola de instrucção primaria, onde crianças e adultos podem ir aprender ao menos a ler e a escrever, representa no orçamento uma verba mais ou menos importante, mas, o que succede em geral, é ter pouca frequencia ou uma frequencia irregular, o que dá um resultado muito contrario áquelle que se desejava.

Um pae em vez de mandar o filho para a aula, emprega-o a maior parte do tempo nos misteres do campo e d'aqui resulta passar o tempo e chegar á mocidade completamente ignorante. E mais tarde, nos labores da

vida, encontra-se em muitas occasiões em que sente amargamente a falta da cultura do seu espirito.

O homem que vive n'uma aldeia pobre, que tem apenas meia duzia de geiras de terra, não pôde de certo contribuir com valiosas sommas para a escola que deve educar seus filhos, mas assim como elle paga a congrua ao reitor, que é o mestre do seu ser moral, faça tambem um sacrificio mais e ajude ao mestre escola, que ha de tornar seus filhos homens dignos de si e da sociedade.

O homem que não sabe ler é como o cego. Vive e morre estupidamente, vergado sempre ao peso do trabalho e sem comprehender não só o que é e o que vale, mas o mundo que o cerca, a vastidão de seres que o povoam.

Nas paginas de um livro encontra o homem, ainda o mais obscuro aldeão, momentos de conforto, fonte de purissima agua para refrescar a sède do seu espirito.

O homem ignorante pôde além d'isto ser arrastado a praticar actos que não só o desvirtuem, mas que vão indirectamente causar graves damnos ao seu semelhante.

Mil occasiões tem o homem na vida em que precisa n'um contracto, n'um outro papel qualquer, assignar o seu nome. E não é vergonha o homem mostrar a sua completa ignorancia? Oh! de certo que sim.

E além d'isto tem muitas vezes de estar á mercê da boa fé dos outros.

Se o pão é indispensavel para o sustento do corpo, medite-se bem que a instrucção é urgentissima para a maioria dos actos da nossa vida, e dos quaes depende o nosso bem estar presente e a nossa felicidade futura.

VI

A agiotagem

Não se deve julgar da prosperidade de um paiz sómente pelos seus magnificos palacios, pelos seus jardins encantadores, pela maneira luxuosa com que se vestem os seus habitantes, finalmente por todos esses nadas da vida.

Nas cidades estão sempre accumulados uns certos capitaes, que podem ser empregados mais ou menos justamente n'estes exteriores de grandesa.

A vida economica de um povo deve estudar-se no seu viver intimo, no interior do palacio e da casa pobre escondida na viella mais tortuosa e triste: na cidade populosa e rica e na aldeia pequena e miseravel. D'este modo é que se poderá conhecer se um povo tem aquelle grau de felicidade justo e digno.

Um phantasma negro que se ergue hoje ao lado do palacio sumptuoso, da casa nobre e elegante, da loja repleta de objectos custosos e raros, é a agiotagem, é o numero consideravel de casas de penhores. Em Lisboa, principalmente, são immensas as casas de emprestimos: e a agiotagem, essa corre da cidade á villa, da villa até á aldeia.

A casa de penhores é o pelourinho da desgraça; no momento da afflicção é onde recorre o homem que necessita uma certa quantia, e ahi deixa o fato, um movel, um objecto qualquer, que lhe representa trabalho e economia. Mas a grande quantidade d'estes estabelecimentos é uma prova da muita desgraça que se occulta n'esta apparencia de grandesa que nos cerca, que nos torna ficticiamente felizes.

Quantas vezes, no momento em que centenaes de pessoas assistem no theatro á representação de uma comedia ou um drama, ou povoam as salas de vistosos salões, rindo e folgando no seio da abundancia e

da alegria, illuminado pelas luzes centuplicadas nos cristaes e nos brilhantes, oh! quantas familias gemem nos horrores da miseria! Quantas creancinhas, n'um olhar piedoso e innocente, erguem as mãos supplicantes pedindo uma fatia de pão!

E é com estes miseros, presos n'uma angustia suprema, que essas casas fazem o seu interesse sordido e abjecto.

O agiota é o typo mais repellente da sociedade: vive á custa das lagrimas e da miseria. Para elle ter cortinados nas janellas, cadeiras de estofo, mesa lauta e abundante, vivem muitos presos das garras da fome, na casa triste e deserta de moveis. A manta de lã e seda que o aquece e resguarda, representa o frio de muitos desgraçados.

E quando, ó agiotas, estiverdes á vossa mesa, cercados de todas as commodidades da vida, compradas por uma usura barbara e escandalosa, não vos lembraeis dos que soffrem, d'aquelles que são victimas do vosso negocio abjecto?

Não vos lembraes, não, de certo.

O agiota não tem alma, nem sentimentos. O seu coração é uma pedra, tão fria e dura como o marmore.

Necessario se torna, pois, que o operario, e não só o operario na mais estricta acepção d'esta palavra, mas todo aquelle que vive de um salario modico para satisfazer a muitos encargos urgentes e indispensaveis, esteja ao abrigo de cair nas garras d'aquelles abutres. E como o poderá elle realisar? Pela economia, prevenindo-se nos dias serenos da vida, para aquelles que lhe possam advir crueis e tempestuosos.

Se todos cuidassemos seriamente do futuro, a sociedade não teria um fundo tão negro.

O meio do operario fugir d'aquella torpe especulação, é tornar-se capitalista. Mas como? Pois o homem que recebe uma fêria pequena, que mal chega para satisfazer as primeiras necessidades da vida, como póde elle accumular capitaes?

Os papeis de credito publico, as acções de companhias custam para o operario muito dinheiro. Gastaria tres ou quatro annos para adquirir um só d'esses papeis.

O que é preciso é tornal-o pequeno capitalista; fazer com que ao cabo de uns mezes de economia, elle tenha um papel, que guarde com especial cuidado, que lhe representa um certo capital e um lucro correspondente. Isto lhe fará tomar gosto e um certo orgulho justo e digno, e duas vantagens resultam d'aqui: primeiro ter o operario n'um momento em que precise, quem lhe empreste qualquer quantia, sem um juræ iniquo e barbaro; segundo estes pequenos capitaes reunidos poderem prestar um serviço á industria ou á agricultura.

Eis os bancos dos operarios, as caixas de credito ou montes de piedade.

Os montes de piedade foram fundados na Italia no seculo xv para combater a usura dos judeus e dos lombardos, e foi Luiz xvi quem os introduziu em França em 1777.

Um dos principaes iniciadores do credito popular em França foi Benjamin Delessert em 1817, notando-se depois decréscimento no numero dos crimes. O que é natural, pois que a posse de um pequeno capital conduz naturalmente o homem a não praticar certos actos que lhe possam destruir o fructo do seu trabalho e da sua economia.

Estas reflexões que acabamos de expôr não dizem sómente respeito ao operario, estendem-se a todos aquelles que não teem mais senão o seu trabalho para viver; abrangem estas considerações todos os que não possuem capitaes e a quem por consequente uma fatalidade qualquer da vida vem lançar nos braços do infortunio.

Não é só das classes operarias que resvalam muitos desgraçados para a sociedade. Ha muitas viuvas e muitos orphãos que poderiam estar ao abrigo da miseria,

se aquelles que eram o seu amparo e esteio, tivessem cuidado mais do futuro.

Não ha nada mais transitorio do que a vida, e o homem cujo braço é o amparo da familia, deve constantemente ter presente que de um a outro momento pôde chegar o termo da sua existencia, e que tem obrigação de pôr os seus ao abrigo da desgraça.

VII

Bancos populares ¹

Um dos grandes melhoramentos para as classes operarias são os bancos populares. isto é, caixas onde elle com toda a segurança vá depositar as quantias que lhe sobrem, inda por mais pequenas que ellas sejam.

Um dos paizes onde estas instituições servem do mais proficuo exemplo é a Escossia.

Estes bancos recebem toda e qualquer quantia e tambem por qualquer espaço de tempo. D'aqui resulta que a maioria das pessoas não tem em seu poder mais do que as quantias estrictamente necessarias muitas vezes só para um dia. O dinheiro por esta fôrma está sempre exercendo a sua acção productora, animando a industria e as artes, fecundando prodigiosamente o tra-

¹ As caixas economicas estabeleceram-se na Gran-Bretanha em 1798.

Em 1810 Henrique Duncan, ministro do culto em Dunfries, estabeleceu uma caixa economica em Rutherel. Dirigiu a sua administração, publicou os seus resultados, explicou as suas vantagens; e pela acção poderosa da imprensa fixou a attenção geral sobre esta instituição.

Em 1813 mr. Forbes creou a caixa de Edimburgo. Thomaz Baring, em 1816 fundou a primeira caixa em Londres.

Pouco tempo depois do seu estabelecimento legal em Inglaterra foram creadas em França.

Desde 1818 a 1827, o duque de Laroche foncauld presidiu á caixa fundada em Paris, como uma instituição modelo.

balho, e alcançando ao mesmo tempo um premio ao seu possuidor.

Mas ainda mais do que estes bancos, o que exerce uma grande acção benéfica na classe operaria, são as associações de credito popular.

Ha d'estas instituições na Escossia, que tanto emprestam ao rico como ao pobre, que tanto põe o dinheiro á disposição do homem que offerece todas as garantias como d'aquelle que nada possui. Anima-se, protege-se e espalha-se a pequena industria de um modo admiravel.

O operario honrado, intelligente e laborioso lucha com immensas difficuldades se pretende estabelecer-se; difficilmente encontra quem lhe empreste capital para montar um estabelecimento. Por esta razão a industria torna-se como um monopolio do capital, que por qualquer circumstancia se encontra accumulado nas mãos de um ou outro homem, sem possuir ás vezes nem a intelligencia, nem a actividade precisa para a industria.

Por meio das sociedades de credito encontra o operario o amparo de que precisa.

Mas emprestar uma certa quantia a quem nada possui, não é isto arriscar o capital?

Responde a este receio os bancos da Escossia, que no decurso de seculo e meio ainda não tiveram de arrender-se d'este systema.

O operario escossez encontra só com o seu nome ou com os de dois pequenos indutriaes qualquer quantia para erguer um estabelecimento da sua industria. Por esta fórma trabalha com intima dedicação, trabalha já para si, para a sua familia, para desempenhar o seu nome, para adquirir na sociedade uma posição modesta embora, mas independente, conquistada com o seu braço, com a sua intelligencia, com a mais enérgica vontade.

São innumeraveis as vantagens materiaes e moraes que o credito produz. A consideração pessoal torna-se por este facto um meio directo de se enriquecer e uma das primeiras necessidades da industria e do commer-

cio. A virtude deixa de ser um nome vão, pois que se torna uma condição especial. As qualidades sociaes, mesmo aquellas que parecem as mais estranhas á industria e ao commercio, tomam uma importancia commercial.

Pois não basta ser um homem probo e leal, é preciso saber inspirar esses sentimentos.

D'este modo o interesse pessoal, que de ordinario é a causa de odios e discordias, estimulando ao mesmo tempo a mais energica de todas as paixões—o egoismo—torna-se na Escocia o agente mais activo da afeição e da fraternidade, e o auxiliar mais effizaz das melhores qualidades moraes.

E tudo isto pelo effeito de uma simples combinação de banco, tal é a grande influencia das condições economicas sobre o desenvolvimento moral da humanidade!

Na Suissa tem-se n'estes ultimos annos fundado alguns bancos da mesma fôrma dos da Escocia, não podendo por emquanto attingir aos resultados que se desejam.

Mas se não é possivel elevar-se o credito do operario áquelle ponto, pode-se entretanto, ainda que em menor escala, desenvolverem-se estas theorias, e practicamente conseguirem-se aquellas vantagens de que tanto necessita a classe productora.

VIII

O capital

O homem só, isolado de todos os meios de acção, nada faz, nada póde produzir. Toda a industria limita-se a transformar certas materias primas de modo a accommodal-as ás necessidades da vida. Apodera-se dos productos da natureza e converte-os em utilidade propria. Das minas extrae, por exemplo, o ferro e com

elle manipula mil objectos uteis, alguns dos quaes vão ser elementos de novas industrias, motores de progresso e origem de riquezas.

Mas a industria humana para fazer as transformações aos diversos productos naturaes, precisa : 1.º procurar a materia prima ; 2.º possuir uma certa quantidade de instrumentos ; 3.º a sciencia necessaria para saber utilizar-se d'elles.

Tres são por consequencia os elementos de industria. O terceiro pode-o alcançar o operario pelo estudo, e mesmo porque seja dotado de intelligencia clara. Mas o capital para comprar a materia prima e instrumentos de trabalho?

Só por meio do credito é que o poderá conseguir.

Entram aqui tambem tres elementos, 1.º o capitalista, 2.º o banqueiro, 3.º o operario. O primeiro põe o seu cinheiro á disposição da industria, ganhando um certo juro ; o segundo tornando-se o intermediario, lucra tambem uma percentagem pelo seu trabalho ; o terceiro alcança por esta fórma os meios de fazer prosperar qualquer ramo de industria.

A industria não se pôde desenvolver sem o capital, seja embora a empresa grande ou pequena.

Para aquella necessitam-se de grandes capitaes, para esta convêm os pequenos. A exploração de minas, o estabelecimento dos caminhos de ferro, as companhias de navegação, etc., não se poderiam realizar sem grandes capitaes. É por isto, até certo ponto injusta, a guerra que se faz ás vezes ao capital accumulado em grandes porções n'um ou n'outro individuo.

A illuminação publica por meio do gaz oxygenio, que é um grande melhoramento para uma cidade, tanto para o publico como para o particular, de certo que não se poderia realizar sem que houvesse homens de grandes capitaes, que os podessem collocar para estabelecer uma empresa como esta, que demanda sommas tão consideraveis.

A questão principal, pois, na sociedade reduz-se

hoje a saber dar applicação ao capital, e a desenvolver o mais possivel o espirito da associação, em que os beneficios recebidos sejam um direito e não uma esmola.

Occorre-nos agora um facto, que, embora deslocado, o apontamos n'este logar.

Os rendimentos do municipio provém do povo directa ou indirectamente. O medico ou cirurgião a quem as camaras pagam um certo ordenado, pertence ao povo; é um empregado contractado para desempenhar um certo serviço.

Mas o que succede em geral nos campos, nas villas e nas aldeias, é o medico visitar o enfermo pobre como se fôra por esmola, como se fôra exercer um acto de caridade e philantropia.

Pois não seria melhor o povo das villas e das aldeias formar a associação de soccorros mutuos, ser elle quem pague directamente ao medico, prescrevendo-lhe muito explicitamente os seus deveres, fiscalizando por esta fórma os seus interesses e os seus direitos?

Creio intimamente que sim.

IX

Caixas de credito

Vejamos agora a constituição dos bancos de avanço segundo escreve Batbie no seu livro — *O credito popular*.

O fundo social compõe-se de sommas que pagam os associados a titulo de joia, e das quotas mensaes a que se obrigam até que tenham completado uma somma determinada, que é em geral de 10\$000 réis e que constitue uma acção. Na maior parte das associações a joia é de 200 réis, pouco mais, paga em prestações, e a quota mensal obrigatoria não passa de 50 réis. Vê-se que os sacrificios que se pedem aos associados não são

grandes, e que não é preciso muitos esforços para entrar na associação. Qual é o homem que não pôde economisar 50 réis por mez? E para tornar estes sacrificios ainda menos sensiveis, desde o momento em que um associado pagou a joia e a primeira prestação mensal, o banco trabalha immediatamente para elle. Toda a quantia, por mais pequena que seja, dá direito a uma parte proporcional aos beneficios.

Mas até que seja accionista, isto é, até que possua no banco uma somma de 10,5000 réis, o associado não tem direito a receber os seus dividendos. Capitalisam-se á sua conta. Ora, como o direito de emprestimo é proporcional ao capital depositado no banco, resulta d'essas combinações que os associados tem um duplicado interesse e perfeitamente claro em completar o mais breve possivel a sua acção, depositando no banco todas as pequenas sommas de que podem dispôr e de cuja accumulacão augmenta portanto o seu dividendo, e, quando são accionistas, a continuar a augmentar o seu capital pela mesma fórma, pois que a quota parte do capital individual de cada socio determina a cifra dos adiantamentos a que tem direito.

No principio de pouca importancia são as operações que pôde realisar; porém apenas possui uma certa somma, já poderá fazer algumas transacções, que vão augmentando successivamente o capital.

O banco empresta por exemplo a 8 por cento e recebe quaesquer quantias de que paga 5 ou 4 p. c.; aqui está bem manifesto o lucro, e tambem palpavelmente demonstrado que tendo boas e zelosas administrações, estas uteis instituções hão de sempre progredir.

A questão dos emprestimos collectivos da associação tem sido muito discutida. Querem alguns que os bancos não comecem as suas operações senão quando tenham reunido por meio das quotas um certo capital, para operar com os seus proprios recursos. Não vêem que por

este modo perdem os interesses, não só os bancos, mas os associados, isto é, todas as vantagens e beneficios que poderiam realisar n'um certo tempo, que pôde ser consideravel, por causa do pequeno numero de associados nas primeiras épocas, e a exiguidade das quotizações. Pelo contrario, pelo methodo dos emprestimos, podem-se começar as operações quasi immediatamente.

A questão tende a fixar a justa proporção que se deve encontrar entre estes dois elementos. N'uma das reuniões em maio de 1863, os delegados de um certo numero de associações exprimiram a opinião que, nos bancos populares, o haver dos socios deveria constituir pelo menos 10 p. c. do capital de operações desde o principio, 25 p. c. nos tres primeiros annos e depois 50 p. c., de modo que as operações se fizessem metade com o capital dos socios, metade com os capitaes emprestados.

Esta combinação evita o risco e ao mesmo tempo assegura um campo de operações mais extenso. O capital proprio da associação sendo igual ao que empresta, permite-lhe encontrar o dinheiro mais facilmente e a uma taxa menos elevada, porque a garantia que offerece é mais consideravel; e por outro lado, tem sempre para operar uma somma duplicada d'aquella que possuiria se estivesse reduzida só aos seus capitaes.

Vimos que não se pode ser socio senão na condição de ser accionista, isto é, de possuir na caixa do banco uma somma total, que é em geral fixada em 10,5000 réis, e que é constituida pela accumulção das quotas mensaes e dividendos aos quaes tenha direito. Uma vez que a somma de 10,5000 réis está satisfeita, o associado tem o direito de receber os seus dividendos.

Se os deixa na caixa, o banco acceta-os a titulo de emprestimos. Este capital inscripto á sua conta, fóra da acção regulamentar, torna-o credor do banco. Vê-se que por esta combinação, a mesma caixa que empresta dinheiro aos seus associados que d'elle teem necessi-

dade, empresta aos outros aquelle que tem disponível e que d'outra fórma ficaria improductivo nas suas mãos isto é, que faz ao mesmo tempo officio de estabelecimento de credito e de caixa economica, com a differença entre outras, que os depositos n'elle são mais productivos, e para o depositante que tem direito, além do interesse fixo de 5 p. c., a uma parte maior nos beneficios, e para o publico que lucra indirectamente, mas necessariamente do augmento de producção, resultando da faculdade que, pelos empréstimos, os bancos adquirem de dar ao trabalho adiantamentos numerosos e mais consideraveis.

Até á somma total depositada o socio pôde tiral-a do banco com a sua assignatura; quantia superior precisa da assignatura d'outro socio. Esta instituição de caução de empréstimo uns pelos outros, é uma das mais engenhosas combinações d'esses bancos.

A duração dos empréstimos é de tres mezes o maximo; pôde-se entretanto prorogar estes prazos.

Os estatutos da sociedade de Delitzsch, que tem servido de modelo á maior parte d'estes bancos, fixam os limites extremos dos seus adiantamentos entre 2\$000 réis (3 thalers) e 600\$000 réis (1:000 thalers).

Quando o adiantamento pedido não se eleve a mais de 6 a 7\$000 réis, o haver total do que pede, a direcção examina simplesmente até que ponto as suas qualidades pessoas e a sua situação permitem contar sobre o reembolso.

Quando a totalidade dos depositos se eleva a réis 30\$000, o empréstimo só com uma assignatura é sufficiente para 50\$000 réis.

É a actividade, o espirito de ordem e a honestidade que n'estes casos se considera primeiro do que outras quaesquer garantias.

Para ter direito a pedir um empréstimo é preciso:

1.º não ter soffrido nenhuma pena infamante; 2.º não estar em atraso para com a caixa por algum em-

prestimo anterior; 3.º estar n'uma situação que offereça garantia ao banco para o seu reembolso.

É necessario que todos os bancos emprestem sommas tão consideraveis como o de Delitzsch.

Ha alguns que tem fixado o maximum dos seus emprestimos a 4\$000 réis; outros a 8\$000 réis; comiudo um grande numero emprestam 200\$000 réis, e o banco de Delitzsch não é o unico que vae até 700\$000 réis.

Quem poderia dizer, escreve M. Horn, a somma de miserias que pôde prevenir um capital de 20 contos de réis assim repartido, na corrente de um anno, em emprestimos aos operarios, aos pequenos fabricantes e commerciantes de uma localidade? Quem poderia estabelecer a conta de perdas que soffrem estas classes tão dignas de attenção, unicamente porque se lhes recusa o modesto credito de que teriam necessidade tanto para se sustentarem nos momentos difficeis, como para estender a sua acção nos momentos favoraveis? Esse credito tão difficil de obter, o banco lh'o offerece do modo mais seguro, mais facil e mais honroso; mais honroso, porque é das suas proprias economias e do producto do credito collectivo que se compõe o fundo que se empresta aos socios; o mais facil, pois que o banco não exige senão a assignatura de um amigo, de um conhecido.

D'esta fôrma apreciara M. Horn o desenvolvimento dos bancos, cujos resultados eram extremamente lisongeiros em 1862, em mais de 243 bancos.

«Quando se medita que 16.020:000\$000 réis saídos n'um anno das caixas de 243 bancos populares tem sido emprestados a pessoas que por outra fôrma não teriam nenhum credito ou não o obteriam senão em condições muito onerosas; que os estabelecimentos que distribuiam às classes laboriosas esse bello credito de réis 16.020:000\$000, tem sido todos creados pelos operarios associados, sem outro soccorro quer do Es-

tado, quer das classes superiores: que os 3:200 contos, constituindo o fundo em giro d'estes 243 bancos de avanço, pertencem pela maior parte aos socios que no dia antecedente talvez nada possuissem, e são por outro lado empregados sob o credito colectivo de pessoas a quem individualmente nada se lhe teria emprestado, reconhece-se por tudo isto as vantagens incalculáveis d'estas instituições e a influencia que exercem sobre a situação material das classes laboriosas.

E não só no sentido material mas tambem no moral. Os bancos de avanço habituam o operario á economia, á ordem nos seus negocios, á exactidão nos seus pagamentos, porque de outra fôrma acaba-se-lhe o credito. Desenvolve em torno de si o sentimento da boa fraternidade e a solidariedade intelligente; torna-o capitalista pelas suas economias, pelos juros que d'ellas recebe. É este um meio seguro de fazer desaparecer o antagonismo entre o trabalho e o capital; o caminho mais justo para a regeneração das classes operarias, sem preparar cataclismos sociaes.

A classe operaria tem vivido subjugada sobre a protecção tyrannica do Estado. É preciso que cada um trate de melhorar a sua condição, desenvolver as suas intencões generosas, que tomem a iniciativa de collocar-se ao abrigo da tutella d'outrem. Todos os meios até hoje inventados e applicados com tanta liberalidade pela caridade legal e particular não tem feito mais do que enraizar o mal no espirito dos desgraçados, habituando-os a contar com os soccorros estranhos. É tempo d'elles não contarem senão consigo e entrarem na vida fecunda da actividade pessoal. Ninguem, dizia um grande apostolo das classes operarias, tem o direito de as salvar da miseria senão ellas mesmas.

Estas associações tem tido um grande desenvolvimento, principalmente na Allemanha.

A primeira foi fundada em 1850 em Delitzsch, por M. Schulze Delitzsch, que não cessou de trabalhar para a sua propagação.

Ao seu zelo infatigavel se deve o ter feito comprehender á Allemanha as vantagens d'estas instituições, apezar das difficuldades que se levantaram da parte dos reaccionarios, e dos discursos de Lasalle, o apostolo das subvenções e da organisação do trabalho pelo Estado, com que illudia a imaginação dos operarios, fazendo-lhes crer nos grandes thesouros que o mesmo Estado tinha á sua disposição para lhes offerecer.

M. Delitzsch, sem enfraquecer o seu animo n'estas luctas, continuou a sua obra; funda os bancos e abre o caminho a uma revolução fecunda, que um seculo antes teria transformado a condição das populações operarias e mudado toda a politica europea.

É uma revolução operada sem o ferro nem a polvora; e entretanto a sua acção benefica estende-se a toda uma geração; cada pequena parcella que se deposita nas caixas da associação, é uma promessa para o futuro, uma garantia de bem estar e de moralidade para o presente, de prosperidade e desenvolvimento para a sociedade inteira.

E comtudo Schulze será menos illustre do que Alexandre e Cesar.

Segundo o relatório de Batbie, em 1860, existiam em 1859, 200 associados de credito; em 1861, 400; em 1862, 511; em 1866, 961; em 1869, 1720; 1870, 1859.

A sociedade de Halifax, fundada em 1850, tinha em 1870, 6000 socios, capital 390 contos. Effectuou vendas no valor de 1300 contos.

A sociedade de Manchester, *Nort of England*, fundada em 1803, é um modelo de federação das associações. É esta sociedade formada por 186 associações com mais de 74:000 socios. As vendas do anno elevaram-se a 1855 contos, lucros 22 contos.

O relatório da agencia central dava os seguintes resultados dos bancos que lhe tinham enviado as suas contas. Estas agencias são de grande importancia, porque nos fazem conhecer o desenvolvimento d'estas ins-

tuições, servem de incitamento a novas empresas, mostrando além d'isto onde se deve corrigir um ou outro erro de administração, tão naturaes, principalmente n'estas instituições nascentes, que encontram de ordinario muitos escolhos :

Annos	Sociedades	Socios	Fundo	Emprestimos
1857	32	5:320	63:85\$240	405:919\$440
1858	45	11:183	165:853\$800	1.408:075\$300
1859	80	18:676	1-6:873\$660	2.788:719\$300
1860	133	31:603	356:977\$800	5 722:979\$940
1861	188	48:760	612:370\$800	11.391:305\$940
1862	243	69:202	899:395\$660	15 979:139\$540
1863	339	99:175	1.310:343\$660	22.894:614\$900
1864	445	135:013	2.195:610\$840	32 499:559\$260
1865	515	173:511	3.650:085\$400	52.000:000\$000

Segundo o relatório de Batbie, de 1861, pagaram os bancos de juros aos seus credores 410 contos, e despenderam em despezas de administração 16 contos de réis. O relatório de M. Horn, de 1862, mostra-nos a quantia de 185 contos para pagamento dos juros, e a verba de 72 contos para administração.

O banco de Liege, diz o sr. Fradesso da Silveira, fundado em 1864, contava 1:343 socios em 1871; realisára 37 contos por conta do seu capital; emprestára aos socios durante o anno 265 contos de réis; o banco de Huy, fundado em 1865, tinha 489 socios em 1872; emprestimos aos socios 80 contos; o de Namur, fundado em 1869, tinha em 1871 625 socios, realisando operações no valor de 305 contos e distribuindo um dividendo de 6 por cento.

Não se tem em Portugal, infelizmente, até hoje estabelecido instituições analogas ás que acabamos de ci-

tar, e a agiotagem por esta razão campeia impunemente no campo e na cidade.

Na aldeia mais miseravel já se encontram homens que empregam os seus dinheiros n'esta especulação; vendem até as terras que possuem para empregar os seus capitaes n'estas transacções.

As terras não podem produzir mais de 4 ou 5 por cento, e o dinheiro a juros rende 12 ou 20 e mais.

D'aqui resulta o definhamento da agricultura, a pobreza dos lavradores, a miseria das povoações ruraes.

Quem nunca saiu do centro das cidades, d'aquellas principalmente onde os palacios guarnecem as ruas e as praças, onde as carroagens se crusam em todas as direcções, nas cidades emfim onde ha todos os elementos de grandeza, não forma uma ideia exacta do que é a aldeia perdida, por assim dizer, no centro dos campos.

E são os bancos populares-agricolas, e leis severas contra a agiotagem, quem pôde varrer a miseria do lar do aldeão, tornal-o modestamente feliz, alegre e dando-lhe forças para o trabalho.

E aquella alegria, e aquella felicidade reflecte-se em todas as classes da sociedade, sendo verdadeiros elementos de progresso para uma nação inteira.

X

Sociedades cooperativas de consumo

Uma das formas da associação que muitas vantagens pôde trazer ás classes populares são as associações cooperativas de consumo.

É sabido que existe grande differença entre o preço dos generos comprados a retalho e aquelle dos obtidos por grosso. A differença representa um lucro tanto maior quanto mais importante é o consumo. Ora este interesse que um homem só desfructa, pôde ser realiado pelo proprio consumidor.

Reunindo-se pois um certo numero de familias, montando um estabelecimento para se fornecerem dos generos de que necessitam, eis em que se resume as sociedades cooperativas.

Resulta para o associado tres grandes vantagens: 1.º garantia do peso; 2.º boa qualidade dos generos que consome; 3.º um lucro obtido sem emprego de capital.

Nada mais simples, dir-se-ha. Comtudo graves difficuldades se levantam ás vezes em certos emprehndimentos, que nos parecem de tão facil realisação.

A falta de capital para n'uma dada occasião comprar os generos que se offereçam no mercado por um modo favoravel, a inexperiencia do commercio, a falta de tempo para vigiar os caixeiros que estejam nos estabelecimentos, a obrigação indispensavel dos socios comprarem os generos a dinheiro de contado, estando na maior parte habituados ao credito, tudo isto são graves difficuldades que se levantam para fundar as sociedades cooperativas de consumo. Mas se todos os homens olhassem para os attrictos que apresentam todas aquellas emprezas, que vem trazer uma certa quantidade de beneficios, mas tambem de sacrificios na sua inauguração, podemos dizer francamente que não haveria progresso, nem civilisação.

Com respeito ás sociedades cooperativas, devemos considerar os resultados que ellas tem dado n'alguns paiz es, e cobrar animo na coragem com que principalmente os operarios de Rochdale superaram todas as difficuldades.

Tem cada paiz a sua feição distincta, cada povo por consequencia o seu modo de ser economico, por isso as formulas adoptadas n'um ponto com vantagem devem de ser alteradas para dar um resultado satisfactorio n'outro logar. Assim vemos os bancos populares serem uma especialidade da Escossia, propagarem-se felizmente na Allemanha, não succedendo da mesma forma na Inglaterra, onde se desenvolvem mais as sociedades de producção. Só o estudo e os ensaios pra-

ticos podem dar-nos a conhecer quaes das tentativas terão melhor resultado.

Os operarios de Rochdale, como mais tarde veremos, começaram os seus trabalhos cooperativos com um capital de 1265000 réis.

Em Barcelona reuniram-se uns poucos de chefes de familias e formaram uma sociedade. Não tinham armazem. Dois ou tres individuos eram encarregados de fazer os fornecimentos. Cada socio entregava á commissão uma relação dos generos de que necessitava fornecer-se. Os associados não passavam de 28 no principio, que ganhavam de 400 a 800 réis diarios, e a economia que encontravam comprando por esta forma era de 10 por cento.

O unico sacrificio a que se impunham era de se fornecerem para toda uma semana e pagando logo.

Ora claro está que quanto maior fôr o numero de associados, maiores são os lucros, com os quaes se podem crear importantes melhoramentos para as classes laboriosas, taes como fundar gabinetes de leitura, bibliothecas populares, etc.

Estas questões não podem ser taxadas de utopias, porque ellas tem para se apoiarem muitos exemplos e contra os factos não ha eloquencia que convença.

Uma das cousas que a experiencia aconselha é que estas sociedades não devem começar as suas operações sem haver um capital, embora pequeno. Este poderá ser formado de pequenas quotas semanaes, que preenchem o valor de um certo numero de acções, que mais tarde receberão um juro na proporção dos lucros.

Para facilitar-se a entrada dos socios devem admitir-se todos os que o queiram ser, sem se lhe exigir mais senão uma quota semanal. As mulheres devem de ser tambem admittidas; ellas, que teem o governo domestico, são quem mais palpavelmente conhecem as vantagens praticas d'estas associações.

A cooperativa acaba com uma das causas que devoram e consomem as classes pobres, e é o fiado. A dif-

ferença de comprar pagando logo ou de comprar a crédito é immensa.

O pobre torna-se como um escravo do commerciante; o pão, o chá, o café que vae buscar á venda é como se fosse uma esmola. Não póde queixar-se da má qualidade, nem do mau peso, e até do preço por que os generos lhe são fornecidos. É isto um mal gravissimo, que deve fazer com que as classes menos favorecidas se associem. As innumeradas vantagens que d'estas instituições resultam, é que tambem movem a guerra dos pequenos negociantes contra as cooperativas; regeneram não só as classes pobres, mas até moralisam o commercio. É sabido que os commerciantes em geral servem-se de muitos meios para falsificar os generos, como por exemplo no café, ao qual misturam o grão, o tremoço, etc. Na manteiga grandes doses de sal. O vinho é esse então completamente adulterado, sendo uma bebida indispensavel, principalmente para o homem de trabalho, resulta que em vez de lhe fazer readquirir as forças, ao contrario damnifica-lhe a saude. As sociedades cooperativas, pela sua rigorosa fiscalisação, previnem estes grandes males e restabelecem a moralidade.

Para corroborar o que deixamos dito, vamos referir um caso occorrido com a cooperativa de Rochdale.

Tinha esta sociedade fundado uma fabrica de farinha para man pular o pão para os socios.

Como a farinha porem que fabricavam os cooperadores não saisse tão branca como a que compravam no mercado as mulheres dos socios, rejeitavam-a, julgando-a inferior. Foi necessario convocar uma assembléa geral dos accionistas da cooperativa, á qual assistiram mais de mil e quinhentas pessoas, contando-se n'este numero as mulheres dos socios, na qual os directores da fabrica demonstraram que a differença da cor não dependia da qualidade, senão de certo ingrediente chimico misturado á farinha que vendiam nas tendas. Poz-se á votação se para dar gosto á vista acostumada

já ao pão um pouco mais branco, se fizesse tambem a tal mistura ; decidiu-se por unanimidade que preferiam o pão honrado, ainda que menos branco, ao que lhes vendiam os padeiros.

E esta resolução exerceu grande influencia nas povoações circumvisinhas de Rochdale, de modo que os padeiros viram-se obrigados a renunciar á sua falsificação.

XI

Desenvolvimento das sociedades

Vejam agora os progressos que estas associações teem obtido em varios paizes, onde a actividade do operario consegue melhorar as condições da sua vida, e são um exemplo para aquelles que pela indolencia vivem tão amesquinhadamente.

Em 1847 havia na Inglaterra 12 sociedades cooperativas de consumo. Em 1850, havia 21 ; em 1860, 231 ; em 1865, 599 ; e em 1866 passavam já de 700.

Neste numero não estão comprehendidas as sociedades da Escocçia e Irlanda, pois que, segundo o *Registrar of friendly Societies* em 1863 o numero de associações elevaram-se a mais de 1:000.

Das 599 sociedades cooperativas de consumo, 417 deram os seguintes resultados em 1865 :

Numero de socios	118:586
Quantias recebidas pelas acções.....	4 578:000\$000
Dinheiro empregado em generos.....	23.781:000\$000
Dinheiro recebido dos generos vendidos.....	15.182:000\$000
Beneficios liquidos.....	1.256:000\$000

A mais importante d'estas associações é a de Rochdale, de que mais largamente fallaremos.

Na Allemanha em 1865 existiam 200 cooperativas de consumo, em 1869, 667 entre as quaes se distinguia a de Hambourg, que contava perto de 4.000 socios.

Existiam mais dez sociedades de uma indole especial, fundadas por pequenos industriaes, tendo por fim estabelecer armazens para a venda de diversos productos da industria dos associados.

A associação cooperativa de consumo não tem obtido grande desenvolvimento na França, assim como a associação de producção. Não são entretanto desconhecidas n'este paiz.

A mais antiga das associações francezas de que temos conhecimento é a de Guebwiller, na Alsacia.

Em 1832, por iniciativa de Schlumberger e Bourcart, proprietarios de uma fabrica de algodão, reuniram-se varios operarios a fim de obterem o pão melhor e mais barato. Construíram um forno, compraram a farinha e elles mesmos fabricavam o pão. A este fornecimento seguiram-se depois outros de generos de primeira necessidade. Uma parte dos lucros foi empregada em fundar uma caixa de empréstimos gratuitos.

Segundo o relatorio apresentado em 1839 á sociedade industrial de Mulhouse, a padaria da sociedade entregara aos associados 452,181 pães, o que não impedira de realisar um fundo de caixa de 2:340,5000 réis.

Juntando esta somma aos beneficios alcançados pelos operarios pela differença do preço da compra chega-se a um total de 12 contos de réis, representando a economia real obtida em proveito dos socios.

A associação consumira cada anno 9:700,5000 réis de farinha; fornecera de 3 contos a 3:600,5000 réis de lenha. Os empréstimos gratuitos elevavam-se por anno a proximo de 3 contos de réis.

Em 1849 o numero de socios era de 1.500. É esta associação fundada e dirigida por operarios, e não admite senão aquelles cuja conducta moral e civil é irreprehensivel¹.

Mrs. Dieuze e Grimaldi estabeleceram uma padaria para fazer face á carestia de 1847. Esta padaria, da

¹ Vid. Hennéquin. Notas de viagens.

qual elles reservaram no principio a administração, fornecia o pão aos operarios pelo preço medio dos cinco annos precedentes. Passada a crise a padaria foi entregue aos socios.

Prestou um grande auxilio em 1848. Os seus beneficios serviram de incitamento para se fundar uma caixa de soccorros, e um banco que pode fazer emprestimos annuaes de 5 a 7 contos, calculando a duração dos emprestimos de 3 a 4 mezes.

Em 1851 existiam, principalmente no norte da França, muitos estabelecimentos que se poderiam considerar filiaes d'este, mas que o decreto de 2 de dezembro veio em parte destruir e em parte paralisar.

Entre as que existiam em 1865 notava-se a sociedade alimenticia de Grenoble. Fundada em 1850, começou a funcionar em 1854. Segundo a definição do fundador, a associação alimenticia é uma reunião de individuos que mandam preparar n'uma cosinha commum os alimentos. Estes alimentos são levados aos domicilios ou consumidos no refeitório. O diploma de socio adquire-se pnr meio d'uma carta que, segundo uma ou outra hypothese, custa proxivamente 200 réis por anno. Os alimentos são vendidos pelo menor preço. A associação é administrada por uma commissão de quinze membros nomeados em assembléa geral.

Ha um outro comité de cem membros escolhidos pela commissão e dos quaes muitos pertencem aos primeiros logares da população.

Todos os dias tres membros d'este comité estão de serviço no estabelecimento. Um recebe as senhas na primeira entrada, outro recebe as d'este e ambos procedem á distribuição dos alimentos.

Estrs associações são de grande utilidade para as povoações pobres e para aquelles dias de desgraça que ás vezes affligem a humanidade, como uma epidemia, uma guerra ou carestia dos alimentos, proveniente de um anno de escassa colheita.

Preside a estas instituições mais um fim de caridade

do que de economia, o que demonstra a iniciativa que n'ellas tomam muitas vezes homens a quem a fortuna favorece.

Quando se fundou esta associação tinha 965 socios; seis mezes depois elevava-se aquelle numero a 2.020.

No principio os preços eram os seguintes: 1 litro de sopa 20 réis; 13 grammas de carne ou peixe 200 grammas, 40 réis; pão, 160 grammas, 20 réis; vinho 1/4 de lilro, 15 réis; etc. Haviam dois refeitórios, um para homens e outro para mulheres, e onde era rigorosa a ordem e o aceio.

No primeiro semestre era o estado da associação o seguinte:

Tinha comprado de viveres.....	7:200\$000
Despezas geraes.....	1:000\$000
	8:200\$000
Receita.....	9:400\$000
Lucro liquido.....	1:200\$000

Um operario podia-se então sustentar com 120 réis diarios.

Quando tratarmos da associação em Portugal, fallaremos do refeitório operario, fundado em Lisboa em 1853, e do refeitório de Alcantara.

XII

A associação cooperativa de Rochdale

Em 1844 reuniram-se 28 operarios da povoação de Rochdale, sendo os principaes iniciadores Daley, Howarth, Smithors, John Well, Kent, William Cooper e Ashwortb, com o fim de formar uma sociedade cooperativa de consumo.

Aquelle numero de associados elevou-se depois a 40; impozeram a si proprios o pagamento de uma

pequena quota semanal, afim de formarem um fundo com o qual podessem começar as suas operações.

Denominou-se esta sociedade; *Equitable Pionners of Rochdale*.

O programma por elles apresentado foi o seguinte:

1.º estabelecer um armazem para a venda de viveres e fato;

2.º construir ou comprar casas hygienicas e commo-
das para os associados;

3.º fabricar os productos mais necessarios, afim de se obterem mais baratos, e ao mesmo tempo dar trabalho aos associados que o não tivessem, ou que nas officinas onde trabalhassem soffressem injustamente redução nos seus salarios;

4.º adquirir por compra ou arrendamento terrenos que seriam cultivados por aquelles socios disponiveis, e que depois seriam divididos em propriedades industriaes entre os socios;

5.º consagrar uma parte dos beneficios futuros á creação de estabelecimentos communs para a instrucção e desenvolvimento moral dos menores da associação;

6.º finalmente, logo que podesse, a sociedade occupar-se-ia de organisar a associação de producção, a distribuição do trabalho, a educação, o governo, ou, em outros termos, fundar uma colonia unida em interesses, existindo só por si, e ajudando outros associados a crear novas colonias.

Era vastissimo este plano para uma sociedade cujo capital era apenas de 426,5000 réis.

Riram muitos d'esta sociedade, e era até certo ponto justificavel o seu modo de ver esta grande empreza com tão pequeno recurso.

As difficuldades levantaram-se então em seu caminho. Os commerciantes, porque viam n'esta associação, no caso d'ella prosperar, um desfalque aos seus interesses. A exiguidade do capital embaraçava-os a fazerem fornecimentos em condições vantajosas, a inexperiencia no commercio levava-os á compra de generos

damnificados. O numero de socios tambem não augmentava com aquella progressão necessaria, porque os fornecimentos tendo de ser feitos a dinheiro de contado, os associados costumados a comprar fiado, isto difficultava a sua adhesão.

Não desanimaram entretanto os operarios de Rochdale. Diversos alvitres foram adoptados e a associação elevou-se mais tarde a um desenvolvimento, podemos dizer que fabuloso.

Bem haja a sua energia, a sua fé no futuro e no trabalho.

Em 1845 fundou esta associação um armazem para a venda de chá e café, pagando cada socio para isto uma quota extraordinaria. No fim d'aquelle anno o armazem tinha um capital de 800\$000 réis, e as vendas hebdomadarias elevavam-se a 140\$000 réis.

Dos trabalhos estatisticos de Mr. Huber extrahimos o quadro que demonstra o desenvolvimento d'esta sociedade desde a sua fundação até 1859.

Annos	Socios	Capital
1844	28	126\$000
1845	74	814\$500
1846	80	1:134\$000
1847	110	1:310\$500
1848	140	1:789\$500
1849	390	5:368\$500
1850	600	6:705\$000
1851	630	12:532\$500
1852	680	14:899\$500
1853	720	26:516\$000
1854	900	32:274\$000
1855	1:400	49:635\$000
1856	1:600	58:140\$000
1857	1:850	68:139\$000
1858	1:950	81:720\$000
1859	3:000	135:000\$000

Desenvolvimento da associação em 24 annos:

Socios	6:703
Capital (augmento).....	557:000\$000
Valor do negocio (augmento).....	1.309:000\$000
Lucros (augmento)	168:000\$000

Esta associação em 24 annos de existencia realisou transacções no valor de 11:430 contos; lucros no valor de 1:329 contos; e independente de todas estas vantagens, possui uma livraria de mais de 1:000 volumes para uso dos socios, e tinha em 1866 doze edificios construidos para uso da sociedade, que custaram 270 contos.

Nestes edificios, entre os quaes se conta um estabelecimento central, que custou 45 contos, estão estabelecidas as seguintes industrias:

Um armazem de comestiveis para a venda por grosso e doze para venda a retalho; doze talhos; seis casas para roupa; algibeães, lojas de calçado e estancias de carvão.

Além da livraria, a sociedade tem onze gabinetes de leitura para uso dos socios, providos com centenaes de jornaes e grande numero de globos, mappas, atlas, telescopios e outros instrumentos scientificos.

Como filiaes d'esta sociedade fundaram-se outras de producção, tirando os fundos da caixa da associação.

A primeira d'estas, que se estabeleceu em 1851, foi uma fabrica de farinhas, com 28 pares de mós movidas a vapor.

Eis aqui um resumo do progresso d'esta sociedade desde a sua fundação até 1868:

Annos	Capital	Transacções	Beneficios
1851	11:758,000	—	—
1861	119:871,000	750:600,000	45:000,000
1868	388:800,000	1.572:000,000	21:708,000

O valor total dos negocios realisados desde a sua fundação até 1869 ascende á somma de 10:617 contos.

O total dos beneficios realisados desde a sua fundação até 1869 ascende á somma de 501 contos.

Em 1857 começou a trabalhar uma nova associação de producção, fundada pelos operarios de Rochdale, para o fabrico de tecidos de algodão.

A crise algodoeira produzida pela guerra civil dos Estados-Unidos pouco depois de fundada a sociedade, a falta de algodão e o panico monetario de 1866 prejudicaram consideravelmente o desenvolvimento d'esta associação, que resistiu comtudo e venceu tantos obstaculos, emquanto outras industrias d'este genero ficaram completamente aniquiladas.

Progressos da sociedade até 1868:

Anos	Capital	Beneficios
1857	19:579\$500	3:996\$000
1861	311:926\$500	23:566\$500
1866	498:897\$000	27:670\$500
1868	511:164\$000	10:134\$000
Total valor dos negocios realizados pela sociedade desde a sua fundação até 1869....		4.320:252\$000
Total dos beneficios realizados por esta sociedade desde a sua fundação até 1868.....		112:500\$550
Reunindo as sommas totaes das tres associações rochdalenses, a de consumo, a de padarias e de tecidos, teremos os seguintes resultados:		
Socios em 1868		6:731
Capital das tres sociedades.....		1.454:512\$000
Termo médio do capital de cada socio.....		216\$000
Valor dos negocios realizados pelas sociedades em 1868		3.464:275\$500
Beneficios que obtiveram no dito anno		200:407\$500
Valor total dos lucros obtidos em egual periodo		1.843:222\$500
Valor total dos negocios realizados desde a sua fundação.....		26.368:029\$000

XIII

Sociedades cooperativas de produção

Vejamos as vantagens que ás classes operarias surgem das sociedades cooperativas de produção. O operario sem dinheiro é o escravo do trabalho; consegue apenas sendo honesto e activo, os meios pouquissimos

de viver. Se não tiver uma rigorosa economia, e um cuidado meditador sobre o seu futuro, acaba os seus dias na mais completa desgraça. Por mais intelligencia que tenha e amor ao trabalho que manifeste alcança apenas pequenos melhoramentos nos salarios, os quaes nunca o collocam n'um estado de independencia e felicidade.

É simplesmente pela cooperação que elle, na ausencia de capitaes pôde realizar o seu bem estar.

Na officina em que são operarios são igualmente proprietarios; d'aqui nasce o duplicado amôr ao trabalho; toda a energia que empregam, toda a intelligencia que desenvolvem augmentam os seus beneficios, fazem prosperar a sua industria, já não trabalham para um homem só disfructar um certo numero de interesses; as vantagens são para todos. O que os operarios necessitam para estas sociedades é muita urbanidade, muita união e amôr ao trabalho. Vejamos a opinião de alguns economista sobre esta questão e os exemplos tirados da vida pratica das associações, onde se manifestam claramente as vantagens das cooperativas de producção.

A grande sciencia do especulador, diz Cochut, um dos mais fervorosos apostolos da associação, quando ella em França era considerada como uma utopia ridicula, como uma grande loucura, segundo a expressão de M. Thiers, sendo reduzir o preço da compra, aproveita tanto quanto lhe fôr possível da concorrencia de braços que se lhe vem offerecer. A cessação periodica do trabalho não os inquietam. Entraram nos seus calculos, e considera como sendo naturaes á sua profissão. O lucro dos mezes de boa venda lhes basta, e o tempo em que ha falta de trabalho não é para elle senão de repouso. Que interesse teria em arriscar o seu capital para sustentar os seus operarios?

Os operarios que teem associado os seus interesses a uma empresa qualquer manifestam tendencias completamente oppostas. Tem por principio fazer a concorrencia pela qualidade dos productos, e não pelo bom

mercado. Manter os salarios á altura conveniente, tal é a base da sua politica commercial. Toda a empreza que, depois de ter saldado os gastos geraes, deixa aos associados uma remuneração sufficiente, parece-lhes accetavel. A consideração do producto fabricado, que se destina ao augmento do fundo social e á prosperidade da associação, não apparece senão em segundo logar. Quando a sociedade precisa mais operarios ou socios, chama de preferencia aos que então não tem trabalho, não para especular com a necessidade, mas para lhes fazer participar immediatamente em todas as acquisições collectivas.

A falta de trabalho sendo o mal do operario, é contra o que a associação reúne todos os seus esforços.

Trabalhar durante as epochas que são ordinariamente improductivas, é augmentar a sua receita annual de 20, de 30, de 50 por %, segundo as diversas artes ou conforme a falta de trabalho é mais ou menos longa.

Cada grupo, consultando o estado da sua caixa e a aptidão do seu pessoal, pensa em achar uma occupção transitoria e lucrativa para os individuos sem ser onerosa para a sociedade.

Vejamos a theoria de C. Perier :

Os salarios são pagos ao preço corrente aos operarios, que recebem além d'isto o interesse de 5 % do fundo pessoal que possuem na associação. O excedente, tiradas todas as despesas, compõe o dividendo que se reparte por egual proporção, entre o capital e o trabalho. Aquelle do qual o trabalho representa a mesma somma que o capital recebe duas partes eguaes de dividendo; aquelle do qual o capital desembolsado é superior ao salario recebe duas partes deseguaes, das quaes a que se applica ao capital é maior do que a somma dedicada ao salario *vice-versa*.

Para tornar este modo de repartições mais claro, supponhamos tres interessados na empresa : A, que desembolsou 18\$000 reis de capital, mas que não trabalha ou que trabalha fóra ; B, que ganha 18\$000 réis,

por seu salario, mas que nada desembolsou; C, que desembolsou 4,500 réis e que tem ganho 13,500 réis. Supponhamos por outro lado que o interesse sendo de 5 %, o dividendo foi fixado a 6 %, o quadro seguinte mostra o total da somma que cada um tem recebido no anno ou que fica inscripto ao seu credito :

	Capital	Salario	Interesse do capital	Dividendo do capital	Dividendo do salario	Total
A	18,000	—	900	1,080	—	19,980
B	—	18,000	—	—	1,080	19,080
C	4,500	13,500	225	270	810	19,305

O economista mais rigoroso não encontrará uma objecção contra esta repartição. O capital e o trabalho, a creação da riqueza e a riqueza creada tem os seus direitos igualmente respeitados; o capital não recebe sómente um juro, mas uma parte dos lucros; o individuo toma nas vantagens da obra commum a parte que lhe pertence, conforme os titulos que possui

A adopção d'este modo de repartição é a mais eloquente resposta a toda a accusação das tendencias socialistas.

A primeira das sociedades de producção que encontramos em Inglaterra, é a dos moinhos de Leeds. Fundada em 1847 por meio de acções de 4,500 réis, a associação tinha em 1854, 3:200 socios, possuía um capital de 18 contos de réis, despendia annualmente mais de 129 contos. Os lucros realisados em sete annos, de 1847 a 1854 elevavam-se a 33 contos. A economia para os compradores era de 50 %. Esta associação exerceu larga e directa influencia no commercio, fazendo com que baixasse o preço das farinhas.

Outras quatro empresas se succederam a estas.

Entre as grandes associações de producção, é pre-

ciso citar a importante fabrica de velas de cera de Belmont, fundada sob a acção directa da sociedade de Manchester.

Empregava em 1865 mais de 500 operarios que encontravam n'ella para o desenvolvimento intellectual e moral soccorros de toda a especie.

Pôde-se a esta juntar a grande associação de Bristol proximo de Birstall, que empreheudeu a confecção de fatos, comprehendendo 657 membros e da qual a cifra das transações varia annualmente de 54 a 67 contos.

A associação dos alfayates de Liverpool, fundada em 1830 com 12 membros e um capital de 225,5000 réis, que em 1864 tinha mais de 200 socios fazia 27 contos de transações, pagava mais de 11 contos de salarios annuaes; que, com os seus lucros, formou um fundo de reserva, fundando uma caixa de soccorros e estabelecendo uma bibliotheca para os seus socios; a associação dos tecelões, fundada em 1849, com doze membros e um capital de 1,600 réis, em 1854, possuia 30 teares, e fazia transações no valor de 9:000,5000 réis.

Poder-se-iam citar muitas mais em diversas industrias como de pintura, de cordoeiros, de chapelleiros, etc. Poderiamos fallar além da associação dos alfaytes de Liverpool, de muitas outras d'este mesmo officio, das quaes uma composta de 18 membros fazia transações annuaes no valor de perto de 20 contos; poderiamos citar que os serralheiros de Londres, associados em 1851 em numero de 20 com um capital de 180,5000 reis possuiam tres annos depois um capital de mais de 13 contos, que os operarios constructores de pianos, cuja associação comprehende 14 membros, realisavam cada anno proximo de 12 contos; que os operarios douradores de Londres, reunidos no principio em numero de 5, fundada com um capital de 36,5000 réis, obtido por cotisações de 500 réis por semana, possuiam em 1865 um capital de um conto de réis. Mas estes factos são bem eloquentes para mostrar as vantagens d'estas associações.

As sociedades de producção devem em França a sua existencia a M. Buchez, que lhes traçou o caminho com o seu jornal o *Européen*.

Começaram a apparecer em 1831 tomando mais largo desenvolvimento em 1848.

O jornal *A Officina* descrevia por esta forma o estado social:

«A sociedade actual está constituida n'um systema economico absolutamente falso; é o systema da diversidade dos interesses, d'onde nascem todas as miserias sociaes.

E' sómente do systema contrario que podem sahir a ordem, a harmonia geral, a felicidade do povo. É preciso, pois, chegar a fundar n'um interesse unico e commum todos os intereses particulares. Esta fusão operou-se progressivamente pela associação, isto é pela agregação successiva n'um mesmo centro d'actividade de todos os trabalhadores e de todos os trabalhos.

«N'outros termos: a concurrencia, é o mal: a associação, é o remedio; a fusão geral dos interesses, é o fim.

Vejamos praticamente a questão.

O estado facilitaria o estabelecimento de algumas officinas sociaes, onde seriam chamados a titulo de associados todos os operarios necessario. Todas estas officinas deviam de ser unidas pelos laços da mais estreita solidariedade, conforme ao principio da fusão absoluta dos interesses.

«Cada operario será pago a rasão de 900 reis por oito horas de trabalho. No fim do anno, a conta exacta dos beneficios seria formada, e a somma dos lucros repartida por esta forma:

«Uma parte servirá ao reembolso dos adiantamentos feitos á associação pelo Estado ou pelo credito particular. Uma vez operado o reembolso, a mesma parte continuaria a ser guardada e constituiria, com os instrumentos já adquiridos, o capital social inalienavel.

«Uma outra parte seria dedicada para alliviar as doen-

ças dos enfermos e dos invalidos; uma ultima parte seria distribuida annualmente e egualmente aos operamos.

«Tal é a theoria e taes são os meios praticos.»

De algumas trezentas associações que se formaram em França de 1848 a 1851, não existiam em 1865 mais de quinze. Foi isto devido principalmente a que grande numero de pequenos industriaes buscarem a associação para desta forma obterem a subvenção que o Estado lhes distribuia, que, longe de as beneficiar lhes fazia perder as qualidades economicas.

A assciação dos cadeireiros fundada em 1848, com 400 socios, esteve quasi a extinguir-se: reconstruir-se em 1849 com vinte associados com um capital de 5\$000 reis; recebeu do governo um subsidio de 5 contos de reis.

Oito annos depois o seu capital era fixado em reis 3:400\$000.

A associação typographica nasceu em 1848; Mr. Remquet comprou a imprensa de Mr. Renouard; alcançou do governo 14 contos. A imprensa custava 10 contos. Em 1858, epocha de liquidação, pagou ao Estado o emprestimo que este lhe fizera, e tinha um capital de 12 contos de reis.

A associação dos operarios de limas, fundou-se em gosto de 1848, com 14 associados e com um capital de 400\$000 reis em material e 90\$000 reis em dinheiro; recebeu do governo reis 1:800\$000. Em 1864 o numero de socios era de 48 e o seu capital 20 contos

Das associações não subvencionadas no tempo da republica apenas em 1864 existiam doze.

Vejamos um exemplo da cooperação agricola, observemos a sociedade de Assington.

O seu fundador foi M. Gurdon, proprietario nas proximidades de Assington, em Norfolk. Em 1830, arrendou 60 acres (27 hectares proxivamente) de terras a uma associação de quinze lavradores, que tomou o nome de *Sociedade cooperativa agricola d'As-*

*sington*¹. Cada um entrou para um fundo commum com a modesta somma de 13\$500, e um adiantamento de réis 1:800\$000 feito por M. Gurdon, completou o capital social. Os habitantes da freguezia eram somente os que podiam ser accionistas. O terreno arrendado não offerecendo trabalho regular senão a cinco homens e dois ou tres rapazes, não poude occupar todos os accionistas.

A exploração do terreno foi confiada a um dos operarios, que, a titulo de gerente, recebia além do salario ordinario, a pequena gratificação d'um shilling por semana.

A administração financeira estava a cargo d'uma commissão de quatro membros, renovada metade annualmente. Ainda que o capital social não attingiu a cifra que os rendeiros inglezes julgam necessario para fazer valer a terra, a associação prosperou: augmentou a sua area com mais 130 acres (60 hectares) e, para fazer face ás suas novas despezas, augmentou mais seis accionistas. O emprestimo feito por M. Gurdon foi reembolsado; a associação tornou-se proprietaria de todo o material, comprehendendo seis cavallos, quatro vacas, cento e dez carneiros e trinta um porcos; seguiu os seus edificios por mais de 2 contos; e viu as suas acções emittidas ao capital 13\$500 réis attingirem o preço extraordinario de 225\$000 réis.

Que estes bellos exemplos façam despestar o espirito do povo e lhe abra as portas d'um futuro modesto embora, mas tranquillio e feliz.

XIV

Sociedades edificadoras.— Godin

Uma das questões principaes para as classes menos abastadas são necessariamente as habilitações.

¹ Vide, Comte de Paris, *Trades Unions*.

De uma boa casa, alegre, acceiada, resulta para o seu morador o gosto de estar com a familia e o bem estar do seu physico.

De ordinario as casas baratas, quer nas capitaes, quer nas villas ou aldeias, são pessimas, sem luz e sem ar, contra todos os preceitos hygienicos. Fazer habitações baratas e commodas, tal é o grande pensamento que tem preocupado muitos economistas.

Varios meios se teem adoptado; um formando companhias a fim de tornar o homem de poucos haveres proprietario da sua casa; o outro estabelecendo habitações elegantes, com todas as condições da boa hygiene e alugando-as baratas ou pelo mesmo preço por que se pagam as más.

Uma das mais importantes sociedades é a de Muhlhouse, fundada por Dollfus em 1853, com doze dos principaes fabricantes, com um capital relativamente pequeno.

O imperador concedeu-lhe uma subvenção de 300:000 francos, com a condicção de não se venderem as casas senão pelo seu custo, e arrenadal-as, tirando d'ellas apenas o juro de 8 por cento.

Nos seus estatutos determinou tambem a sociedade que, decorrido um certo numero de annos, nenhum operario poderia ser proprietario ou locatario se seus filhos não frequentassem as escolas.

Santo principio este, que deveria ser adoptado em tudo, a fim de se levantar o nivel moral e intellectual da classe operaria.

N'esta companhia o comprador começa pagando uma somma de 50 ou 60 mil réis, segundo o valor das casas, que variam de 400 a 500 mil réis. Para pagamento do resto paga-se de 3 a 4 mil réis mensaes, que o futuro proprietario pagaria pelo aluguer da casa que habitasse, e por este modo, no fim de 12 ou 13 annos, encontra-se um homem senhor de uma casa.

A sociedade concede o praso de 15 annos para pagamento da habitação que se deseja.

Em 1864 a sociedade tinha construído 700 casas, das quaes 580 estavam vendidas.

Vejamos o que diz Bathie sobre esta sociedade.

«Ella estimula o operario; tornando-o capitalista e facilita-lhe os meios de o conseguir. Possuir um capital proprio é desde logo um excellente meio de obter um certo capital momentaneamente, de ter finalmente credito. Por esta razão a população operaria, para dar aos seus membros aquella garantia, pensou em tornal-o proprietario, de preferencia a capitalista.

O operario que tenha uma certa quantia n'uma caixa economica tem menos credito do que aquelle que possui uma casa.

Depois o proprietario diligenciará em conservar a sua casa, onde estabeleceu a sua familia, e isto o fará economico e cumprir fielmente a sua palavra.

As — *Building societies*, na Inglaterra, são caixas de credito para a compra ou construcção de casas.

O socio subscreve com uma acção, cujo valor nominal é de 540\$000 réis, pagavel em 14 1/2 annos, e em quotas semanaes de 560 réis que prefaz a quantia de.....	394\$000 réis
Adicionando os juros.....	145\$800 »
Somma	<u>540\$000</u> »

Ha na Inglaterra mais de 2:000 associações d'esta indole, com mais de 200:000 socios.

A mais importante é a de Leeds, fundada em 1848.

Ao lado das *building* ha as *land societies*, que teem por fim comprar grandes porções de terreno e vendel-o depois a retalho para edificações.

Em Birmingham, em 1866, haviam 12 sociedades cooperativas como as de Leeds; em Liverpool 180; em Manchester 50; em Sheffield poucos operarios ha que não tenham uma casa com o seu jardim; em Wolverhampton haviam 900 casas edificadas por estas sociedades.

Em 1844 fundou-se em Londres uma sociedade para

melhorar as condições dos operarios, e em 1845 a sociedade metropolitana para melhoramento das habitações.

É manifesto o interesse de todas estas companhias e sociedades; quer ellas emprestem o dinheiro ao operario, como as inglezas, para a compra do seu predio, quer ellas, como as francezas, dêem logo um quarto para habitação do operario.

Este systema, desenvolvendo-se em todas as cidades, melhorára não só a saude da classe pobre, mas era um embelezamento. Quantas ruas estreitas, sujas, encontramos desfeiendo muitos bairros populosos e nos quaes é difficil traçar ruas largas e limpas e edificios, embora singellos, mas de uma apparencia agradável, porque a sua expropriação seria muito custosa, e além d'isto a classe pobre, convertendo-se-lhe os casebres em palacios, não teria onde habitar.

Como se ha de obstar e remediar estas causas? Sómente pelas sociedades edificadoras, compostas de homens, que, querendo tirar um certo lucro dos seus capitaes, tenham ao mesmo tempo o pensamento de beneficiar as classes pobres e contribuir para o progresso do paiz a que pertencem.

N'este campo vemos duas classes de interessados; uma, a classe que pelo seu trabalho ou pequenos rendimentos não póde comprar palacios, mas que por meio de sociedades edificadoras póde adquirir uma casa para habitar.

A segunda classe é composta dos operarios, e d'aquelles finalmente que não podem com os seus mequinhos vencimentos conseguir a propriedade de uma habitação, mas que necessitam de uma casa com todas as condições hygienicas.

Em todas as cidades ha terrenos baratos, onde se podem construir habitações commodas, e que, alugadas por preços rasoaveis, ainda assim deixam um lucro sufficiente. Tres vantagens resultam d'aqui; primeira, para o locatario; segunda, para o paiz, que

substitue habitações velhas por habitações novas, ficando os casebres desertos e sendo depois facil a sua expropriação; terceira, por que quanto maior for o numero de habitações, mais descera o preço do seu aluguer. o que é uma vantagem para a população. D'este modo desaccumula-se o monopolio das propriedades nas mãos de um certo numero de individuos.

Necessario é pois tambem regular a posse da propriedade.

A classe operaria encontra-se muitas vezes a braços com a necesssidade; os poucos haveres que tem são n'esses momentos queimados nas mãos da torpe agiotagem.

Se elle possuir uma casa, é evidente que de um anno a outro vae-se para as mãos do argentario, e estas habitações, feitas para um fim benefico, passam para o poder dos especuladores. É pois necessario que a casa do operario seja um valor inalienavel, livre de toda a acção da usura, sujeita apenas áquelles impostos lançados em todas as propriedades.

Uma outra questão que é preciso attender, sendo os operarios proprietarios de todo um predio ou de cada quarto que habitam, é a reparação da propriedade.

Para este fim é urgente que entre os proprietarios-locatarios de um certo numero de habitações, se estabeleça uma associação de reparação.

Por esta fórma a propriedade conservar-se-ha e sem aquellas grandes despesas que surgem de momento a um proprietario.

Entre os homens pensadores que se teem occupado das questões sociaes, o nome de Godin surge como um pharol a encaminhar os apostolos sinceros das classes desvalidas.

O livro *Soluções sociaes*, é uma gloria para o seu auctor e uma prova inquestionavel da sua grande alma. N'elle encontra-se um estudo completo da sociedade. Vê-se o philosopho, o homem liberal, o amigo sincero

do operario. Ha capitulos n'este livro escriptos com uma eloquencia que enthusiasma; sente-se alli o palpitar de um grande coração, que, doido dos males alheios, procura encontrar o balsamo para as desgraças da sociedade.

Fourier sonhou no phalansterio, Godin pensou e realisou o familisterio, cuja descripção ¹, que abaixo vamos apresentar, deliciará de certo o leitor, embora longa.

Capitalistas e operarios, pense e n'estas graves questões sociaes e procure melhorar as vossas condições.

Se o familisterio não se póde por enquanto realisar em Portugal, com referencia ás classes industriaes, facil será comtudo leval-o ao cabo na formação de colonias agricolas.

Nas cidades vantajosamente reciprocos podem ser os edificios construidos para os operarios ou classes pobres. O capitalista edificando estas casas, lucra talvez mais, e a classe fica-lhe eternamente grata.

Um exemplo vem já comprovar o que dizemos.

Ha tempos vimos annuciado nos jornaes da capital o aluguer de casas baratas; uma especie de familisterio. Movidos pelo interesse que tomamos n'estas questões sociaes, fomos visitar este estabelecimento. É um palacio situado na estrada da Penha de França. O seu proprietario dividiu-o em quartos, cujo preço é inferior ao das casas pobres, havendo a differença de serem muito melhores. No pateo da entrada encontra-se uma especie de regulamento tendente a estabelecer a boa harmonia e moralidade dentro do edificio. O proprietario, á sua custa, estabeleceu uma escola para os filhos dos locatarios, que é frequentada por grande numero de alumnos. No mesmo edificio ha uma capella. Finalmente, inquiridos os habitantes d'este palacio, todos dizem estar satisfeitos. O proprietario aufere d'este modo maior rendimento; as vantagens são reciprocas.

¹ Extraída do jornal *Europe*.

Com edificios novos os resultados serão os mesmos. Por esta fórma poder-se-ia de futuro acabar com o infecto e insalubre bairro de Alfama, onde se encontram becos que mais parecem covis de animaes immundos, do que habitações de seres humanos.

Que homens dignos da civilisação podem sair d'aquelles antros de miseria, d'aquellas cavernas quasi sem luz, sem ar, n'uma atmosphaera de morte!?

XV

O familisterio de Guisa

Eleva-se o familisterio n'um vasto jardim atravessado por um canal, e compõe-se de dois vastos paralleogramas unidos por uma face. Cada um d'elles tem no centro um grande pateo coberto de um corpo de crystal mais alto que o edificio. A circumferencia de ambos é de 394 metros, e, postos em linha os pavimentos inferiores e os tres de que cada um se compõe, occupariam uma extensão de 1.576 metros. Apesar d'isto, as habitações mais distantes não estão separadas mais do que por uns cem metros o que facilita muito as relações.

Cada inquilino tem á sua disposição um armazem e um celeiro. As dependencias do familisterio, escolas, celeiros, etc., collocados na parte inferior e superior do edificio, occupam uma extensão de 200 metros.

Os dois grandes pateos tem, um 45 metros de largo; e 35 o outro de comprido.

Em cada face ha uma larga e commoda escada, e em cada andar um corredor em forma de balcão, que dá volta a todo o pateo; para estes corredores, perfeitamente resguardados da intemperie, dão as portas e janellas interiores das habitações. Os corredores são largos como se fossem galerias, e podem chamar-se as ruas do familisterio.

Em cada andar ha varias fontes, nas quaes os visinhos se provêem da agua que desejam.

Cada habitação tem a sua latrina; de modo que todos os serviços domesticos da limpeza se fazem com mais facilidade e economia de tempo, não só nas casas pobres, como nas ricas.

No familisterio, depois de quatro annos de fundado, uma das cousas que mais chamou a attenção, foi o aceio das habitações assim como dos pateos, corredores e escadas.

Ao menos alli a habitação do homem não póde confundir-se com a dos animaes; o desleixo que se nota nas habitações pobres não se ancontra no familisterio.

O aceio interior das habitações compete aos locatarios; porém fóra da sua porta já não tem a cuidar em nada. Cincoenta e cinco pessoas de ambos os sexos, pagas pelo proprietario, estão encarregadas da limpeza de todas as partes do edificio, que não estão occupadas.

Quando o trabalhador e sua mulher estão no trabalho da fabrica ou do campo, a familia vê-se com frequencia privada do alimento a horas regulares; porém no familisterio ha uma grande cosinha abundantemente provida de comestiveis e bebidas da melhor qualidade, compradas pelo proprietario directamente nos centros productores, e que se vendem a preços ainda mais modicos do que nos estabelecimentos publicos aos habitantes do familisterio, que os consomem segundo a sua vontade, ou nas casas publicas, ou nas suas habitações.

Nos armazens ha abundante provisão não só de carne cozida e crua, de pão, manteiga, queijo, leite, legumes, etc., assim como de fatos, calçado, tudo da melhor qualidade e mais barato do que na cidade.

Um medico vae todos os dias visitar os enfermos; ha banhos dentro do estabelecimento á disposição de todos, e estando doentes podem tel-os na sua habitação.

Não sómente no familisterio ha aquelles meios para

satisfazer as necessidades materiaes; os gosos da intelligencia encontram tambem plena satisfação.

No primeiro andar ha salas de reunião, de leitura, bilhar e outros jogos, e uma bibliotheca para uso dos inquilinos e estes gosos completam-se com o vasto jardim que termina nas tranquillias aguas do Oise, d'onde nos barcos da propriedade, uns se divertem em pescar ou em remar nos dias de ocio, enquanto os outros cultivam um pedaço de terra.

Vêmos, pois, no familisterio o capital e o capitalista de Guisa melhorando as condições da existencia do trabalhador. Que os habitantes do familisterio, trabalhadores do grande estabelecimento industrial Mr. de Godin, se interessem com as economias na industria que este explora; que se convertam em accionistas; que, como taes participem dos beneficios, e o familisterio será a base mais ampla da cooperação creada até agora; toda esta população operaria alojada n'um magnifico palacio, associado, estimado e regenerado.

O que primeiro fez comprehender aos habitantes do familisterio as vantagens da vida social que lhes offerencia o seu intelligente proprietario, foi a educação dada aos seus filhos desde que nascem até que saem da escola de instrucção primaria e entram nos officinas como aprendizes; todos os filhos dos habitantes do familisterio são educados gratuitamente.

A familia do operario gosa no familisterio, com respeito á educação de seus filhos, mais vantagens do que os filhos dos ricos no seio da sua opulencia.

O filho do rico é desde o berço o objecto da solicitude da sua mãe; amas e criadas tratam-o em habitações separadas, meios pelos quaes os paes e demais familia gosam de uma tranquillidade que não podem disfurtar os pobres, que em reduzida habitação vivem misturados com a sua prole, da qual com frequencia se livram deixando-a correr pelas ruas e praças com prejuizo da sua educação moral. No familisterio os cuidados distribuidos á infancia, são mais

proveitosos a esta do que os que prodigalisam as classes ricas e medias.

As escolas infantis e de instrucção primaria de ambos os sexos estão no andar baixo do edificio, e a entrada do jardim ha uma sala especial, consagrada ás creanças que se querem desmamam, e onde as suas mães as deixam quando lhes convém, na certesa de que estão perfeitamente vigiadas.

N'este estabelecimento, que é um dos mais interessantes do familisterio, as creanças encontram-se como no seu proprio centro; mulheres carinhosas alternam no seu cuidado; tem commodos berços, roupa limpa e quente, alimentos e distracções proprias da sua idade. Para evitar ás creanças os inconvenientes da intemperie, este edificio está unido ao familisterio por uma galeria com um tecto de vidro, de modo que as mães podem levar-os sem sabir ao ar livre, e no sótão ha um calorifero que conserva sempre a temperatura conveniente.

Um balcão rodea este edificio pelas tres partes que olham para o jardim, pela qual se passeam as creanças quando o tempo permite.

Dentro d'este palacio em miniatura, construido expressamente com o objecto de facilitar todas as commodidades necessarias ás creanças desde o dia que nascem até que sabem andar, ha todas as habitações e dependencias necessarias para que nada falte.

No meio da sala principal, onde ha duas divisões, nas quaes collocam as creanças segundo as suas affecções e caracteres, ha um estrado redondo, de dois metros e meio de diametro, com uma balaustrada interior e outra exterior, que fórma uma especie de galeria circular, na qual as creanças começam a aprender a andar, formando o resto no centro como uma praça.

O balcão que rodeia o edificio tem uma escada por onde se vae para o jardim, no qual nas horas de recreio se reúnem.

Para procurar a limpeza e facil aeeio dos berços, supprimem-se os colchões, pondo em seu lugar se-

meas, sobre as quaes collocam os lençoes, e todas as manhãs trocam estes e a porção das sementes humedecidas, servem de alimento aos animaes do curral. D'este modo o aceio é mais perfeito e muito mais facil do que com os colchões e com todos os systemas usados até agora.

Aos 23 ou 26 mezes as creanças passam d'estes aposentos ás salas dos *bambinos*, onde estão até á idade de seis annos.

As directoras d'estas salas, como as das outras, são escolhidas entre as familias que vivem no familisterio.

Uma das coisas que mais chama a attenção n'estas escolas, o mesmo que nas escolas de instrucção primaria, de que mais tarde fallaremos, é que n'ellas as creanças de ambos os sexos aprendem o debuxo e fazem progressos notabilissimos. Os modelos que todos os discipulos copiam na sua pedra estão debuxados em gesso branco, de modo que podem ser copiados por muitos de uma só vez; cada dia muda-se de modelos, e a emulação é tamanha, que todos progridem rapidamente.

Aos quatro annos as creanças teem já adquirido tal firmeza na mão e no olhar, que á primeira vista reproduzem qualquer objecto que se lhe apresenta, facilitando isto extraordinariamente os seus progressos na escripta quando aos seis annos passam ás escolas de instrucção primaria. Na escola infantil os exercicios corporaes, o canto e os passeios formam a sua principal occupação.

Aos seis annos passam á 2.^a classe, onde aprendem a ler, a escrever e a contar.

Comprender-se-ha que nas escolas do familisterio não se sabe o que são castigos; consistem estes em não receber recompensas e na vergonha de ficar inferior aos companheiros.

Para excitar a emulação, a experiencia ha demonstrado que basta os estímulos naturaes de recompen-

sas, distincções, applausos e a publicidade dada aos actos meritorios.

Ao soar a sineta que chama os alumnos á escola, todas as portas se abrem, e pelos corredores ou galerias 200 ou 300 creanças correm ao pateo, onde se formam por escolas, classes e secções, segundo o numero que cada um tem ganho na ultima classe. Cada uma d'estas tem uma bandeira, que leva o alumno ou alumna que obteve o n.º 1. As familias, desde as suas janellas, vêem seus filhos formarem na parada, e pelo logar que occupam sabem o estado do seu adiantamento.

D'esta maneira as creanças entram reunidas nas suas respectivas escolas, e saem do mesmo modo, separando-se no grande pateo para ir aos jardins, segundo a hora e a vontade das familias.

As condecorações individuaes repartem-se nas quintas feiras de cada semana, e consistem em estrellas prateadas, adornadas com um laço escarlata, azul ou verde, segundo as divisões. A classe que obtem maior numero é a que marcha primeiro na parada durante a semana.

Estas distincções honorificas distribuem-se segundo a assiduidade e progresso de cada discipulo durante a semana, e não ao que mais sobressaiu comparado com os outros. D'este modo a cruz póde merecel-a o menos intelligente da classe. Quanta satisfação para o amor proprio das creanças produz este systema, e quão felizes resultados para os seus progressos na instrucção do povo. Sobre este ponto o familisterio não disse ainda a sua ultima palavra; o seu fundador quer levar mais longe o seu pensamento.

Nos jardins do familisterio vêem-se as crianças empregando as horas de recreio e os dias de festa em limpar e ornar o jardim.

Dois conselhos, compostos cada um de doze membros, vigiam a marcha do familisterio; um d'estes elegem-se em votação secreta entre os homens, e outro entre as mulheres.

Todos os habitantes do familisterio, sem distincção de sexos, desde os 15 annos são eleitores e elegiveis.

O conselho de homens occupa-se na organização das instituições de previsão, das questões de corporação e de repartições que com frequencia se discutem em conferencias publicas; apoia as medidas de utilidade reconhecida, prepara as festas, dá a sua opinião sobre os trabalhos correntes, conhece a marcha dos serviços publicos, aprecia os resultados que dão e decide dos beneficios que produzem.

O conselho feminino occupa-se mais particularmente no que se refere ás funcções domesticas, á salubridade, á qualidade dos alimentos, aos cuidados e educação da infancia e tudo quanto respeita ás medidas de tranquillidade interior.

Os conselhos não teem outra linha de demarcação senão o justo e o bem.

Teem a liberdade de discussão como regra, e por consequencia podem occupar-se das mesmas questões. D'este modo produz-se entre elles a emulação, e cada um pretende ser mais util que o outro.

Ambos tem uma attribuição importante, que consiste em fixar a attenção e distinguir os empregados, trabalhadores e suas mulheres, que se tornam notaveis no familisterio, e na fabrica por seu zêlo, pelos serviços que prestam e a perfeição do seu trabalho, com o fim de recompensal-os em sessão publica, distribuindo-lhes os premios que mantem viva e permanente a emulação.

Os candidatos ás recompensas fazem inscrever os seus titulos; as administrações da fabrica e do familisterio velam por sua parte. A influencia moral dos conselhos supre toda a policia. A publicidade é a glorificação dos actos de merito e a recompensa de uma conducta digna de elogios.

Nos dias de publica solemnidade todo o funcionario ou empregado da fabrica ou do familisterio traz um

laço ou decoração de cerimonia, e a falta d'esta insignia é tão temida como desejadas as recompensas.

Examinando a elegancia e solidez das construcções, o esmero que se mostra em todas as partes, vê-se que o architecto não se preoccupou dos lucros que a sua obra poderia produzir e, comtudo, produz.

Em abril de 1859 lançaram-se os alicerces do edificio, que em 1861 estava occupado por 300 pessoas.

A segunda parte, ou ala esquerda, principiou-se a construir em 1862, e ficou concluida e occupada em 1865.

A ala direita que ha de completar o edificio não está ainda começada; parte das escolas estão nas salas provisórias.

O familisterio está construido n'um espaço de terreno de 6 hectares e meio, que custaram 10:800\$000 réis.

O familisterio e as construcções accessorias custaram 136 contos.

As habitações alugam-se mobiladas, e o preço do aluguer conta-se por metros quadrados de que consta a habitação e pelo andar em que estão. No andar inferior cada metro quadrado custa 50 réis ao mez; no superior 60, e no terceiro 40 réis.

Alugados a estes preços as habitações do familisterio produzem 500\$000 réis ao mez, ou 6:000\$000 ao anno, e accrescentando o aluguer de alguns pedaços de jardim convertidos em horta, dá um total de 6:200\$000 pouco mais ou menos.

Que regra seguiu Mr. Godin para determinar estes preços? O que custou o familisterio? Não; o que os trabalhadores estão acostumados a pagar no seu paiz.

Os trabalhadores pagavam por suas immundas moradas 1\$400 ou 2\$000 réis mensaes, e elle lhes deu pelo mesmo preço habitações e commodidades que valem o dobro e mais. N'um edificio em que devem vi-

ver 1:200 pessoas, por maior e commodo que seja, a tranquillidade e a boa harmonia dependem da boa organisação e distribuição de todas as cousas do serviço commum.

Cada familia occasiona uma parte dos cuidados da conservação geral, e seria mais conforme aos costumes admittidos o deixar esta parte a seu cargo. Isto á primeira vista pareceria mais economico; porém vejamos as consequencias.

Se na sua casa a familia tem a liberdade de ser enxovalhada, n'este palacio a mais pequena immundicie offende a todos, e difficil seria confiar o cuidado d'esta limpeza exterior a cada familia.

Não seria este o unico inconveniente; as questões que produziria entre os visinhos a necessidade da intervenção da administração a cada passo, e um systema de policia para obter uma limpeza forçada.

Desde que se abriu o estabelecimento, os inquilinos entraram nas suas habitações sem mais obrigação do que pagar o aluguer. Pateos, escadas, galerias, fontes, tudo emfim o que não está de portas a dentro de cada habitação, está a cargo da administração do familisterio, e a consequencia d'isto é que todas as cousas que poderiam ser causa de discordia, o são de harmonia, que encontrando-se bem servido, ninguem abusa, antes pelo contrario, por um sentimento de amor proprio e de agradecimento, ninguem quer aggravar os negocios da administração e o trabalho dos seus empregados.

No familisterio de Guisa ha entradas, mas não portas: cada qual pôde entrar e sahir, ir e voltar, subir e descer a toda a hora do dia e da noite, sem que ninguem lhe pergunte onde vae.

O familisterio é livre, não tem regulamento. As portas estão abertas de dia e de noite, e o gaz illumina-o perfectamente desde que o sol se põe até que nasça.

Não obstante isto, o familisterio teve desde a sua origem uma administração e uma officina, não

todos sujeitar os inquilinos, mas para velar para que para os serviços publicos se desempenhem perfeitamente.

Prohibiu-se aos vizinhos tomar parte n'estes serviços, porém livre e voluntariamente, e em troca de uma retribuição convencionada entre as partes por cada genero de trabalho.

Eis aqui a lista pessoal e a sua depeza:

Um director encarregado da provisão de viveres e toda a superintendencia de todos os serviços.....	400\$000
Um guarda livros.....	150\$000
Um escrevente.....	100\$000
Total.....	650\$000

Serviço publico:

Limpeza (diversos serviços).....	4:200\$000
Contribuições:	
Industrial e predial.....	200\$000
Por 700 portas e janellas.....	280\$000
Total.....	480\$000

Seguros:

Parte correspondente ao familisterio.....	68\$000
Despezas geraes:	
Officina.....	80\$000
Elevação das aguas.....	600\$000
Machina a vapor.....	70\$000
Gaz.....	230\$000
Conservação e reparações.....	200\$000
Total geral... ..	4:728\$000

Deduzindo esta somma dos 6:200\$000 que produzem os alugueres, fica um beneficio liquido de..... 5:472\$000

O preço dos alugueres é inferior ao que se paga em outros centros manufactureiros.

Não seria difficil, elevando um pouco estes preços, obter 5 p. c. para o interesse do capital; porém Mr. Godin compensou esta perda em beneficio dos seus trabalhadores, aggregando um capital circulante ao que empregou no familisterio para attender com elle a varias necessidades do estabelecimento, do que obtem beneficios que compensam a escassa renda da sua propriedade, e para isso tem estabelecido tendas, armazens, cosinha economica, etc., etc., onde se provêem os inquilinos por preços modicos.

O numero de pessoas empregadas n'estes serviços é de 28.

O capital empregado n'estas industrias é de réis 22:680\$000, que, junto ao custo do edificio, elevam o capital desembolsado a perto de 170 contos. A despezas com a instrucção eleva-se a 2:500\$000 reis ao anno, comprehendendo tambem a crêche.

Dez são as pessoas especialmente consagradas á educação.

Nas noites de inverno ha classes para os adultos, e a musica tem um director instrumentista, que dá lições ás crianças quando já tem sahido da escola, onde aprendem noções de canto.

Os diferentes serviços do familisterio dão occupação lucrativa a 55 pessoas, todas pertencentes ás familias dos operarios da fabrica, e os seus emolumentos chegam a perto de 5 contos annuaes, somma que contribue a augmentar o bem estar das familias.

Observámos já que no familisterio a educação está collocada na cathogoria dos deveres superiores que tem a satisfazer-se em primeiro logar

Tratava-se de attender ao mais urgente: livrar a criança do abandono de que com frequencia é victima nas familias pobres.

Em Esparta as crianças enfermas e rachiticas lançavam-se a uma caverna, e nas nossas sociedades ci-

vilisadas a miseria, a fome ou a alimentação irregular matam a quarta parte das crianças nos primeiros annos da vida.

D'estas desgraças estão perseverados os filhos das familias dos operarios do familisterio. Desde as salas das crianças de peito até ás escolas de primeira classe em todas ha aceio, um aspecto saudavel, de bem estar e de satisfação que não se encontra em geral em França nas escolas de caridade.

Os operarios de Mr. Godin estão associados, para soccorrer-se em caso de enfermidade com 360 réis diarios, e como o numero de trabalhadores passa de 1:000, os fundos que reuñem são consideraveis, e não menores os socorros distribuidos, pois que em 1863 subiram a 2:300\$000.

Temos considerado até agora o familisterio isoladamente na sua existencia propria como escola e habitação; porém não são estas cousas a sua verdadeira significação, que está nas suas relações com a fabrica.

O fundador do familisterio estudou a debatida questão da associação do capital e do trabalho, e propõe-se dar a solução pratica no seu estabelecimento tão breve como as circumstancias o permittam.

Mr. Godin quer demonstrar que a associação voluntaria do capital e do trabalho não só é praticavel, senão a unica que pôde resolver as graves questões que não levantar a grande industria.

Sem expôr aqui a theoria do direito e dos principios superiores em que se funda, vamos dizer o systema que pensa applicar nos estabelecimentos que fundou.

O capital e o trabalho são dois elementos indispensaveis da producção; o capital sem o trabalho não é mais do que uma massa inerte, e o trabalho não pôde fazer-se sem a cooperação do capital. O capital nada pôde produzir sem o trabalho, e o trabalho não pôde

cousa alguma produzir, se não dispõe de um capital ainda que pequeno.

Trabalho e capital devem, pois, estar unidos; porém as condições da sua união devem estabelecer-se livremente. Estes dois elementos essenciaes da producção devem participar dos beneficios da obra a que concorrem juntos na proporção da utilidade da sua acção.

O capital toma parte n'uma empresa com a esperança de um dividendo, e o trabalho mediante um salario. Para inaugurar o principio de equidade até agora desconhecido no contracto industrial, que não deixa ao trabalho nenhum direito nos beneficios, o capital fixará de antemão as suas pretensões assim como o trabalho e se fica um remanescente de beneficio depois de pagar o salario e o juro do dinheiro, repartir-se-ha proporcionalmente aos salarios pagos, ao trabalho e aos dividendos repartidos ao capital.

O capital que, segundo a sua parte convencional de lucro receba 45\$000 réis de interesses, entrará na repartição dos beneficios por uma parte igual ao trabalho, representando 45\$000 réis de salarios. Um real de salario é tão nobre e tem o mesmo direito como um real de juros.

O juro é o salario do capital fixado de antemão.

O salario é tambem o interesse do capital do trabalho.

A somma dos salarios e dos juros representa os direitos na repartição dos ganhos entre um e outro, quando estas excedem do valor dos salarios e do interesse do capital.

Esta simples formula presta-se a todas as combinações, tem em conta todos os direitos adquiridos e prepara no futuro a equidade na repartição.

Vimos como no familisterio se respeita o talento, a capacidade e a invenção. O trabalho adquire o seu logar e a sua parte legitima quando ao merito superior e extraordinario se dão recompensas solemnes. Estas recompensas não só são honorificas; são tambem

pecuniarias, porque o dia da repartição dá direito a uma parte proporcional nos beneficios.

Sob estes pontos de vista considerado, o familisterio não é um estabelecimento isolado, mas que se confunde com a fabrica, formando ambos um todo. Os depositos da industria, o material, as habitações, os armazens e o capital circulante, parte da vida d'este conjuncto, não são mais do que um mesmo capital.

Não é, pois, difficil de conceber que, chegadas as cousas a este estado, Mr. Godin possa dizer aos seus empregados e trabalhadores de ambos os sexos:

O capital que fazeis fructificar quer para o futuro contar comvosco; pede como reconhecimento dos seus serviços uma justa parte nos beneficios communs; porém esta parte se estabelecerá de antemão como vossos salarios, e se á boa qualidade dos productos, á sua perfeição, á direcção intelligente e economica que podeis dar a todas as operações, aos melhoramentos que podeis introduzir nos processos, devemos mais negocios e maiores lucros, estes se repartirão proporcionalmente ao valor de vossos salarios, e aos interesses de vosso capital. A parte dos beneficios que n'este caso vos corresponde, recebel-a-heis em acções de vossa empreza; estas acções augmentarão o capital e contribuirão a melhorar e a terminar o palacio que habitaes e a crear tudo o que se reconheça util ao bem de vossas familias e aos progressos de nossa industria.

D'esta maneira, proprietarios participantes dos instrumentos do trabalho e de vossa habitação, sem que esta propriedade vos sujeite e encadeie, ella vos seguirá por todas as partes, sem vos reter a um estabelecimento, que exercerá tanta mais attracção sobre vós, quanta maior seja a liberdade para deixal-o. Quando vos jubileis como trabalhadores, ficareis n'elle como accionistas.

Tal é o systema de cooperação, de associação do capital e do trabalho que Godin preparou. O operario associado d'esta fórma ganhará mais, quanto maiores

sejam os beneficios, e fará quanto possa para augmental-os. Ainda que não tenha mais do que 30\$000 réis em acções, verá no familisterio, na fabrica, nos jardins, a garantia do seu capital, a segurança das suas economias: tudo isto-lhe pertence, e o sentimento da propriedade se desenvolverá n'elle como no millionario.

Segundo o que acabamos de vêr, o problema do domicilio da familia é um dos mais graves de que a economia social pôde occupar-se.

A industria e sciencia distinguem-se em nossa epoca por sua tendencia a crear cousas de utilidade geral.

Quando a fabrica e a officina tomarem taes dimensões; quando tudo se engrandece e aperfeiçoa, não devemos esperar que a architectura domestica não ficará estacionaria, e que a habitação será para todos, ricos, remediados e pobres, salubre, commoda e agradável, que contribuirá para a moralisação e bem estar, á fusão de todas as classes pela elevação dos pobres, creando ao mesmo tempo por ella e com ella um novo elemento de riqueza, no qual o capital encontrará emprego util e proveitoso.

É necessario que em lugar de permanecer no dominio das mesquinhas concepções da acção individual, a habitação humana por meio da associação se eleve ás grandes concepções collectivas de nossa epoca.

O exemplo do que realisou em Guisa um só homem intelligente, prova que a empreza não tem nada de impossivel, e que se um primeiro ensaio saiu bem, as difficuldades diminuirão cada dia com as lições da experencia.

Godin não temeu emprehender a creação do seu familisterio, apesar dos maus resultados de muitas *ciudades operarias*, porque comprehendeu que o escolho em que aquellas emprezas naufragaram, consistia na repugnancia dos operarios a submeter-se a regulamentos onerosos, vexatorios da liberdade e da dignidade humanas, preferindo a liberdade da sua immunda choça ás vantagens arregimentadas da *cidade operaria*.

Tudo se liga e encadeia nos progressos moraes e materiaes. A habitação unitaria e scientifica, a architectura do porvir exigem outros principios administrativos do que os usados até agora.

O familisterio é a nova communa organisando por si mesma as condições do seu bem estar e mostrando o seu agradecimento ao capital que contribue á sua formação.

Comprehendida d'esta maneira a reforma architectonica da habitação humana, será uma das grandes conquistas mais efficazes e de mais largo desenvolvimento social.

Esta transformação será um meio de moralisar as grandes agglomerações de familias pobres, que o desenvolvimento da industria accumula hoje em bairros miseraveis, onde se perde a saude do corpo e da alma

Não podemos concluir a descripção do familisterio sem consagrar algumas linhas a uma das festas que se celebra to os os annos para os seus habitantes, porque dá perfeitamente o character eminentemente moral d'esta instituição.

Nada com effeito imaginaram nem realisaram os antigos que possa comparar-se ao familisterio e ás suas festas.

Deixemos fallar uma testemunha ocular da festa de 5 de junho de 1867:

Não poderia imaginar-se na verdade recinto mais a proposito para celebrar as festas, do que o pateo coberto de crystaes; salão immenso com immensa altura e galerias em fórma de balcão que o circundam; tudo cheio de espectadores; por assim dizer a povoação inteira de Guisa.

No fundo do salão havia um tablado, sobre o qual se levantava em meio um tropheu de machinas, um grupo habilmente pintado, que representava a industria coroando aos seus filhos. Em ambos os lados fluctuavam as bandeiras das escolas, e as crianças de

ambos os sexos assistiam á festa, collocadas em primeira linha nos bancos de primeira classe.

As tres galerias estavam adornadas de flores, bandeiras e escudos emblematicos, e nos quatro centros e nas quatro esquinas se levantavam grandes tropheus compostos de ferramentas e de productos da fabrica.

O tropheu principal que occupava o logar de honra compunha-se dos emblemas classicos da instrucção, e de bandeiras de distinctas côres correspondentes a todos os ramos do ensino que recebem os habitantes do familisterio.

Eis aqui alguns emblemas que copiamos dos escudos :

«A vida,— a educação,— o trabalho.»

«O trabalho, ainda o mais obscuro, é sempre um merito para com Deus.»

«O trabalho salvará o mundo.»

«Que a maldade humana não nos detenha na pratica do bem.»

«O trabalho é a parte do homem no progresso da vida sobre a terra.»

«Ajadae-vos e Deus vos ajudará.»

«Amae-vos uns aos outros.»

«O maior de todos os meritos consiste em trabalhar com amor pelo bem de seus semelhantes.»

Ao lado do retrato de Napoleão achava-se o seguinte distico, que bem parece um sarcasmo:— «O familisterio tem como regra respeitar a liberdade de cada um.»

Ao lado do retrato da imperatriz achava-se:— «O familisterio dá aos seus filhos educação, o trabalho e o bem estar.»

No meio do salão havia uma columna immensa rodeada de abelhas, symbolo do trabalho associado. Porém mais felizes do que as abelhas, aos trabalhadores do familisterio não se lhes pôde applicar esta phrase de Virgilio: «Vós fazeis o mel, porém não o comeis.»

A festa concluiu com um grande baile no immenso salão esplendidamente illuminado a gaz.

A associação em Portugal

Não obstante ser a associação uma lei universal e natural, ella tem de se sujeitar a diversas causas, nascendo d'aqui a variedade na fórma, na essencia e até nos fins. A associação, como hoje existe, é nova em Portugal; a associação porém no sentido geral é uma instituição velha. O que eram as ordens religiosas se não associações? O convento era o tecto hospitaleiro onde se recolhia o homem para descansar das fadigas da vida; foi um templo de estudo, de meditação, um mediador entre o fidalgo soberbo e o peão miseravel.

Mas com o tempo todas as instituições envelhecem e perdem as qualidade uteis. A associação religiosa tinha cumprido a sua missão: e a transformação politica devia naturalmente trazer a transformação na fórma social. Ao governo absoluto succedeu o governo liberal. O convento fechou-se. Nem podia ser d'outra forma. O frade nascido e creado á sombra do absolutismo havia de ser forçosamente inimigo da liberdade. Deixal-o viver no seu convento e nas mesmas condições, seria para um governo liberal o mesmo do que deixar crescer a mancenilha n'um jardim de rosas.

Deve-se ao espirito energico de Joaquim Antonio de Aguiar a anniquillação completa das ordens religiosas. Se não fôra aquella lei absoluta que, como um raio olympico fulminou de todo o convento, quem sabe o que seria da liberdade! O mal corta-se pela raiz e foi isso o que fez o sabio ministro do Imperador.

Só ha rasão para perguntar o que se fez aos bens dos frades, que se elevavam a sommas tão consideraveis?

O convento devia fechar-se hoje, mas abrir-se amanhã n'um templo de instrucção popular. Mas não succedeu assim; aquelles immensos bens foram vendidos ao desbarato; converteram-se em propriedades dos argentarios.

Tratando n'esta parte das associações portuguezas occupar-nos-hemos d'ellas por provincias. Estudaremos o desenvolvimento das associações de soccorros mutuos na doença, as sociedades cooperativas de consumo e producção, caixas de credito, associações de instrucção popular e outras emfim que forem dignas de se mencionar e que no respectivo mappa de provincia serão designadas. Não tratamos das associações de caridade, porque estas ligam-se com outros estabelecimentos, que não são associações, mas prestam muito auxilio ás classes pobres, auxilio muitas vezes nocivo á sociedade como são as misericordias, para onde as mães desnaturadas atiram com os filhos, como se fossem uma cousa inutil. A estatistica das creanças depositadas nas rodas dos expostos e o numero dos que morrem até aos dois annos, é medonhamente espantoso¹! Aquellas pobres e miseraveis existencias, envolvidas logo ao primeiro dia da sua vida nas fachas da desgraça, são atiradas para a roda, com o rotulo de engeitado—como se fôra aquelle logar uma sentina publica. E depois como se este infortunio já não fosse grande, vem a especulação, veem as mulheres pobres e famintas buscar aquelles seres, a troco de uns tostões, que o estabelecimento lhes paga, e lá vão a maioria morrer na ausencia de todos os affectos santos e delicados, que só o amor maternal sabe e pôde dispensar.

Esta parte importante das associações portuguezas não cabia pois nas dimensões d'este livro: formará a segunda parte d'este meu trabalho.

¹ Nos 292 concelhos existiam em 30 de junho de 1870, 38:205 creanças; entraram 21:698; total 59:903; morreram 8:106; sahiram 13:901; ficaram existindo em 30 de junho de 1871, 37:896.

A media da mortalidade foi de 13,5:100. Na cidade da Horta a mortalidade foi de 38,9:100; em Evora 28,8:100; em Beja 32,8:100; em Angra, 22,7:100; Lisboa, 7,4:100; Aveiro e Leiria 6:100, etc. No anno de 1862 a 1863, a media foi de 21,6:100. Vide *Mappa da existencia e movimento dos expostos e creanças subsidiadas pelas juntas geraes dos districtos no anno economico de 1870—1871. Diario de 18 de Setembro de 1875.*

O desenvolvimento da associação popular data em Portugal de 1848. N'esta época surgiram alguns moços cheios de nobres aspirações e lançaram poderosos alicerces ao edificio da associação. Nas assembleas populares e no jornal appareceram fervidos apóstolos, intelligencias reconhecidas, e o principio venceu innumerous obstaculos que se lhe oppozeram.

A associação operaria foi a internacional d'esta época, sejamos justos. Todos os conservadores julgaram eminentemente um cataclismo social. Associar-se o operario, pugnar pelos seus interesses, vincular os seus direitos, cuidar do seu presente e futuro, foi isto tudo julgado um crime. Intentou-se pôr-lhe barreiras, mas foi impossivel conter a corrente impetuosa da idéa. O tempo veio depois mostrar a pureza da doutrina nova, e as intenções sinceras dos seus iniciadores.

A associação vinculou-se finalmente como uma instituição util, e como semente fecunda começou a plantar-se em todo o paiz.

Existiam já algumas associações, mas pouquissimas. Que saibamos havia apenas a *Sociedade dos artistas lisbonenses*, fundada em 1838, e algumas associações de soccorros mutuos, fundadas depois de 1840.

A este periodo porém glorioso da associação, seguiu-se o *statuo quot*. A associação não morreu; tem-se alastrado por assim dizer em todo o paiz, mas sempre dentro da mesma esphera, sem attingir aquelle grau de prosperidade a que deveria subir.

A associação tem hoje ainda os mesmos vicios que tinha na sua infancia, então desculpaveis como sempre na implantação de uma idéa nova.

Em mais de vinte annos de ensaios de diversas associações, dever-se-ia ter encontrado uma forma determinada, que a tornasse verdadeiramente util.

D'onde parte o mal, e aonde estará o remedio? É o que procuraremos encontrar.

O primeiro nome que encontramos na historia das associações em Portugal é o de Francisco Maria de Sousa Brandão. Com a penna e com a palavra foi e é ainda o apostolo mais dedicado das classes operarias. Encontramos o seu nome na historia da fundação de grande numero de associações de soccorros mutuos, cooperativas de consumo, de producção, bancos populares, etc.

O primeiro jornal, o estandarte das associações, foi o *Ecco dos Operarios*, redigido por Sousa Brandão e Lopes de Mendonça, e conjunctamente mais tarde por Vieira da Silva.

Outros jornaes se publicaram depois tendentes ao mesmo fim, mas o *Ecco* foi quem mais levantou o espirito das classes operarias, tratando proficuaemente das questões sociaes.

Do *Ecco* nasceu a primeira associação, denominada *Associação Operaria*, cujo projecto de estatutos se acha publicado n'aquella folha, no n.º 13.

Este jornal foi publicado em 1850. Entre os seus colaboradores encontramos os nomes de José Horta e de D. Benigno Joaquim Martinez: o movimento social na Hespanha coincidiu na mesma época, nascendo na França pouco antes.

Segundo os estatutos da associação operaria, ella tinha por fim crear um banco, um conservatorio e uma bibliotheca.

Estabelecia um cofre denominado monte-pio, uma secção de agencia para obter o material para a producção industrial e uma commissão de iniciativa para tratar as questões de interesse industrial.

Pelo voto universal dos socios eram todos os annos eleitos 50 membros, que compunham a assembléa geral, que deveria funcionar durante o anno: dividia-se em commissões.

Foi presidente Moraes Mantas, relator Lopes de Mendonça e secretarios Manuel de Jesus Coelho, então typographo e proprietario d'uma typographia, e Vieira da Silva, tambem typographo.

Na segunda sessão foram convocados os delegados de diversas classes; estiveram como seus representantes, entre outros, João Manuel Gonçalves, Miguel Cobellos, Vieira da Silva, Gonçalves Lopes, Francisco Gomes de Amorim, então sombreireiro, e outros.

Esta associação, fundada em bases, eguaes ás que actualmente rege a associação dos trabalhadores da região portugueza, não teve desenvolvimento; foi como um ensaio.

Estes foram os primeiros dias da infancia da associação em Portugal.

As classes operarias até esta época ou estavam sem associação e por consequencia sem recursos alguns quando a doença as impossibilitasse de trabalhar, ou então existiam aggremiadas ás irmandades.

Assim por exemplo a corporação dos alfaiates estava reunida á irmandade da Senhora da Purificação; os sapateiros estavam reunidos sob a invocação de S. Chrispim, etc. E ainda actualmente os ourives da prata lisboenses estão reunidos á irmandade da Senhora da Victoria e os livreiros á irmandade de Santa Catharina do Monte Sinay.

É evidente, pois, que graves difficuldades se levantariam para formar a associação livre da sacristia; os adeptos das festas a este ou áquelle santo viam por este modo rarear as fileiras dos irmãos e julgavam d'esta maneira perder os logares que iam, á custa de meia duzia de vellas de cêra, conquistando no céu. Enganavam-se; uma cousa é tratar da alma e outra é cuidar do corpo. O tempo veiu demonstrar-lhes a verdade.

Grande lucta houve pois para estabelecer a associação, que era considerada como um centro de revolucionarios.

O chefe de um estabelecimento industrial ou o dono de uma loja qualquer via com maus olhos o caixeiro

ou operario que se filiava na associação. E ainda hoje nos consta que o dono de uma mercearia, estabelecida em Lisboa, não consente que os seus caixeiros se associem, porque, diz elle, que se tornam mandriões. A causa porém é clara. O caixeiro que não tem associação é como um escravo do patrão; em este o despedindo, fica sem recursos para viver; pelo contrario o caixeiro filiado na associação, despedindo-se por qualquer circumstancia, não deshonrosa, encontra por um certo tempo protecção.

A classe commercial, uma das mais numerosas, é aquella que mais tem comprehendido o principio da associação, e a tem firmado em bases mais solidas, como veremos quando tratarmos das associações de classe.

Associações na provincia do Alemtejo

Distritos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Beja	Beja	Associação de socorros mutuos dos artistas bejenses	1856	120
	Moura . . .	Montepio artistico	1860	240
	Odmira . . .	Montepio popular odmirense . . .	1871	100
	Serpa	Associação serpense de socorros mutuos	1857	190
	Vidigueira	Montepio vidigueirense	1872	100
	Extremoz	Sociedade dos artistas	1870	100
Evora	Evora	União eborense	1839	130
	„	Montepio eborense	1854	580
	„	Sociedade artistica eborense . . .	1857	150
	Montemor Novo . . .	Associação de beneficencia	1860	130
	Redondo . . .	Sociedade artistica	1868	70
	Reguengo	Montepio reguenguense	1864	140
Portalegre	Alter do Chão . . .	Associação alterense	1874	50
	Campo-Maior	Montepio campomaiorense	1872	100
	Elvas	Montepio artistico elvense	1857	230
	Portalegre	Associação dos artistas	1866	170
	„	Montepio Euterpe	1866	130
	„	Montepio fraternidade	1855	140
	Evora	Caixa economica	1873	
	Castello de Vide . . .	Gremio illustração popular	1870	

Das Associações de socorros mutuos d'esta provincia julgamos apenas dignas de mencionarem-se em especial as seguintes :

Montepio Artistico Elvense sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, da qual os estatutos foram approvados por alvará de 11 de novembro de 1857. A sua receita eleva-se, numero redondo, a 1:000\$000 réis e a despeza a 690\$000 réis. No anno de 1873 soccorreu 10 pensionistas com a quantia de 184\$800 réis. As sobras das quotas mensaes e o rendimento do fundo são applicados a empréstimos sobre penhores, que no anno de 1872 produziram 226\$860 réis.

Associação serpense de soccorros mutuos, fundada em 12 de

janeiro de 1857 sob o título de *Associação de soccorros mutuos dos artistas serpenses*. — Estatutos reformados em 1862 — E actual presidente da commissão administrativa o sr. João Baptista Bentes. Foi esta associação uma das que enviou o seu delegado ao centro promotor para tratar da fundação do *Albergue dos Invalidos do Trabalho*. Foi seu fundador o sr. Antonio Carlos Calixto, cujo retrato foi inaugurado nas salas d'aquella associação em 1867.

Luctou esta associação no principio com aquellas difficuldades que se levantaram para todas as associações; fundada com mais de 90 socios, em 1857 baixou o seu numero a 35. Devido á energia de verdadeiros apóstolos da Associação, a sociedade ergueu-se e hoje é auspicioso o seu estado. Segundo os curiosos apontamentos, que temos presentes e que sentimos não poder, por falta de espaço aqui transcrever, mas que agradecemos ao digno presidente da direcção o sr. João Baptista Bentes, apóstolo sincero e dedicado da Associação, vê-se que a receita total desde a sua fundação até hoje somma 12:406\$032 réis; a despeza 9:031\$097. Capital, 3:374\$035. Tem actualmente 211 socios. Socorre 5 viúvas pensionistas recebendo cada uma 1\$800 réis mensaes.

Está tratando novamente da reforma dos seus estatutos, nos quaes se consignará a criação d'uma caixa economica.

Esta associação se não é notavel pelo numero de socios, é importante pela dedicação dos homens que a tem gerido.

A fundação da caixa economica por que não se ergue tambem a bibliotheca?

A *Associação montepio popular odemirense*, foi fundada em 26 de abril de 1871 por iniciativa do sr. Antonio Vicente da Silva. A receita eleva-se, termo medio por 200\$000 réis e a despeza por 150\$000 réis, numeros redondos.

Em 1873 tinha perto de 400\$000 réis de capital. A familia do socio tem facultativo e botica. A associação tem a facultdade de emprestar dinheiro sobre joias de ouro ou prata a 10% aos socios.

São tambem disposições da sua lei mandar celebrar no dia 11 de novembro de cada anno uma missa suffragando a alma do desditoso monarcha D. Pedro V; e manter uma aula nocturna de instrucção primaria para adultos

Os estatutos d'esta associação tem disposições analogas ás do montepio artistico de Villa Nova de Portimão. Tem mais esta provincia em Evora a *Caixa de credito Eborense*, e em Castello de Vide o *Gremio illustração popular*.

Caixa de Credito Eborense. Foi fundada em 1873, e com destino a funcionar como caixa economica. O seu capital foi então de 33 contos, dividido em acções de 50\$000 réis: começou a funcionar em 24 de outubro de 1874. Desejando-se ampliar mais as suas operações augmentou-se o capital, e foi mudado o titulo de caixa de credito para de Banco Eborense. O

activo e passivo d'este estabelecimento em 31 de dezembro de 1874 representava-se em 61:407,989 réis Descontaram-se 112 letras no valor de 74:952,360; d'esta 20 foram de quantias inferiores a 100,000 réis; e 15 superiores a 1:000,000. Receberam-se 99 depositos na importancia de 30:079,820; sendo 80 de quantias inferiores a 100,000, e 7 de valor acima de 1:000,000.

O valor dos depositos na caixa economica foi de 8:891,035; o numero de depositantes foi de 105; pertencendo 96 ao sexo masculino e 89 ao feminino; 44 tinham menos de 21 annos; 103, de 21 a 50 annos; e 15 de mais de 50 annos. As profissões que deram maior contingente foram creados de servir, 26; alfaiates e costureiras, 13; empregados publicos, 12; carpinteiros e marceneiros, 11.

São directores d'este importante e utilissimo estabelecimento os srs. José Mauricio de Carvalho, visconde da Esperança e Antonio Joaquim dos Santos.

Gremio Illustração Popular. Em 1864, por iniciativa principal do sr. José Frederico Laranjo, alumno do seminario de Portalegre, fundou-se em Castello de Vide uma sociedade litteraria a — *Associação dos Amigos do Estudo* — com o fim de organizar uma bibliotheca para uso exclusivo dos associados. Esta associação, que começou com um minguaudo numero de socios, augmentou e prosperou, mas ao cabo de alguns annos o seu fundador, deixou de pertencer a esta sociedade; e tempos depois mais alguns socios, estudantes em diversas escolas superiores do paiz saíram tambem da *Associação dos Amigos do Estudo*, que continuou não obstante a viver.

Com estes elementos dispersos que haviam feito parte d'aquella sociedade, intentou em 1870 o sr. Laranjo, então alumno do seminario de Coimbra, organizar uma nova sociedade, tendo mais vastos intuitos, com a denominação de *Gremio Illustração Popular* e cujos socios fundadores foram, sob a presidencia do sr. J. Frederico Laranjo, os srs. José Pedro Barata, dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Cesar Augusto de Faria Videira, Ludgero Augusto Moreira, Antonio Xavier Abelho, João Manoel de Bastos, Abel d'Almeida e Sousa, Joaquim Antonio Pinheiro, Joaquim Pedro Maduro, Candido Augusto Correia de Pinho, Manoel Fernandes Toscano, e José Antonio Serrano.

Os fins que esta associação se propunha alcançar eram principalmente os seguintes: organização de uma bibliotheca litteraria e scientifica, fundação de escolas, e estabelecimento de saraus e conferencias populares.

Esta associação que viveu um anno sem casa propria, obscura e ignorada, e com a magra receita de 29,300 réis, foi solemnemente inaugurada em setembro de 1871 com um sarau publico nos Paços do Concelho de Castello de Vide, no qual o sr. Laranjo recitou o discurso de inauguração que corre impresso, e oraram os srs. Cesar Videira sobre as vantagens da divisão do

trabalho, e J. A. Serrano sobre instrução popular, discurso que foi publicado no *Instituto de Coimbra* do respectivo anno.

Diversos saraus e conferencias populares tiveram posteriormente logar.

Em Janeiro de 1872 foi aberta uma escola nocturna a que eram admittidos associados ou filhos de associados; este facto foi sympathicamente acolhido pela povoação e o numero dos socios engrossou consideravelmente.

Em Janeiro de 1873 reuniu-se-lhe a *Associação dos Amigos do Estudo*, e ambas estas sociedades constituíram uma só a que se conservou a denominação de — *Gremio Illustração Popular*.

O Gremio conta actualmente 127 socios, sendo 63 primarios e 64 secundarios; as fontes de receita são tão sómente as joias e mensalidades dos socios, 200 réis dos socios primarios, 100 réis dos secundarios, e 500 réis as joias de uns e d'outros.

A receita no anno proximo preterito 1873 a 1874 foi 241\$030 réis de que ficou de saldo a quantia de 77\$065 que será capitalisada com os saldos futuros, afim de mais tarde se construir um edificio apropriado para a associação.

A bibliotheca do gremio conta hoje approximadamente 1:200 a 1:500 volumes em que figuram todas as obras dos principaes escriptores portuguezes contemporaneos, Garrett, Castilho, Herculano, Camillo Castello Branco, Julio Diniz, Gomes de Amorim, D. Antonio da Costa, etc., uma collecção valiosa de poetas e prosadores classicos portuguezes, e uma numerosa e preciosissima collecção de escriptores estrangeiros, economistas, philosophos, poetas e romancistas, Bastiat, Say, Proudhon, Saint Simon, Eupantin, Thiers, Darevin, Thierry, Byron, Balzac, etc. Mais de metade dos volumes que possui a bibliotheca do Gremio, tem sido officiosamente offerecidos por muitos cavalheiros, uns estranhos á sociedade, outros socios d'ella. A escola nocturna é actualmente dirigida pelo sr. Henrique do Carmo Gonçalves, habilitado com o curso de theologia do Seminario de Portalegre, e que percebe por emquanto a modica gratificação de 5\$000 réis mensaes. A frequencia minima (nos mezes do estio) é de 20 a 30 alumnos, a frequencia maxima (no inverno) é de 70 a 80 alumnos.

A actual direcção do *Gremio Illustração Popular* de Castello de Vide é constituída: presidente J. Frederico Laranjo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; secretario e bibliothecario J. A. Serrano, medico-cirurgião pela Escola de Lisboa; thesoureiro José Baptista Duarte; vice-secretario Antonio Carlos Farinha Pereira; vogal Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira.

A *Associação Instrução Popular*, de Lamego, foi fundada pouco tempo depois por inspiração do *Gremio Illustração Popular* de Castello de Vide.

Associações na provincia do Algarve

Districtos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Algarve	Faro.....	Associação protectora dos artistas	1858	150
		Club artistico	1872	170
	Lagos ...	Compromisso maritimo		
		Montepio artistico lacobrijense ..	1855	100
	Portimão	Compromisso maritimo		2000
		Montepio artistico	1862	200
		Associação das classes trabalhadoras	1873	100
	Olhão....	Compromisso maritimo		
	Silves....	Associação do montepio artistico	1868	170
	Tavira ...	Montepio artistico	1868	180
Villa Real de St. Ant.	Montepio artistico	1858	320	
		Compromisso maritimo		

Tem a provincia do Algarve sete associações de soccorros mutuos, uma de instrucção e quatro compromissos maritimos.

O *Club artistico lacobrijense* foi fundado por Antonio Joaquim Correia Junior. Tem por fim a instrucção e o recreio. Em outubro de 1872 abriu uma escola nocturna de instrucção primaria, que foi logo frequentada por quarenta alumnos.

O *Montepio artistico de Lagos* foi fundado por Salvador Correia Baptista, tem casa propria: o seu estado não é lisongeiro.

As associações das *Classes trabalhadoras* e do *Montepio artistico de Portimão*, tem um desenvolvimento regular. A ultima d'estas associações concede ás viúvas pobres dos seus socios, medico e pharmacia; a sua receita esma-se em 1:500\$000 réis.

O *Compromisso maritimo de Lagos*, data a sua fundação do reinado de D. Manuel. O seu fim é ministrar aos associados e suas familias medico e botica. A sua receita provém de uma percentagem sobre o producto das pescas feitas pelas companhias dos differentes barcos. Os maritimos que se ausentam em viagem de longo curso para armações em paiz estrangeiro ou se empregam em navegação de cabotagem, contribuem no regresso com uma quantia que lhes é arbitrada pela mesa ou commissão administrativa da associação. N'alguns annos, quando as pescarias são escassas e a miseria afflige a classe maritima, a mesa manda distribuir pelas familias dos associados esmolos de 480 réis ordinariamente, o que quasi sempre tem logar nas festas

do Natal. Os fundos e mais negocios da gerencia do *Compromisso* tem sido confiados á gerencia de gente pouco illustrada, e estão longe de andar regularmente. Ha impenetravel mysterio ácerca da receita e despeza, apesar das diligencias feitas pela auctoridade. A lei é calcada talvez ao capricho estúpido de gente ignorante.

O *Compromisso marítimo de Portimão*, é de antiga fundação, não podendo precisar-se-lhe a data fixa. No archivo da associação existem algumas cartas regias concedendo privilegios aos marítimos de Portimão, sendo o mais antigo de 1717. Julga-se que a sua instituição teve logar nos ultimos annos do seculo xvii. Tem por fins o culto e adoração á Virgem e socorrer os associados em caso de doença. O numero de socios em 31 de dezembro de 1873 era de 1:500 a 2:000, e tinha em caixa réis 350\$000.

O *Compromisso marítimo* de Olhão fazia parte do de Faro, de que se desligou pelo meado do seculo xviii, possui alguns livros raros. O *compromisso marítimo* de Villa Real de Santo Antonio é tambem de antiga fundação; ha, como no *compromisso* de Lagos, impenetravel mysterio na sua gerencia.

Associações na provincia da Beira Alta

Districto	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Vizeu	Lamego..	Associação industrial lamecense	1859	400
	"	Associação instrução popular..	1871	
	Taboação..	Associação fraternal taboacense	1867	50
	Tondella	Montepio philarmonico de Mollelos.....	1869	20
	Vizeu....	Montepio philantropico viziense		200

Associação instrução popular, fundada em Lamego em 1871. Os seus estatutos tem a data de 6 de Setembro, e são impressos em Coimbra, na Imprensa Litteraria. São seus fundadores os srs. Dr. Cassiano Pereira Pinto Neves, João Diogo Pinto Gomes, João de Paiva, Manoel Ferreira Cardoso e Roberto Corrêa Pinto.

Esta Associação, essencialmente formada de moços estudiosos, tem por fim: crear elementos de estudo para os socios e ainda para os estranhos, e derramar pelo povo a instrução. Os meios são— uma bibliotheca, que se formará progressivamente, uma escola e conferencias doutrinaarias.

O gabinete de leitura foi aberto em 7 de junho de 1871 e continha 720 volumes.

A despeza no primeiro anno foi além de 400\$900 réis.

Coadjuvaram a formação d'este gabinete de leitura os srs. viscondes de Villa-maior, Cardoso Avelino, Lopes Pereira e Martins d'Andrade. Para que em tão curto espaço de tempo alcançasse esta associação tão lisongeiro resultado, procedeu a benemerita comissão installadora a um basar e tambem á sollicitação de donativos. Nos tres annos da sua existencia tem despendido em livros as seguintes verbas :

1.º anno.....	260\$609
2.º "	207\$930
3.º "	251\$675
Total.....	<u>720\$205</u>

Acrescentando aos volumes comprados os que tem sido obtidos por donativos sollicitados ou espontaneos, a bibliotheca da *Associação Instrucção Popular*, tem mais de 1200 volumes, de que ha impresso o respectivo catalógo, coordenado segundo o plano de A. Dantés pelos srs. Dr. Cassiano P. P. Neves e R. C. Pinto.

Ultimamente esta associação acaba de publicar a traducção dos *Deveres dos homens* de Silvio Pellico, feita pelo sr. Dr. Cassiano, afim de o distribuir ás classes populares. Prestou valioso auxilio para esta publicação o sr. Ruy Fernandes, o patriarcha das associações de Coimbra. Não tendo a cidade de Lamego nenhuma bibliotheca publica é evidente o importante serviço que áquella terra prestaram os iniciadores d'aquelle templo de instrucção. Nós que ha pouco mais de um anno visitamos aquella associação, podemos afirmar que o seu gabinete de leitura é digno de toda a attenção, e está nas condições de prestar valiosos serviços áquella terra. Esta associação deve a sua principal organização e desenvolvimento ao sr. Dr. Cassiano P. Pinto Neves, moço de muito talento e cuja dedicação á causa da instrucção popular é digna dos mais justos louvores.

N'estas empresas de moralisar e instruir o povo colhem-se mais espinhos do que flores, por isso devem de ser glorificados todos aquelles que empregam o seu talento e o seu labor n'esta santa crusada. O nome do sr. Dr. Cassiano está gloriosamente vinculado á historia da *Associação Instrucção Popular*, de Lamego, do que sentirá intima satisfação vendo os beneficos frutos que brotam em cada anno d'aquella arvore do bem.

Fazemos votos pela continuada prosperidade d'esta sympathica associação.

A *Associação Industrial Lamecense*, fundada em 25 de julho do 1859, tem casa no valor de 1:000\$000, donativo do fallecido

Visconde de Valmor, José Izidoro Guedes. Fornece aos socios capitães sobre penhores ou papeis de credito ao juro de 5 1/2%. A sua receita eleva-se, termo medio a 1:400\$000 réis. Tem de fundo 6:300\$000 réis. No anno de 1870 subsidiou 12 viuvas e 2 inhabilitados. Esta associação, a que tem prestado relevantes serviços o sr. Manuel Casimiro da Silva Lamas, tem cumprido religiosamente o disposto nos seus estatutos.

A *Associação Fraternal Taboçense* foi fundada pela irmandade das almas da villa de Taboço, sob a invocação de Santa Cruz. Faz empréstimos a 1/2 por cento ao mez. É pequeno o seu numero de socios; entretanto a receita eleva-se a 600\$000 réis. Tem em inscripções 1:900\$000 réis.

Em 7 annos apenas falleceu um socio. É relativamente prospero o seu estado.

O *montepio visense*, tem em fundo permanente 7:750\$000.

Associações da provincia da Beira Baixa

Districto	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios	
Castello Branco	Castello Branco	Montepio de Castello Branco ...	1862	170	
		Covilhã ..	Associação dos artistas	1861	280
		Fundão ..	Montepio fundanense.....	1870	30
Guarda	Guarda...	Montepio philantropico dos artistas	1870	150	

Tem esta provincia apenas quatro associações, e todas ellas, infelizmente, sem maior importancia. O montepio de Castello Branco mostra algum desenvolvimento e boa direcção. Os seus fins são o soccorro na doença e estabelecimento de aulas nocturnas de instrucção primaria e formação de uma bibliotheca de livros elementares para a cultura das artes e officios; estes melhoramentos que dizem respeito á instrucção popular não tem ainda sido possível realizarem-se. Tem duas classes de socios: de merito e ordinarios. Não podem fazer parte da associação os socios que não saibam ler e escrever. As joias são pagas conforme as edades, e a quota mensal é de 240 réis. Começou a

funcionar em 1762 com dois socios de merito e 72 ordinarios;— hoje conta 51 d'aquella classe e 170 d'esta. Dá pensão a 8 viúvas. A receita ordinaria eleva-se a 880\$000; a extraordinaria a 780\$000 réis.

A *Associação dos Artistas* da Covilhã tem, como vemos no respectivo mappa, 280 socios. A villa da Covilhã, denominada a Manchester portugueza, tem 14:000 habitantes e o numero de operarios póde calcular-se em 11:000. Mostra isto infelizmente o desamor que n'aquella terra existe pelo principio da associação. Que associações de soccorros mutuos, de consumo, de produção e de credito tão bellas não se podiam formar com aquella população operaria!

Associações na provincia do Douro

Districtos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Aveiro	Aveiro...	Associação commercial.....	1864	32
		Associação de soccorros mutuos das classes laboriosas.....	1864	300
		Caixa economica.....	1856	
		Associação commercial.....	1863	50
		Associação conimbricense do sexo feminino.....	1867	460
		Associação dos artistas.....	1861	450
		Instituto.....	1852	
		Montepio conimbricense.....	1850	250
		Montepio da imprensa da universidade.....	1849	50
		Sociedade philantropica academica.....	1849	
Coimbra	Coimbra	Sociedade Therpsicore conimbricense.....	1867	50
		Associação commercial.....	1835	40
		Montepio Figueirense.....	1864	200
		Associação Brilhante.....	1872	150
		Associação Esperança.....	1870	170
		Sociedade humanitaria.....	1873	60
		Associação commercial.....	1834	370
		Real sociedade humanitaria.....	1852	300
		Alliança academica.....	1873	280
		Associação artistico-commercial	1858	400
Porto	Porto....	Associação benefica de todas as classes.....	1875	250
		Associação benefica dos ourives portuenses.....	1856	250
		Associação benefica de D. Pedro V.....	1874	400
		Associação commercial de beneficencia.....	1857	1650
		Associação de soccorros harmonia portuense.....	1873	450
		Associação de soccorros mutuos das classes laboriosas.....	1856	800
		Associação do Montepio geral portuense.....	1859	90

Districtos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Porto	Porto....	Associação dos alfaiates portuenses	1853	100
		Associação dos marceneiros e entalhadores portuenses	1855	290
		Associação dos latociros portuenses	1856	60
		Associação dos pintores portuenses	1856	50
		Associação dos sollicitadores encartados	1873	40
		Associação dos trabalhadores da região portugueza	1873	200
		Associação firmeza e alliança	1875	100
		Associação fraternal de beneficencia de todas as classes do Porto	1856	1100
		Associação fraternal de beneficencia de Valbom e S. Cosme	1875	250
		Associação fraternal dos artistas	1874	400
		Associação fraternal portuense dos ferreiros e serralheiros	1856	250
		Associação fraternal Previdente	1875	450
		Associação fraternidade operaria de todos os tecidos	1873	300
		Associação harmonia da industria e agricultura	1871	160
		Associação hespanhola de beneficencia	1868	300
		Associação humanitaria das classes laboriosas	1875	150
		Associação liberal de soccorros mutuos	1875	220
		Associação philantropica das artes portuenses	1857	700
		Associação philantropica portuense dos sapateiros	1853	150
		Associação protectora dos industriaes portuenses	1869	600
Associação restauradora dos artistas portuenses	1873	400		
Associação União artistica	1869	90		

Distritos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Porto	Porto....	Associação União de todas as classes.....	1873	350
		Montepio União dos chapeleiros portuenses	1868	140
		Sociedade auxiliadora dos artistas portuenses	1868	550
		Sociedade de soccorros de D. Luiz I.....	1875	1100
		Sociedade de soccorros dos operarios fabricantes do Porto...	1853	750
		Sociedade de soccorros dos typographos portuenses.....	1852	80
		Sociedade montepio musical portuense.....	1848	70
		Sociedade fidelidade de soccorros do Porto	1873	130
		Sociedade protectiva do Porto..	1867	450
		—		
	Povoas de Varzim	Caixa de credito e soccorros mutuos da associação industrial	1859	1236
		Companhia alliança de credito e auxilio das artes portuguezas	1875	
		Sociedade cooperativa das classes obreiras	1874	30
		Sociedade cooperativa de credito e auxilio da industria fabril...	1871	104
		Sociedade de consumo dos livreiros e encadernadores	1873	19
		Sociedade cooperativa e caixa economica do Porto.....	1871	354
		Sociedade cooperativa portuense de credito e consumo	1874	380
		Montepio dos pescadores.....		
		Montepio povense.....		
		Associação Fé, Esperança e Caridade.....	1859	40
V.ª N.ª de Gaya..	Montepio Progresso villanovense	1874	600	
	Sociedade dos artistas de Mafamude	1873	70	

Associação commercial de Aveiro. Fundada em 16 de outubro de 1864, e os estatutos approvados em 25 de novembro de 1868. Tem representado diferentes vezes ao governo sobre objectos de interesse commercial. Em conformidade com a lei de 9 de setembro de 1858, elege todos os annos um vogal para a junta das obras da barra. Tem velado constantemente pelas boas condições do porto d'Aveiro, sujeito a alterações em consequencia da mobilidade das areias. Ainda em 1873, estando elle obstruido, representou ao governo, para que por meio de um emprestimo, cujos encargos a associação se offerecia a auxiliar com o producto d'um imposto sobre os generos de importação e exportação, fosse aquelle porto melhorado. Não foi ouvida a justa pretensão da associação commercial, não obstante o imposto lembrado elevar-se talvez a tres contos de réis annuaes!

É presidente d'esta associação o sr. Manoel José Mendes Leite; secretario, A. Duarte Pinheiro e Silva, e directores J. Silva Mello Guimarães, J. Agostinho Barbosa e Antonio Pereira Junior.

Caixa economica de Aveiro. Fundada em 1856 por iniciativa do sr. Nicolau Amancio de Bettencourt, então governador civil d'aquelle districto.

Cada pessoa não pôde depositar n'esta caixa menos de 100 réis nem mais de 30.000 réis. Os depositos não podem elevar-se a mais de 400.000 réis. Os juros são capitalisados annualmente, e dez dias depois da sua entrada na caixa. Pela affluencia de capitaes e falta de emprego tem-se reduzido o maximo das entradas diarias até 2.500 réis. Com os capitaes mutuados negocia sobre letras e penhores. Tem 2.700.000 em inscrições. Paga 5 % aos depositantes e recebe 7 dos mutuarios. As sobras, deduzidos os gastos do expediente constituem fundo de reserva.

Os estatutos auctorisavam tambem a applicação da parte das sobras a despezas de beneficencia, o que ainda não pôde realisar.

A direcção serve gratuitamente e é eleita annualmente. É a mesma, com pequena alteração desde a fundação.

Para garantia dos depositos foi creada, quando a caixa se instituiu, uma sociedade com o fundo de 2.000.000 em acções de 10.000 réis. Findos os primeiros seis annos formou um novo projecto de estatutos, que enviou para o ministerio competente, não chegando a ser approvado: trataremos d'este facto n'outro logar.

No anno de 1874 recebeu em depositos 17.834.335 réis: depositantes, 477. Effectuou 1251 emprestimos na importancia de 46.931.730 réis. Lucro liquido das operações da caixa réis 2.730.795.

A direcção comprou n'este anno um predio e terreno annexo para se edificar o futuro edificio em que deve funcionar este estabelecimento, que pôde considerar-se como um modelo e uma

gloria para os homens que n'ella tão desinteressadamente toem trabalho: a direcção actual é composta dos srs. Sebastião de Carvalho e Lima, Francisco José Barboza e Agostinho D. Pinheiro e Silva.

Instituto de Coimbra. Fundado em 1852, por alguns membros da Nova Academia Dramatica, presididos pelo sr. conselheiro Adrião Pereira Forjas de Sampaio, afim de propagarem a sciencia e instruir as classes menos abastadas.

A *Academia Dramatica* fôra fundada em 1838, por alguns estudantes, membros da *associação do theatro academico*, que funcionava nos baixos do collegio das Artes. O governo concedeu-lhe o collegio de S. Paulo; doação que foi confirmada por carta de lei de 15 de setembro de 1841.

Esta academia compunha-se de tres classes: instituto *dramatico*, instituto de *pintura*, e instituto de *musica*.

O instituto *dramatico* tinha *socios prendados*, e *socios cujo fim era o exame e censura dos dramas que haviam de subir á scena*. Para a *impressão d'estes exames* creou-se um *jornal*, que tinha por titulo *Chronica litteraria da nova academia dramatica*; a sua *publicação principiou em 29 de fevereiro de 1840*, e *acabou em 1841*.

O Instituto conseguiu do governo por portaria de 5 de setembro de 1853, installar-se no collegio de S. Paulo. Sendo este edificio pequeno por ter o Instituto reunido á parte scientifica a parte recreativa, foi-lhe concedido por portaria de 5 de julho de 1868 o edificio dos Paulistas. Além da sua bibliotheca, gabinete de leitura, possui um museu archeologico, dirigido pelo sr. dr. João Corrêa Ayres de Campos. O 1.º numero do *Instituto* publicou-se em 15 de março de 1852.

Os seguintes periodos publicados no 1.º numero d'aquelle jornal definem claramente a sua indole:

«Publicado (*O Instituto*) no seio da primeira corporação scientifica de Portugal, e redigido por pessoas que se presam e gloriam de ter o nome de seus filhos, não sómente pugnará, sempre que for mister, por seus legitimos interesses; mas publicará por preferencia quanto respeitar de mais interessante ao passado, presente e futuro da Universidade.

«Que o *Instituto* é absolutamente estranho á politica, manifesta o seu titulo.»

O 1.º numero d'este jornal foi publicado em 8.º grande, obrigando-o porém a portaria do ministerio do reino de 5 de setembro de 1853 a publicar nas suas columnas a legislação sobre instrucção publica, *para assim poderem gozar do privilegio da impressão gratuita na Imprensa da Universidade*.

O volume xvii voltou ao primitivo formato.

É esta uma das mais importantes associações scientificas do nosso paiz, e o seu jornal tem sido redigido e collaborado pelos nossos mais distinctos e mais eruditos escriptores. No seu genero é a unica associação que existe em Portugal.

Associação commercial de Coimbra. Fundada em 1863: é composta de negociantes.

Fins: cimentar entre os associados relações de amizade e dar ao commercio um centro que conheça das suas necessidades e que pelos meios legais, defenda e promova os seus interesses. Os socios dividem-se em duas classes: — activos e correspondentes; os primeiros pagam a quota annual de 4\$000 réis. Os socios correspondentes (os que não residem em Coimbra) tem por unico dever fornecer á associação todas as noticias e informações, que forem de interesse para o commercio.

A mesa da assembléa tem sómente presidente e dois secretarios: não ha vice-presidente. Quando aquelle não compareça a assembléa elege um socio para desempenhar este cargo.

Em 31 de dezembro de 1874 tinha 52 socios. A sua receita n'aquelle anno foi de 257\$365 réis.

Comparada com associações identicas n'outras localidades, pouco desenvolvimento tem attingido esta associação n'uma terra importante como Coimbra.

Associação coimbricense do sexo feminino. Fundada em 1867; estatutos approvados em 1871. Foi seu fundador o ex.^{mo} sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Fins: obrigatorio, o soccorro mutuo e auxilio fraternal; facultativo, a instrucção das associadas e a educação de suas irmãs ou filhas.

Subsidio de 120, medico e botica e recolhendo ao hospital, 60 réis: podendo reduzir-se a 3 % quando o cofre não possa pagar mais. Quota semanal 40. Estado da associação em janeiro de 1875:

Receita, incluindo o saldo de 1872, 7:142\$290 réis; despeza, 1:390\$790 réis. Fundo: 11 inscrições, 4 acções do banco União do Porto, 4 acções do banco Commercial de Coimbra, 8 letras de cambio, etc. Socias, 467.

Associação dos artistas. Fundada em 22 de dezembro de 1861. Fundador ex.^{mo} sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Tem por fins: subsidios na doença, promover a educação intellectual e artistica dos orphãos, e prestar subsidio mensal ás viuvas. A associação procurará diffundir o ensino elementar e o ensino geral e tecnico das artes e officios, promover o aperfeiçoamento moral e intellectual das pessoas pertencentes ás classes laboriosas, propagando os conhecimentos da economia industrial e domestica, estabelecer deposito de materias primas para consumo das diferentes industrias, e aperfeiçoar os methodos de trabalho, etc.

Manter uma bibliotheca e gabinete de leitura. Publicar um jornal de que todos os socios deverão ser assignantes.

A associação é extranha a assumptos politicos e religiosos. O conselho administrativo é composto da mesa, da direcção e do presidente de cada um dos gremios.

A direcção é composta de cinco membros, a commissão fiscal d'outros cinco.

As artes associadas formam gremios, logo que tenham dez membros. Cada socio paga de joia 4\$000 réis e 80 réis de quota mensal.

Em 1874 teve esta associação de reccita réis 2:128\$696; de despeza, 2:532\$167.

O relatorio da direcção chama a attenção dos socios para o augmento dos encargos da associação, sem que a receita augmente na mesma proporção.

Em pensões a viúvas gastou a quantia de 238\$245 réis (26 pensionistas); a invalidos, 8, 268\$880 réis.

A camara municipal concede-lhe o donativo de réis 100\$000.

Os capitães mutuados renderam 285\$050 réis.

Tem 432 socios effectivos e muitos honorarios.

Nas salas da associação funcionam diversas aulas; de instrucção primaria, portuguez, calligraphia, desenho, geometria, francez, inglez e musica, que foram em 1873 frequentadas por 230 alumnos.

A associação dos artistas está situada n'um edificio cedido pela municipalidade, que outr'ora serviu de refeitorio aos conegos regrantes de Santa Cruz.

A sala das sessões é magestosa, e n'ella tem sido vibradas as vozes eloquentes de distinctos academicos.

Em 1869 a associação realisou uma exposiçãõ districtal de productos da industria agricola e fabril, e de agricultura, que foi justamente laureada pela imprensa de todo o paiz e pelo publico.

Em 1866 inaugurou a estatua de el-rei D. Fernando, executada pelo sr. Alves Brandão. Nas faces do pedestal estão os bustos de Sá de Miranda, Machado de Castro, José Mauricio, Domingos Antonio de Sequeira e Affonso Domingos.

A bibliotheca já está patente ao publico e aos socios.

É a associação dos artistas uma das associações mais importantes não só de Coimbra, mas de todo o paiz. É ella devida aos esforços do seu fundador, que foi o apostolo, que fez erguer o principio social n'aquella terra. A associação foi o elo que ligou o artista ao academico. O nome de Olympic Nicolau Ruy Fernandes, fica indelevelmente gravado na historia das associações de Coimbra como o de Vieira da Silva nas associações de Lisboa.

Os seus estatutos approvados em 14 de outubro de 1863, foram reformados em 1874 e approvados por decreto de 21 de setembro de 1875.

Estes estatutos têm uma novidade, pois que as tres paginas da capa apresentam a synopse da historia da associação.

Montepio da imprensa da universidade. Fundado em 1849; estatutos approvados em 1867. Fins: soccorros na doença e na inhabilidade. Levantar o socio por emprestimo do cofre até

á quantia de 7\$200 réis mediante abonação de outro socio ou com hypotheca.

O socio que sem motivo justificado não acceitar qualquer cargo para que fôr eleito pagará 2\$400 por uma vez; e que faltar ás reuniões da assemblea pagará 100 réis.

Na primeira semana da existencia d'esta associação o fundo era apenas de 560 réis, correspondente a 14 quotas de 40 réis. A primeira operação que se fez com este fundo foi um emprestimo de 40 réis, o qual produziu um juro de 5 réis, o qual está cuidadosamente guardado no cofre do monte-pio.

A receita em 1874 incluindo o saldo, foi de 1:360\$355 réis, a despeza foi de 315\$115 réis, constituido em fundos publicos, titulos, valores e dinheiro.

O seu numero de socios é limitado ao dos empregados da imprensa, e não passa de 40 a 50. Em 1874 tinha 4 inhabilitados.

É presidente nato da Associação o sr. commendador Nicolau Ruy Fernandes, administrador da dita imprensa.

Montepio Conimbricense. Fundado por iniciativa do sr. Joaquim Martins de Carvalho, conjuntamente com os srs. A. Pinto Tavares, A. Santos Pereira Jardim. Os estatutos foram redigidos pelo dr. F. Fernandes Costa.

Prestou tambem serviços a esta associação o sr. Ruy Fernandes, como se póde ver pelo artigo publicado no *Observador*. Em 1874 tinha mais de 250 socios. A receita foi 1:697\$475, e a despeza 1:576\$095; tinha 24 pensionistas, que receberam 367\$280 réis, e 4 inhabilitados, importando o subsidio em réis 183\$080.

Em inscripções, valor nominal, titulos penhores, etc. tinha o capital de 8:460\$844 réis.

Sociedade philantropico academica de Coimbra. Fundada em 1849 para socorrer os academicos pobres. Foi seu iniciador, Feliciano Augusto de Brito Correa, natural do Funchal, já fallecido. Os estatutos foram approvados por decreto de 25 de fevereiro de 1863. Os socios pagam 120 réis mensaes. Em mesadas tem despendido desde a fundação, perto de 4:000\$000 réis; em matriculas proximo de 4:000\$000 réis.

Sociedade Therpichore Conimbricense. Fundada em 1867. Esta associação era simplesmente de recreio; mais tarde porém os seus fundadores quizeram reunir o util com o agradável tornando-a ao mesmo tempo uma sociedade de instrução.

Pretenderam abrir aulas, o que não poderam realisar. A bibliotheca foi inaugurada em fevereiro de 1870; possui 4:000 volumes aproximadamente. Esta sociedade tem pouco mais de 50 socios. Varios cavalheiros lhe tem prestado relevantes serviços, entre os quaes mencionaremos o illustrado redactor do *Conimbricense* o sr. Joaquim Martins de Carvalho, Pereira de Miranda, e o distincto diplomata D. Angel Fernandez de los Rios, etc.

Associação commercial do Porto. Foi fundada esta importante

associação em 1834; sendo o seu principal fundador o escriptor José Ferreira Borges. Por deliberação d'esta associação de 14 de março de 1835, foi collocado o retrato d'aquelle benemerito cidadão nas salas da associação commercial. Por deliberação da mesma sociedade foi collocado no cemiterio da capella real da Lapa, o busto de José Ferreira Borges sobre a sua sepultura.

Os seus antigos estatutos foram reformados em janeiro de 1869 e approvados pelo decreto de 19 de fevereiro de 1870.

Pódem fazer parte d'esta associação todos os individuos comprehendidos na acceção do art. 35.º do codigo commercial, assim como gerentes de casas bancarias, commerciantes, corretores, etc. É esta associação puramente destinada a indagar as necessidades do commercio, defender os interesses e direitos dos commerciantes e promover o desenvolvimento de tudo que directa ou indirectamente possa contribuir para a sua prosperidade e illustração.

Os socios pagam desde 1834 a quota annual de 4:800 réis. Os individuos que não estejam no caso de pertencer á associação poderão ser assignantes do gabinete de leitura e pagarão a mesma quota annual. A quota até 1843 foi de 9:600 réis annuaes. Tem entrada no gabinete de leitura os intendentes de marinha, director da alfandega e presidente do tribunal do commercio.

Esta associação tem tratado de importantissimas questões, de que tem resultado o engrandecimento do commercio da cidade do Porto. Seria longo enumerar os serviços que esta sociedade tem prestado desde a sua fundação até hoje, e o modo digno como se tem correspondido com os poderes do estado, pugnando sempre pelos seus direitos e interesses.

É' curiosissima a colleção dos seus relatorios, e por ella se vê passo a passo o desenvolvimento que o commercio tem obtido n'aquella terra do trabalho e da industria, e os muitos sacrificios que tem custado.

O vinho principalmente tem sido uma questão, que aquella sociedade tem sempre tratado com a maior consideração, porque é este genero de commercio a principal riqueza d'aquella provincia. Tem esta associação pugnado para se realizar tratados de commercio vantajosos para o paiz, favorecendo a exportação dos nossos vinhos; cuidou sempre em conseguir meios de transporte, principalmente n'aquelles tempos em que o caminho de ferro não ia com o silvo das locomotivas acordar os povos, dizendo-lhes *ave!*

Tem o seu espirito liberal protestado com energia contra os monopolios; assim em 1848 vemol-a representar contra os privilegios concedidos ao banco de Portugal sobre o privilegio exclusivo de emittir notas no continente até 1876. Em 1852 representou contra o monopolio do sabão. Em 1844 a camara dos deputados approvára um contracto para que se levassem a effeito as obras da barra do Porto. Este contracto era

porém de tal ordem, que apenas consultada a associação commercial foi posto de lado.

Tratava-se de lançar um imposto por 40 annos que, segundo os *calculos mais moderados excedia a 8:000 contos de réis; e as obras, que nada tinham de fixo, ou determinado, não excediam, pelos calculos mais exaggerados (os de empresario) a 1:500 contos!!!*

O empresario era o sr. Jacintho Dias Damazio. Na camara dos deputados este projecto andara a vapor e deve-se o não ter sido levado ao cabo aos pares do reino Conde de Villa Real e F. Simões Margiochi, que lembraram que fosse consultada a camara municipal e a associação commercial sobre aquelle importante assumpto.

Por decreto 19 de Junho de 1841 foi concedido á associação as ruinas do extincto convento de S. Francisco, approvando-se a tabella de quotisação do corpo commercial, sendo ministros n'esta epocha Antonio José d'Avila e Rodrigo da Fonseca Magalhães.

N'estas ruinas foi a 6 de outubro de 1842 collocada a pedra angular sobre os alicerces da praça do commercio, depositando-se debaixo d'esse cunhal as moedas correntes n'essa epocha e o respectivo auto.

Não houve inauguração pomposa a este acto solemne. O commercio estava em estado pouco lisongeiro como se vê n'este periodo, que extractamos do relatorio de 1843:

« O commercio portuguez repellido do estrangeiro — embarcado no interior — sobre-carregado pelas necessidades do thesouro nacional: a navegação soffrendo por igual fórma, identicos resultados — desertos os estaleiros de construcção — vãos os portos: as alfandegas quasi sem movimento — as bolsas de commercio inactivas e reduzidas ao simples trato a que obriga uma liquidação forçada e sempre ruinosa — o commercio d'esta praça especialmente sobre-carregado com o enorme deposito do principal genero da sua mercancia: o aspecto do presente — o receio do futuro — uma esperança quasi moribunda — e o desalento por toda a parte, tal é o nosso *verdadeiro* e infeliz estado.»

Felizmente trinta annos depois, no relatorio de 1873 encontramos o seguinte periodo, que mostra o estado florescente a que felizmente tem chegado o commercio e o credito do paiz:

« O credito nacional elevou-se admiravelmente: a prova ahi está no preço dos titulos do thesouro; — eil-a mais plena ainda no modo por que a nação respondeu ao convite do governo, no levantamento de uma importante somma para a construcção do caminho de ferro do Minho, e de outra muito mais importante, para solver a divida fluctuante; operação esta, para a realisação da qual — dizemol-o com desculpavel orgulho, muito concorreram os patrioticos e intelligentes serviços das administrações bancarias da nossa praça, e a prestante cooperação dos nossos capitalistas. »

« Esta ultima operação, que em qualquer dos grandes mercados monetarios da Europa seria de não pequena magnitude, se, como de razão, se attender á sua cifra, e mais ainda ás condições vantajosas para o thesouro, com que foi levada a cabo, dá subido credito ao nosso paiz, carea-nos as sympathias de extranhos, demonstra os nossos recursos, e mais uma vez justifica que o nosso Portugal tem direito a conservar as suas antigas e gloriosas tradições de nação livre, cordata, laboriosa e fidelissima nos seus contractos. »

Tem actualmente 360 socios.

A receita d'esta associação eleva-se a 4:500,000, numero redondo. A do telegrapho commercial montou em 1874 a 1:475,8550; o saldo foi de 123,730 réis.

Dos importantes mappas que acompanham os ultimos relatorios extrahimos os seguintes curiosos apontamentos: Navios entrados na barra do Porto em 1874, 1:031. D'estes eram 323 inglezes e 489 portuguezes.

Rendimento da alfandega do Porto desde 1835 a 1874 em periodos de 20. annos:

1835.....	1.405:336,622
1855.....	1.936:723,277
1875.....	35.98:153,785

No periodo de 40 annos augmentou o rendimento d'aquella Alfandega em réis 2.192:817,163.

Pelo interessante mappa da exportação do vinho pela alfandega do Porto sabemos que em 1836 se despacharam 33:285 pipas; em 1858, 16:690 pipas, e em 1874, 56:531. No periodo de 38 annos augmentou a exportação em 23:246 pipas. No anno ultimo, 1874, foram exportadas para Inglaterra 35:753 pipas; 15:668 para o Brazil, e 253 para os Estados-Unidos. O consumo da Inglaterra não tem augmentado relativamente, pois que e em 1836 importou dos nossos vinhos 30:206 pipas. O anno em que exportámos mais vinho para aquelle paiz foi o de 1853, pois que mandamos 46:834 pipas. Tem diminuido o consumo consideravelmente desde 1856.

Além d'estes mappas, que trazem para a historia commercial importantes subsidios acompanham os ultimos relatorios notas da cotação das acções e mais papeis de credito na Praça do Porto, pelo qual sabemos que no anno de 1874 havia n'aquella cidade 47 papeis de credito negociaveis.

Em 31 de dezembro de 1874 havia nos diversos bancos do Porto

Dinheiro em caixa.....	2.156:365,370
Letras descontadas.....	7.509:079,155
Emprestimos sobre penhores....	2.691:557,504

E facil de ver a importancia d'estes mappas não só no presente, mas o grande auxiliar que elles serão no futuro para se apreciar o desenvolvimento commercial.

Em consequencia do fogo que houve n'um armazem da alfandega em 2 de setembro de 1842 foi consultada a associação commercial para dar o seu parecer como se devia erguer um edificio para servir de alfandega. A associação lembrou logo o fazer-se a aquisição do convento de S. Domingos.

Todos os que teem visitado a cidade do Porto admiram de certo a grandeza d'aquelle edificio, para o qual contribuiu poderosamente a associação commercial.

O bem elaborado relatorio de 1844 apresentou a idéa da creação de um *montepio geral do commercio portuense*, que tinha fins muito justos e humanitarios e que pena foi não se realisar.

A associação commercial principiou a funcionar na sua nova casa em 29 de outubro de 1850, sendo collocados na sala principal, por proposta dos srs. F. Gonçalves Aguiar e barão de Massarellos, os retratos do sr. D. Fernando e D. Maria II.

Por varias vezes teem os nossos reis visitado esta associação. Em 25 de novembro de 1860 lá esteve D. Pedro V; em junho de 1872 el-rei D. Luiz.

Pela morte de D. Pedro V, de saudosa memoria, a associação mandou distribuir 24 vestidos completos pelos pobres mais necessitados do sexo masculino, em memoria dos 24 annos de idade em que falleceu aquelle desditoso e tão amado rei, e mais 2\$400 a cada uma das 60 viuas mais necessitadas do Porto.

De todas as vezes que os nossos monarchas teem visitado a cidade do Porto, a classe commercial tem feito recepções brilhantissimas.

Real sociedade humanitaria. — Os seus estatutos foram approvados por decreto de 9 de fevereiro de 1854 e impressos na Typographia Commercial; vão sendo raros os seus exemplares.

A associação tem por fins: salvação de pessoas em naufragios nas costas do norte e sul d'esta barra, desde Caminha até Aveiro, inclusivè, e no rio Douro; e a salvação de pessoas em epidemias, incendios, etc.; promover a formação de eguaes associações em outros pontos do paiz; auxiliar as pessoas que na salvação de quaesquer individuos fiquem impossibilitadas de trabalhar; e conferir premios pecuniarios ou honorificos. Os socios pagam 1\$200 réis annuaes.

A primeira mesa da assembléa geral foi composta dos srs. Manuel de Clamouse Browne, Eduardo Moser, Francisco Joaquim Maya.

A associação tem por emblema a imagem de Nossa Senhora da Caridade, com uma legenda e figuras allegoricas.

Foi fundada por occasião do naufragio do vapor *Porto*, por iniciativa do sr. Eduardo Moser, sendo seu fundador o sr. Manuel de Clamouse Browne, já fallecido. Um dos actos mais no-

taveis desta Sociedade foi a sessão solemne, na qual o sr. governador civil, Miguel de Canto e Castro, collocou no peito de El-rei D. Pedro V a medalha de ouro para premiar os serviços que aquelle bem amado rei prestou na epidemia da febre amarella. Este facto se é importante para a real sociedade humanitaria, não é menos decerto para a historia do monarcha querido do povo.

Pelas recompensas pecuniarias que tem distribuido tem feito diminuir os sinistros no rio Douro.

Sustenta-se esta sociedade com o rendimento do capital de 18:500\$000 réis, empregado em inscrições e acções do banco.

A sociedade fez celebrar sumptuosas exequias pela morte da rainha D. Maria II, e pela do sr. D. Pedro V.

Na epoca em que a cholera morbus affligiu a cidade do Porto, a sociedade instituiu por subscrição a sopa economica, que funcionou nos armazens da cordoaria, chegando a distribuir para cima de 4:500 rações diarias.

Caixa de credito e soccorros mutuos da associação industrial.

— No anno de 1874 este importante estabelecimento teve o seguinte desenvolvimento: o movimento da caixa foi de réis 658:203\$105. As quotas dos socios produziram 6:162\$750 réis. Depositos a prazo e á ordem 90:325\$480 réis. Realisaram 5:889 penhores, na importancia de 119:784\$130 réis. Os lucros dos juros de varias procedencias elevaram-se a 7:410\$525 réis.

O capital do montepio é de 18:984\$885 réis. Soccorreu 403 socios, na importancia de 4:020\$860 réis, sendo 1:296\$800 réis em medicamentos. Com os inhabilitados dispendeu 532\$200 réis.

A caixa de soccorros é, pela sua organização e prosperidade o estabelecimento mais importante não só da cidade do Porto, mas de todo o paiz.

Companhia alliança de credito e consumo das artes portuguezas.— Tem por fim: 1.º Fazer operações de credito industrial, commercial, predial e agricola; 2.º edificar predios proprios para as classes industriaes, por conta propria ou alheia; 3.º Cultivar com authorisação do governo os montes maninhos, e terrenos abandonados, plantando arvores, etc.; 4.º Dar ás classes industriaes dinheiro sobre as fazendas que tenham nos estabelecimentos, fazer exportação para o estrangeiro, tomar obras de arrematação e estabelecer caixas economicas. O capital é de 200:000\$000 réis, dividido em acções de 10\$000 réis, pagaveis em vinte prestações. É presidente da assemblea geral o sr. dr. Custodio José Vieira, vice-presidente, o sr. dr. Alexandre Braga. É ainda tão recente a sua fundação, que nada decerto se póde dizer do seu desenvolvimento.

Sociedade cooperativa das classes obreiras.— Tem por fim o consumo, credito, producção e construcção de casas. As acções são de 10\$000 réis. A sua recente fundação não nos deixa apreciar o seu desenvolvimento.

Sociedade cooperativa de credito e auxilio da industria fabril — Fins: guarda e capitalisação das economias, compra a dinheiro de contado, e por preço menor do que no mercado, das materias primas da industria; emprestimos a juros modicos sobre penhores, etc. Os socios pagam 20 réis em cada domingo e de joia 200 réis. O fundo de reserva constitue-se com as joias.

Segundo o relatorio do anno de 1874, vemos que esta sociedade teve o seguinte desenvolvimento: lucros liquidos de todas as despezas 138\$725 réis.

Socios 104. Importancia das quotas, 1:172\$880.

Fez as seguintes operações:

Materias primas para fornecimento dos socios.....	737\$125
Fazendas manufacturadas para revender.....	457\$095
Sobre penhores.....	39\$200
Descontos de letras.....	245\$900

Total..... 1:479\$320

Capital, em titulos.....	1:589\$000
Quotas.....	81\$560
Fundo de reserva.....	46\$600
Ganhos e perdas.....	138\$725

Total..... 1:855\$885

Dos lucros deu 15 % aos socios e 24\$000 réis de gratificação aos directores. Têm prestado relevantes serviços a esta sociedade, os srs. Luiz de Souza Pinto, Delphim do Nascimento, Antonio Gaspar e João Ribeiro de Mello.

Sociedade de consumo dos livreiros e encadernadores. — Foi fundada em 16 de fevereiro de 1873, por iniciativa de Eduardo da Costa Santos, José Lopes da Silva, Joaquim Marques da Cruz, Domingos Pereira da Silva, Manuel Saraiva Montenegro e José da Silva Cardoso.

Principiou as suas operações com a quantia de 12\$160 réis, importancia de tres semanas de quotisação; os socios eram então 23, sendo 19 encadernadores e 4 estranhos á classe. Foi creada para promover por meio da união dos encadernadores, a uniformidade nos preços do trabalho; para o que foi organizada uma tabella; e fornecer a materia prima e objectos de ferramentas aos associados a prompto pagamento ou a prazos.

No primeiro anno auferiram lucros, relativamente importantes. No segundo anno distribuiu-se a cada associado 32½ p. c. sobre o capital desembolsado, que era apenas 14\$600 réis. O fundo da sociedade é actualmente de 450\$000, proximamente. Cada socio paga de joia 1\$000 réis e 100 réis de quota semanal. Tem hoje 21 socios.

Sociedade cooperativa e caiza economica do Porto. — Fundada em 22 de outubro de 1871. — A sociedade tem por fins: fornecimento aos associados de seus misteres; comprar para

vender aos associados materias primas da industria de cada um; vender por conta dos donos e mediante commissão os productos dos trabalhos que os associados executarem isoladamente; emprestar dinheiro aos associados para construcção de casas; fazer operações de credito em beneficio dos associados; ter por conta da sociedade ou por arrematação cosinhas economicas; comprar uma casa para sua residencia.

Os socios pagam 1\$000 réis para o fundo de reserva e réis 5\$000 para o fundo disponivel.

As acções são de 10\$000 réis. Quota semanal 40 réis. A sociedade é dirigida por uma direcção de sete membros, que é obrigada a servir por dois annos, e tem direito a uma gratificação.

Tem mais a sociedade um *conselho cooperador*, composto de 16 membros, que tem por fim vigiar o estado da sociedade, fiscalisar os actos da direcção, etc.

Tem prestado muitos serviços a esta sociedade, cujos estatutos estão habilmente redigidos: os srs. Antonio Joaquim de Magalhães e Antonio Luiz d'A. Alvaro.

Do bem escripto relatorio da gerencia de 1874 extractamos o seguinte: o seu activo representava-se em 4:335\$762 réis; a conta de ganhos e perdas eleva-se 377\$724 réis. Effectuou vendas de diversos generos no valor de 1:844\$044 réis, que deram um lucro de 248\$124 réis ou quasi 13 %/0. Aos socios distribuiram 8 %/0. Capital 1:664\$125 réis. Socios 354.

Sociedade cooperativa portuense de credito e consumo. — Ao socio effectivo que houver entrado na caixa com uma ou mais acções de 10\$000 réis ou com mais de seis mezes de quotas, a sociedade proporciona emprestimos pela fórma seguinte: 1.º Sem caução até uma quantia igual a 90 %/0 das entradas feitas pelo socio na caixa social. 2.º Sob caução de um numero de socios effectivos, sufficientes para garantir a solução, até cinco vezes aquella importancia. 3.º Sob penhor de ouro, prata ou capitães consolidados com curso no mercado, até dois terços dos valores empenhados. 4.º Até 800\$000 réis para acquisição de casas, sob hypotheca das mesmas casas.

Os gerentes não podem ser fiadores.

A sociedade tendo capital disponivel, poderá fabricar para vender, em dinheiro de contado, cousas necessarias á vida e materias primas industriaes, etc. N'estas operações terá á sociedade em vista proporcionar aos socios consumidores, quando não seja um menor custo, pelo menos melhor qualidade, peso ou medida, e a restituição, em periodos trimestraes, de uma parte dos lucros proporcionados dos valores consumidos por cada um e fixada pela direcção de accordo com o conselho de vigilancia.

Os lucros resultantes das operações sociaes, dedusidos a gratificação aos gerentes, e as mais despesas da sociedade e a parte do capital disponivel, e do fundo da reserva, serão divididos

anualmente pelos socios effectivos na proporção das entradas feitas por cada um na caixa social e do tempo a que estiveram realisadas essas entradas.

As acções serão pagas em 3 ou 4 prestações, com distancia pelo menos de 15 dias. Dá garantia aos herdeiros de continuar a ser socios.

Os socios podem ser accionistas e socios effectivos contri-buintes pagando 50 réis semanaes.

Em tres mezes vendeu generos no valor de 2:034\$155 réis, que deram á sociedade um lucro de 188\$235 réis, liquido réis 49\$166. O activo e passivo representava-se 12:685\$969 réia. Distribuiu 2 % aos consumidores, e ficando o saldo representando um lucro de 7,8 % ao anno em relação ás epochas das entradas.

Alliança academica. — Fundada em 1873. Fins : promover o desenvolvimento physico, moral e intellectual dos associados ; exercer a caridade por aquelles socios, distinctos pelo seu comportamento, que frequentem com proveito e assiduidade o Lyceu, a academia ou escola medica, e que sem culpa, não possam proseguir nos seus cursos por falta de meios pecuniarios.

Proporcionar o recreio licito e honesto e fomentar a boa união entre os associados.

Estabelecer saraus e conferencias literarias e scientificas, fundar uma bibliotheca, etc., etc.

Crear um montepio para os associados.

Esta associação compõe-se de socios ordinarios, extraordinarios, benemeritos e prendados.

Em julho de 1874 contava 272 socios ; tinha um saldo de 77\$000 réis, tendo despendido 500\$000 réis em despezas de instalação. A benemerita camara municipal cedeu a esta associação o convento dos Carmellitas para ella funcionar.

Associação artistico-commercial portuense. — Fundada em 22 de novembro de 1858. Estatutos approvados em 1858 e reformados em 1870. São membros honorarios, o governador civil e administradores dos bairros, para velarem pela observancia dos estatutos.

Os socios pagam 100 réis de joia para o cofre das viuvas. A pharmacia é livre. Quota mensal, 400 réis. Receita, cifra redonda, 2:100\$000 ; despeza, 1:500\$000 réis. Fundo, 6:000\$000 ; que se compõe de 11 acções do banco União, 15 do Alliança, 8 do Luzitano, 1 do Credito Predial e 16 inscripções.

Dá pensões a 17 viuvas.

Associação de soccorros harmonia portuense. — Fundada em 10 de agosto de 1873 com 210 socios, na rua da Oliveirinha, freguezia de Bomfim. Fundadores : Antonio do Nascimento Pinheiro, Manuel José Martins Netto Junior, José Cardoso, Agostinho Marques, Leonardo Teixeira, Gonçalo Monteiro de Queiroz, Manuel Teixeira Ferreira e Frederico C. Martins d'Almeida.

Nos 8 mezes que tem funcionado (10 de agosto a março

1875), tem gasto, 658\$240 réis; receita 991\$180 réis. Fundo total, 1:755\$630 réis. Socios, 457. O capital está empregado em papeis de credito.

Os seus estatutos têm 35 artigos e estão bem elaborados.

Associação de socorros dos marceneiros e entalhadores portuenses. — Estatutos approvados em 1856 e reformados em 1860 e 1872. Receita, 1:411\$773 réis; despeza, 1:016\$085 réis. Fundo, 3:300\$300 réis.

Foi fundada por iniciativa do sr. Manuel Joaquim Machado Reis, cujo retrato foi inaugurado n'esta associação em 6 de abril de 1872. Com 20 annos de existencia, ainda assim é pequeno o seu numero de socios, pelas dissensões que no principio teve esta associação; o capital é tambem exiguo em razão do grande numero de viuvias que subsidia. Tem-lhe prestado muitos serviços os srs. José Antonio Jorge, Albino Ferreira Pacheco e Manuel Marques dos Santos

Associação fraternal de beneficencia de todas as classes do Porto. — Esta associação foi fundada pelos socios dissidentes da associação das classes laboriosas. Foi organizada a 8 de dezembro de 1856. Os seus estatutos foram approvados em 1857 e reformados em 1873. A approvação dos seus estatutos foi festejada em 4 de outubro no theatro da rua de Santo Antonio (hoje do Principe Real).

A associação quiz no principio fundar aulas de instrucção primaria para os socios e seus filhos, para o que convocou os presidentes das outras associações; infelizmente não teve resultado algum.

Esta associação contribuiu com a quantia de 266\$950 réis para as victimas da febre amarella em 1857.

Entre os cavalheiros que por dedicado amor ao principio social mais contribuíram para a prosperidade d'esta associação, notamos: José Joaquim de Barros, e Manuel Marques dos Santos.

Esta associação progrediu nos primeiros annos da sua existencia, tendo no fim do primeiro anno da sua fundação 623 socios.

A sua receita eleva-se a 5:200\$000. Tem fundo no valor de perto de 7:000\$000 réis. Subsidia 16 inhabilitados. Em medicamentos, gastou em 1874 mais de 300\$000 réis.

Associação philantropica das artes portuenses. — Estatutos reformados em 1865. A associação tem por armas: um escudo esquarteado, tendo no primeiro quadro as armas de Portugal, no segundo duas mãos apertadas, no terceiro um pelicano, e no quarto as armas do Porto. Na parte superior d'este escudo o emblema das artes e em volta, o titulo da associação e a data da installação.

A sua receita eleva-se a 3:500\$000 réis. Fundo, 4:600\$000 réis. Subsidia 12 inhabilitados. Em 3 de maio de 1875 inaugurou o retrato do sr. Souza Porto.

Sociedade de socorros dos operarios fabricantes do Porto.— Fazem parte d'esta associação os fabricantes de tecidos de seda, algodão, lã e linho, os tintureiros, e estampadores, etc. São socios honorarios o governador civil, e administradores dos bairros. Receita, numero redondo, 2:000\$000 réis. Fundo, réis 3:700\$000.

Sociedade protectiva do Porto.— Fundada por Antonio Luiz d'Aguiar Alvaro em 1867, sob o nome de *Sociedade economica alimenticia e socorros mutuos de todas as classes do Porto*.

Os seus fins eram cooperativos e de socorros; fornecer aos socios os objectos de consumo por meio de um estabelecimento da sociedade, auxiliar a industria, e edificar casas para os operarios.

Em 1868 começou o pagamento das quotas, podendo cada socio pagar 240 réis ou 40.

Em outubro abriu o primeiro estabelecimento que deu um pessimo resultado pela inexperiencia e falta de confiança. Foram então reformados os estatutos sob o título de *Sociedade protectiva do Porto*, approvados em 4 de julho de 1870. Ficando a sociedade em mau estado, deveu o seu desenvolvimento aos srs. Manuel Marques dos Santos, José Augusto Souza Nogueira, Eduardo da Costa Santos, e Manuel Ferreira da Cunha.

Em maio apresentou o plano para a edificação de uma casa, por meio de acções de 1\$000 réis, pagas em 10 prestações mensaes de 100 réis, amortisaveis de seis em seis mezes, depois da casa concluida. Estas acções renderiam o juro de 4 %.

A sua receita total eleva-se a 3:100\$000 réis. Capital réis 1:600\$000, numero redondo.

N'outro logar apreciaremos o desenvolvimento das associações portuenses.

Associações na provincia da Extremadura

ASSOCIAÇÕES DE LISBOA

Caixas de credito, economicas e de pensões

Associação de socorros na inhabilidade.— Fundada em 5 de novembro de 1872.

Tem por fim esta associação prestar uma pensão pecuniaría ao socio, que por sua avançada idade, padecimentos phisicos, mutilação ou lesão adquirida nos trabalhos da vida, se tornar inhabil para exercer qualquer profissão, emprego ou industria.

Cada socio paga, sem distincção de idade: 1.º grau, 200 réis; 2.º grau, 100 réis, de quota mensal, que lhe dão o direito, decorridos cinco annos, ao 1.º grau, a pensão de 500 réis diarios, ao 2.º grau, 300 réis.

Supponhamos que um operario ao cabo de cinco annos de socio tem a infelicidade de ficar inhabilitado para o trabalho, e que durante esse tempo contribuiu com a quota de 200 réis mensaes.

Ao fim d'esses cinco annos deu para a sociedade sómente a quantia de 12\$000 réis, e fica recebendo por anno 180\$000 ! Isto é, 1\$475 por % ! A fatalidade de ficar inhabilitado para o trabalho está imminantemente sobre todos os operarios ; creio pois que bem vale a p-na com o pequeno sacrificio de 200 rs. mensaes, prevenir longos dias de desgraça.

A receita mensal d'esta associação eleva-se, termo medio de 100\$000 a 150\$000 réis.

O seu numero de socios póde calcular-se em 600 ; em inscripções tem 5:200\$000 réis, nominaes.

Associação de soccorros e monte pio geral da marinha. — Fundado em 1841.

Tem por fim prestar soccorros aos socios, os quaes pertencem á repartição de marinha.

Os socios podem subscrever com uma quantia não menor de 100\$000 réis nem maior de 600\$000 réis.

Transmittir por sua morte pensão aos seus herdeiros, conforme as disposições dos estatutos ; gosar de metade da pensão em caso de demissão (não sendo por motivo deshonoroso) ou em caso de inhabilidade.

Esta importante associação é administrada por uma junta, composta de um presidente, seis vogaes, um escrivão e um thesourreiro.

As pensões são reguladas conforme os graus, que são 11.

O socio, por exemplo, subscriptor de 100\$000 réis, póde legar uma pensão de 25\$000 a 50\$000 réis.

As pensões podem ser legadas : á viuva e aos filhos, sendo do sexo masculino, até 18 annos ; e até 21 annos, frequentando os estudos ; ao pae, maior de 70 annos ; mãe viuva, e irmãs solteiras ou viuas, etc.

Cada socio tem a satisfazer uma quota mensal, quasi identica á da associação do *monte-pio geral*.

Estes estatutos foram approvados em 12 de maio de 1857 pelo ministerio dos negocios da marinha e ultramar.

Em conformidade da portaria de 7 de maio de 1867 existe depositado no cofre d'esta associação a quantia de 14:000\$000 réis, representada por 37:350\$000 em inscripções e por todos os mais valores da associação.

Do relatorio do anno de 1873 extrahimos os seguintes apontamentos, que mostram o desenvolvimento d'esta associação, devido principalmente aos emprestimos sobre penhores e aos descontos.

A receita proveniente de varias fontes, elevou-se á somma total de 248:761\$143 réis ; sendo apenas de quotas 8:742\$580 réis, e de juros de inscripções 1:660\$500 réis.

Entre as verbas de despeza encontramos a quantia de 15:445\$555 despendida com as pensões.

As quantias emprestadas foram ao premio de 10 %.

O capital em 31 de dezembro de 1873 era de 176:182\$694 réis.

Sobre penhores emprestou a associação a quantia de réis 47:969\$855.

Socios em 31 de dezembro de 1873, 387; em 1842 tinha 379 socios, e em varios annos tem sido elevado este numero, chegando em 1864 a ter 467.

Pensionistas 382.

Desde a fundação da associação os socios têm contribuido com 107:494\$138, e a totalidade das pensões pagas eleva-se á importante verba de 349:130\$855 réis.

Banco do Povo. — Fundado por iniciativa de Francisco Maria de Sousa Brandão, que para este fim reuniu varios amigos na associação dos artistas lisboenses no dia 12 de dezembro de 1873, explicando n'essa occasião o seu pensamento ácerca do banco do povo.

Estiveram presentes a esta reunião individuos de diversas classes, representando alguns as seguintes associações:

Industria social dos serralheiros; Industria progressiva de massas; Sociedade dos colzoeiros lisboenses; Sociedade economia social; Sociedade alliança popular; Sociedade de consumo 1.º de dezembro; Associação do trabalho de tecidos em Alcantara; Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas.

O seu fim é colligir o capital necessario para auxiliar as associações de trabalho, as cooperativas de todas as especies, os pequenos estabelecimentos de industria.

O fundo primitivo era de 25:000\$000 réis, dividido em acções de 2\$000 réis pagaveis em 20 prestações. O capital actual é de 150:000\$000 réis dividido em acções de 10\$000 réis.

Os seus fins são hoje os mesmos da *Caixa de credito*. Em 31 de dezembro de 1874 o activo representava-se em 34:715\$848 réis. Aos accionistas distribuiu 4 % no 1.º semestre.

Banco popular Independencia. — Os seus estatutos foram approvados por decreto de 7 de maio de 1874 e em assembléa de 26 de março de 1875.

Accionistas 732.

Capital 38:800\$000 réis.

Activo 40:198\$570 réis, em 30 de julho de 1875.

Os seus fins são: reunir os pequenos capitaes, mutual-os com juros modicos e proporcionar aos associados uma independencia relativa, assegurando-lhes a facilidade de terem dinheiro prompto para melhorar as suas condições de trabalho e produção.

Emprestar aos accionistas que forem funcionarios publicos, além do capital, até seis mezes dos seus vencimentos e mais, com seguro de vida.

Adiantar aos accionistas até seis mezes ou um anno do rendimento, livre de quaesquer bens de que sejam proprietarios, usufructuarios ou administradores. Fazer empréstimos sobre hypothecas, para construcções de predios, etc., e sobre papeis de credito até 80 % do valor do mercado

Podem ser accionistas (art. 50.º) d'este banco, os pensionistas do estado, os egressos, funcionarios publicos, tanto civis, como militares e ecclesiasticos.

No artigo 66.º estabelece que a qualidade de accionista não se transmite nem por successão legitima, nem por nenhum outro direito.

As acções são de 10\$000 réis pagas em prestações de 5 % mensaes ou semanaes.

O sr. Albino A. de Andrade e Almeida foi quem tomou a iniciativa na fundação d'este banco, pertencendo a idéa da sua instituição ao distincto escriptor o sr. Alfredo de Mello.

A doutrina do artigo 66.º achamol-a contra todos os principios da justiça; pôde mais tarde levar aquella instituição a um monopolio de interesses.

Se o banco popular *Independencia* attingir no futuro largo desenvolvimento, o accionista não tem direito de legar á sua familia os beneficios para os quaes cooperou com os seus capitães.

Tambem não sabemos quaes sejam as condições de trabalho e producção na classe dos funcionarios publicos.

Analysando mais a doutrina do art. 66.º vemos que ella pôde ser injusta para o herdeiro e gravosa para o banco. Supponhamos que as acções, em virtude da prosperidade do banco, attingiram um alto valor no mercado. Imaginemos um accionista que possua 30 acções, cujo capital é de 300\$000 réis e que no mercado cada acção vale 15\$000 réis. O herdeiro vendendo-as no mercado receberia 450\$000 réis, mas pela disposição do artigo 66.º não tem direito a receber mais do que 300\$000 réis, isto é, perde 150\$000 réis.

No caso contrario, em vez das acções valerem 15\$000 réis, se valerem apenas 5\$000 réis, o banco tendo de entregar 300\$000 réis, perde por consequencia 150\$000 réis. D'este escolho livra-se a direcção pelo mesmo art. 66.º, que lhe faculta o direito de reconhecer como accionista o herdeiro: é ainda outra porta aberta para maior injustiça.

O herdeiro que não succede no direito de ser accionista entretanto pelo artigo 67.º fica com a responsabilidade do socio fallecido.

Caixa de aposentações.—O seu fim é dar pensões vitalicias aos seus associados, de ambos os sexos. A pensão annual é proporcional a 50\$000 réis ou seus multiplos até 600\$000 réis, uma vez que pague por cada 50\$000 réis de subscrição 3\$000 réis de joia e 250 réis de quota mensal e pelo diploma 400 réis. O socio para se aposentar deve ter cincoenta annos de idade

e pelo menos dez de associarlo. O socio que subscrever com 50,000 réis, e que no fim de dez annos tem entrado para a caixa com a quantia de 33,400 réis, tem direito a receber a pensão annual de 15,000 réis ou mais de 44 %.

O socio, que subscrever com a pensão de 60,000 réis e que seja associado pelo espaço de 40 annos, contribue para a caixa com a somma total de 1:476,400 réis, e receberá depois a pensão por inteiro, isto é 600,000 réis. Um pae, que ao chegar seu filho á idade de dez annos collocar o capital de 750,000 réis ao juro de 8 %, paga com elle as quotas da caixa e assegura-lhe, chegando á idade de 50 annos, um rendimento, que só obtera com um capital de 1 ou 10 contos de réis. O direito á inhabilidade adquire-se passados cinco annos de socio, recebendo 20 % da pensão com que subscreveu e d'ahi ávante da mesma fórma como na aposentação. Foram fundadores d'esta util instituição, entre outros, Antonio Joaquim de Oliveira, Clemente José dos Santos, Gonçalves Vivas, Freichão Coelho, Torcato Elias Gomes da Costa. Tem 300 socios, proxivamente.

Caixa de credito industrial. — Fundada em 9 de dezembro de 1869 — Os seus primeiros estatutos foram publicados no *Diario do Governo* n.º 283 d'aquelle anno. Estão assignados pelos srs. Manoel Gomes da Silva, Antonio Thomaz de Souza, José Maria Chaves, José Gomes de Andrade, José Joaquim Lopes Alves, Victorino Francisco Moreira Vidal, Marcellino Duarte e Silva, Feliciano de Andrade Moura, João Cyriaco. Lence e Joaquim Ferreira de Campos.

Estes estatutos foram reformados por deliberação da assemblea geral de 27 de novembro de 1873, discutidos e approvados nas sessões de 3, 10 e 17 de dezembro do mesmo anno.

Tem por fim, em geral auxiliar a industria e o commercio, e em especial os pequenos estabelecimentos manufactureiros.

O capital da caixa será de 500,000,000 (art. 5º) etc. dividido em 50,000 acções de 10,000 réis. São operações da caixa:

Fornecer fundos aos industriaes, mediante as necessarias garantias para desenvolvimento da sua industria, receber dos industriaes quaesquer artefactos promovendo a sua venda dentro e fóra do paiz mediante uma commissão, fazer emprestimos sobre penhores, tanto na séde da sociedade como nas succursaes, decontar letras ou quaesquer titulos commerciaes; cedulas ou outros titulos de divida do estado pagaveis a praso nunca maior de seis mezes; negociar letras de cambio e de bottomeria e operar transferencias de fundos entre as praças nacionaes ou estrangeiras, dar quantias a credito, emprestar sobre ouro, prata ou pedras preciosas, papeis de credito, fazendas, predios ou quaesquer hypothecas, etc.

Receber dinheiro em depositos, estabelecer junto aos montes de piedade, caixas economicas onde se recebam quaesquer quantias, desde 100 réis. Guardar em deposito objectos de va-

lor mediante commissão ou sem ella. Comprar e vender acções de bancos, companhias, etc.

O estado da caixa de credito em 31 de dezembro de 1874 era: activo 501:652\$503 réis; mais 305:529\$189 réis que o anno anterior. O movimento total da caixa elevou se á importante somma de 1.775:000\$000 réis, isto é, mais 1.100:000\$000 réis que no anno antecedente. O capital realiado de acções era de 155:747\$600 réis. Os depositos eram de 231:251\$851 réis, tendo o seu movimento ascendido a 922:090\$000 réis! Os empréstimos sobre penhores foram 1:474 na importancia de 62:000\$000 réis; os mercantes 33, na de 11:000\$000 réis: as letras descontadas 2908, na importancia de 600:000\$000, réis, sendo 1398 de quantias não superiores a 100\$000 réis. Os saldos de ganhos e perdas 11:057\$117 réis. Aos accionistas distribuiu dividendo de 10 %.

A caixa de credito tinha em 1873 estabelecidas tres succursaes em Lisboa, e hoje tem uma em Setubal e procura estabelecer outras em diversas terras, o que achamos pouco vantajoso para as localidades. Formem-se estas caixas por iniciativa de cada logar, mas regeite-se o beneficio estranho. As tres succursaes effectuaram 17:505 empréstimos na importancia de 31:533\$520 réis.

Caixa de empréstimos lisboenses. — Fundada em 1875, na casa da associação dos melhoramentos das classes laboriosas, sendo seus fundadores, entre outros, os srs. João de Mendonça e Leite Bastos, escriptores, Fernando da Costa Pereira, já fallecido, José Rodrigues Adrião, Manoel Ignacio de Gouveia, Antonio Rocha, Augusto José de Quina, etc. Tem os mesmos fins que a Caixa de Credito. O seu capital é de 100:000\$000 réis. O seu activo era em 31 de outubro de 1875, 39:073\$715. Os empréstimos são feitos a 1 % ao mez sobre objectos de ouro ou prata; papeis de credito a 9 % ao anno.

Monte-pio Commercial. — Creado em Lisboa por iniciativa dos officiaes da marinha mercante com a denominação de monte-pio maritimo commercial, em 1861, e os seus estatutos reformados em 1867.

Tem por fins: dar pensões a parentes dos socios em certos graus; a estranhos em casos determinados; aos socios em casos especiaes e dotes ás pensionistas solteiras.

Os socios podem subscrever com a quantia de 50 a 800 mil réis. O socio póde no fim de tres annos gosar da pensão, estando inhabilitado e não tendo rendimento superior a 80\$000 réis.

A gerencia do monte-pio está a cargo d'uma direcção composta de membros, responsaveis solidariamente pelos seus actos. Os fundos do monte-pio dividem-se em permanente e disponivel, aquelle compõe-se do saldo da respectiva conta no primeiro dia do semestre immediato áquelle em que principiou a vigorar o novo estatuto, de 10 % de todos os rendimentos

e receita da associação, e do saldo do fundo disponível, que é composto das joias, quotas, multas, rendimento do fundo permanente, etc. As joias e quotas mensaes são reguladas em referencia á idade e á quantia com que se subscreve.

O socio subscriptor de 100\$000 réis, de idade de 18 annos paga de joia 8\$000 réis; quota mensal 400 réis. O socio de 40 annos paga de joia 14\$000 réis, quota mensal 500 réis. Aos 60 annos paga de joia 44\$000 réis, quota mensal 1\$500 réis. As quotas e os juros vão augmentando gradualmente.

As pensões são tambem reguladas conforme o numero de annos que se tem de socio. O maximo da pensão de 100\$000 réis é de 57\$600 réis.

Este monte-pio tem uma caixa economica onde recebe em deposito quantias desde 100 réis a 500\$000 réis, pagando um juro que póde regular em 3 e 5 %. Efectua tambem emprestimos desde a quantia de 1\$000 réis, levando um juro de 7 a 9 %. Vejamos agora o estado d'este monte pio, segundo o que nos apresenta o relatorio da gerencia de 1874. O fundo permanente foi elevado a 53:217\$636 réis.

A somma dos valores realizados que figuram no activo eleva-se a 71:547\$231 réis.

Socios 298.

Encargo annual das pensões 4:571\$124 réis.

Os rendimentos e receitas da associação foram 5:932\$351 réis.

Na caixa economica entraram 478 depositos na importancia de 27:749\$940 réis; as saídas foram 571, montando a 35:576\$596 réis: juros ganhos pelos depositantes 575\$294 réis. Sobre penhores emprestou 13:703\$650 réis; juros ganhos 952\$455 réis. Em papeis de credito emprestou 1:477\$200 réis.

Monte-pio da casa real. — Fundado em 1841, e os estatutos approvados em 1844.

Fazem parte d'esta associação os officiaes-móres, e menores da casa real, os criados, criadas e mais empregados.

Os fins d'esta associação são legar pensões ás familias dos socios, as quaes são reguladas conforme os ordenados que cada socio recebe e a quantia com que se subscreve.

As joias que pagam os socios é em referencia á idade.

Até á idade de 30 annos, 5 %; dos 31 aos 40, mais 1 % em cada anno; dos 41 aos 50, mais 2 %; dos 51 aos 60, mais 4 %; dos 61 aos 65, mais 8 %; dos 66 aos 70, mais 12 %; dos 71 em diante, mais 25 %.

As quotas annuaes são 5 % da quantia por que o socio subscreve, a qual nunca excederá a 800\$000 réis.

Um principio de fraternidade está estabelecido nos estatutos, que muito honra esta associação, e é de conservar os direitos ao socio, que pelo facto de indigencia não possa contribuir com as suas quotas.

O socio lega aos seus herdeiros uma pensão na importancia da metade da quantia com que subscreveu.

Esta associação é dirigida por uma junta administrativa, que tem a seu cargo toda a gerencia do montepio, prestando contas todos os annos.

Em 31 de dezembro de 1874 tinha 81 socios contribuintes Pagou mais de sete contos de réis de pensões.

O capital do monte-pio era de \$3:389\$9\$5. A familia real auxilia a associação com diversos donativos pecuniarios, que eleva a receita.

A receita total foi de 10:471\$385 réis ; a despeza 7:486\$862 réis.

Montepio das alfandegas do reino. — Fundado em dezembro de 1844 e reformado em abril de 1868.

Compõe-se esta associação de todos os empregados das alfandegas do reino, que tiverem carta de serventia vitalia e ordenado pelo menos de 100\$000 réis, que não pertencerem ao tempo da sua nomeação a qualquer montepio, e não tiverem mais de 40 annos.

Os seus fins são : dar pensões aos socios, a parentes d'elles em certos graus e a estranhos em casos especiaes ; conceder dotes a pensionistas solteiras.

A quantia menor com que se pôde subscrever é de 100\$000 réis até 600\$000 réis.

O socio paga uma joia e contribuição em conformidade da quantia por que subscreve, e tambem em relação á idade.

Até 25 annos, 5 % por cada 100\$000 réis, e o mesmo da contribuição.

Os socios têm o direito de legar as pensões, augmental-as ou diminuil-as, receber até metade da pensão que pertenceria aos seus herdeiros, quando se impossibilitar physica ou mentalmente.

A direcção do mentepio está entregue a um presidente, secretario, thesoureiro e dois vogaes. Ha além d'este corpo gerente uma commissão revisora eleita em cada semestre, composta de tres membros.

O fundo divide-se em permanente e disponivel.

O capital é indefinido, e compõe-se do fundo permanente actual, augmentado com as joias, 10 % do fundo disponivel, donativos, etc.

O fundo disponivel é annual, e compõe-se das quotas mensaes e do rendimento do capital, e tudo liquido dos 10 % já mencionados.

Do fundo disponivel saem as pensões e todas as despezas da sociedade.

O socio que ao tempo do seu fallecimento tiver pago sómente um anno de joia, transmitta uma pensão egual a 25 % da pensão de 1.º grau ; se tiver pago dois annos, será de 50 %.

Quando o fundo disponível não chegar para completar o pagamento das pensões, serão estas rateadas.

Perdem o direito de receber a pensão, o filho do socio que completou 21 annos, a viuva que passa a segundas nupcias e as solteiras que casam. Estas recebem um dote em fundos publicos, egual á importancia das pensões de cinco annos, abatendo-se d'ella o que tiverem recebido.

Para attenuar a disposição ultima d'este artigo, que podia tornar inutil, aquella disposição, no § 1.º declara se que o dote nunca será menor da importancia de dois annos de pensão.

A receita total eleva-se a 18:000,000, numero redondo.

Tem em fundos publicos e acções 70:000,000, nominaes.

Valor real 27:160,000 réis.

Socios 343; pensionistas 131.

Pela carta de lei de 17 de julho de 1855 declara-se obrigatorio aos empregados das alfandegas a qualidade de socio do montepio. Os paragraphos seguintes porém dão franquia para se eximir áquella condição todos os que não comprehendem as vantagens da associação.

Monte-pio geral. — Foi creado por empregados publicos em 1840. Os seus estatutos têm sido ampliados e reformados em 1843, 1846, 1864 e 1873.

Os seus fins são dar pensões aos socios, a parentes d'elles em certos graus, e ainda a estranhos em casos especiaes, conceder dotes a pensionistas solteiras, conservar aberta a caixa economica creada em 1844, estabelecer uma caixa de seguros mutuos sobre a vida e fazer emprestimos sobre penhores. Para ser socio é necessario não ter mais de sessenta annos.

Os socios têm a pagar além da joia, uma mensalidade correspondente á idade em que subscrive e á pensão que pretende legar.

O socio, por exemplo, subscriptor de 100,000 réis, associando-se na cidade de 40 annos tem a pagar de joia 15,000 réis, e 620 réis mensaes. No fim de onze annos, estando corrente, póde legar aos seus herdeiros a pensão de 50,000 réis.

Os estatutos regulam o modo de legar as pensões, em conformidade com as leis do paiz.

As vantagens d'este importante estabelecimento são manifestas e para o demonstrar basta dos seus relatorios transportar para aqui o seu movimento.

Além do beneficio das pensões, o montepio geral tem sido um meio para obstar ao maior desenvolvimento das casas de penhores. Entretanto, como este estabelecimento empresta somente sobre objectos de ouro, prata, pedras preciosas e papeis de credito, as casas de penhores elevam-se em Lisboa a mais de 65, que emprestam dinheiro a um juro exorbitante e escandaloso, afóra a classe desprezível dos agiotas, contra a qual seria mister fazer leis rigorosas, para acabar o seu commercio infame de emprestimos a 100 e 200 % e mais ainda.

Tinha no fim de dezembro de 1874 o avultado numero de 1:904 socios, cujas contribuições n'esse anno se elevaram a 43:989\$770; mantinha 787 pensionistas, cujas pensões n'esse anno foram 45:457\$369 réis; isto é, para pagar este encargo, que é o fundamental do monte-pio, foi apenas necessario acrescentar ao producto das joias e quotas dos socios 1:467\$599 réis; e para esta differença dão bem os demais rendimentos do monte-pio, que só de juros de fundos publicos, e de emprestimo sobre penhores, e dividendos de accões de bancos e companhias recebe annualmente 65:014\$300!! Com tão poderosos recursos e tão extraordinario credito muito admira que este monte-pio tenha apenas 1:904 socios; e não muitos milhares d'elles a crearem n'este segurissimo coíre de auxilio mutuo o dote de suas familias, e das pessoas que amam, assegurando-lhes, com uma pequena economia mensal, o pão além da sua morte. O movimento total da receita do monte-pio no anno de 1874, a que se refere o relatorio de que tomamos estes dados, foi de 1.073:712\$386 réis; mas a receita propria foi: 118:076\$585 réis. D'esta quantia 79:640\$602 réis pertencem ao fundo disponivel; d'elles se pagaram todas as despezas, ficando um saldo de 15:926\$107 réis, o que junto aos 38:435\$983 réis da receita do fundo permanente prefaz 54:362\$090 réis, que em tanto foi acrescentado no anno de 1874 o fundo permanente do monte-pio geral, fundo que no fim d'esse anno ficou ascendido á somma consideravel de 737 contos de réis!! A progressão do fundo permanente tem sido desde 1841, inclusivê, em contos de réis, numeros redondos: 3, 7, 11, 14, 19, 22, 24, 27, 31, 35, 42, 49, 58, 69, 81, 95, 111, 129, 148, 170, 194, 221, 252, 285, 323, 363, 407, 451, 495, 537, 581, 627, 682, 737. O numero de socios fallecidos desde a instituição é de 453. Tinha subscripto para o capital de 133:052\$000 réis; pagaram de quotas 131:582\$445 réis; legaram pensões na importancia annual de 58:378\$557, pelas quaes se tem pago até dezembro do anno passado 407:392\$045, cujo direito foi adquirido pelos socios com quasi um terço d'essa somma, tão prodigioso é o processo economico d'essa instituição, onde houve socios que conquistaram para suas familias uma pensão annual de 25\$000 réis com o pagamento apenas de 11\$720 réis, de 65\$000 réis com só 50\$320 réis de 110\$000 réis com só 80\$000 réis!!

Monte-pio official dos servidores do Estado. — Creado por carta de lei de 2 de julho de 1867, e regido pelos estatutos approvados em 22 de novembro de 1870.

Tem por fim estabelecer pensões ás familias dos officiaes do exercito e da armada, e ás dos empregados civis e funcionarios dos diversos ministerios, e das camaras legislativas, que tenham ordenado não inferior a 300\$000 réis e não tendo mais de 40 annos.

Os direitos dos socios são legar por sua morte pensão aos seus herdeiros.

Cada socio contribue com um dia de soldo ou ordenado; as quotas são pagas por desconto feito nos vencimentos.

As pensões são reguladas na razão de 30 % do soldo ou ordenado correspondente á quota a que o contribuinte estiver sujeito na época do seu fallecimento. Os herdeiros dos associados que tiverem contribuido effectivamente com as quotas pelo espaço de mais de dez annos, tem direito á pensão total.

Os herdeiros dos que tenham contribuido effectivamente pelo espaço de cinco annos, tem direito á metade da pensão.

Os herdeiros dos que tenham contribuido por menos de cinco annos, receberão por uma só vez a importancia das quotas com que os mesmos socios tenham entrado em cofre.

O monte-pio considera herdeiros as viuvas, e filhos legitimos (incluindo os posthumos).

A viuva recebe toda a pensão, não havendo filhos; metade tendo-os: a outra metade da pensão é dividida em partes eguaes por todos os filhos.

As filhas viuvas e solteiras e os filhos varões até 18 annos e 21, estudando com aproveitamento.

A viuva para ter direito á pensão precisa ter um anno de casada, ou ter algum filho legitimo ou legitimado.

Não tendo mulher e filhos, o socio póde legar a pensão á mãe, irmãs ou irmãos menores.

Os fundos do monte pio dividem-se: em permanente, indefinido, formado pela capitalisação de 10 % do fundo disponivel pelos saldos d'este e quaesquer quantias extraordinarias; em fundo disponivel annual resultante do subsidio do governo, na importancia de 25:000\$000 réis, das quotas dos contribuintes e do rendimento do fundo permanente, tudo liquido dos 10 %.

Os fundos capitalizados são convertidos em titulos de divida fundada, de assentamento, ou em obrigações do credito hypothecario.

Para a sua gerencia tem meza da assembléa geral e direcção composta de sete membros. Elege todos annos uma commissão revisora de tres membros.

Receita total 104:472\$082 réis, sendo 25:000\$000 réis, subsidio do governo, 38:031\$112 réis, de quotas e 41:400\$000 de réis de juros de inscripções. Despeza 27:210\$594 réis; sendo em pensões 25:998\$661 réis. Fundo permanente 569:642\$999 réis, capitalizado em 1.408:400\$000 réis de inscripções. Socios 2260. Morreram no ultimo anno 63 ou 2 $\frac{3}{4}$ % . Pensionistas 643. A despeza com as pensões augmenta de 3 a 4 contos de réis em cada anno. O numero dos socios é limitadissimo, considerando quanto é numerosa a classe dos funcionarios publicos.

Durante os primeiros cinco annos foram legadas pensões no valor de 13:661\$000 réis.

Nota com razão e justiça a commissão revisora de 1872 que

as disposições do estatuto, que marca a quantia de 300,5000 réis, para ser socio, e a idade de 40 annos como termo para a sua inscripção, excluem d'este montepio muitos funcionarios, deixando d'este modo de estender-se a todos a sua acção benéfica.

Quantos funcionarios publicos não chegam á idade de 40 annos com um vencimento inferior a 300,5000 réis? Muitos. Crear um montepio só para empregados superiores é uma injustiça, dando principalmente para elle o governo 25 contos annuaes.

As pensões são tambem pequenas. O empregado que tenha por exemplo 500,5000 réis annuaes, o maximo que pôde legar á sua familia é 150,5000 réis.

Comparativamente porém com o capital que empregou, é de summa utilidade. Vejamos:

O empregado do vencimento a que já alludimos, sendo socio por espaço de 24 annos, isto é, desde os 36 annos aos 60, entrou para o cofre do montepio com a quantia de 400,5000 réis, que lhe fica vencendo 150,5000 réis annuaes ou 27 1/2 %.

Associações de instrução popular

Academia civilisação. — Inauguração a 7 de novembro de 1875. Tem por fim: Crear escolas, diurnas e nocturnas, de instrução primaria e secundaria e de arte dramatica para ensino gratuito não só dos associados como dos indigentes. Effectuar recitas, apresentando produções verdadeiramente uteis e de escriptores de reconhecido merito. Distribuir em folhetos ou publicações periodicas, assumptos concernentes ao amor da patria e da familia e todas as questões sociaes e industriaes.

Realisar palestras e conferencias sobre estes mesmos assumptos.

Promover a instrução e diversão dos seus associados, socorrel-os no desemprego ou indigencia. É presidente honorario d'esta associação o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. Foram fundadores d'esta sympathica instituição os srs. Raphael Vasques Onça, João José Teixeira Junior, Julio Maximo de Carvalho e Silva e Alfredo Vasques Onça. Esta nascente associação tem mais de 150 socios; a quota mensal é de 500 réis.

Associação civilisação popular. — Fundada em 24 de julho de 1862, na sala da sociedade alumnos de Minerva. Os seus estatutos foram approvados em assembléa geral de 20 de julho de 1865 e por decreto de 23 de maio de 1866.

Foram seus fundadores os srs. Januario Scabra, Francisco Nogueira da Silva, gravador, Antonio Augusto da Silva Lobo, cujo retrato se acha collocado no gabinete de leitura d'esta associação.

O sr. Silva Lobo é um moço de talento e bem conhecido nas luctas politicas e populares. É um escriptor de merecimento e orador energico, que por muitas vezes provou os seus dotes oratorios. Está actualmente no Brazil. O seu nome está vinculado indelevelmente na historia da *Associação civilisação popular*.

Os fins d'esta associação são instruir o povo, levando o ensino e a civilisação ás ultimas camadas sociaes, em inteira e completa harmonia com a religião do Estado e as leis politicas e civis do paiz.

A quota ordinaria é de 60 réis mensaes, e para o governo da associação a assembléa geral elege annualmente a meza, e conselho administrativo, que trata da parte financeira da associação, e um conselho de instrucção, que tem a seu cargo a fiscalisação da escola, gabinete de leitura, e finalmente tudo quanto diz respeito á instrucção.

Este conselho é composto de cinco membros, sendo tres eleitos pela assembléa geral e os dois restantes são os presidentes da mesa da assembléa e do conselho administrativo.

É um milagre como esta associação, em que os socios pagam uma quota tão diminuta, tem prestado tantos serviços á instrucção popular.

O seu gabinete de leitura tem alguns vinte jornaes litterarios e politicos, cedidos todos generosamente pelas redacções, que por este modo prestam tambem um serviço ás associações populares.

A bibliotheca consta de alguns volumes cedidos pelo governo ás associações populares, e de outros enviados generosamente por diversos cavalheiros.

Na sala da assembléa geral existem varios retratos e bustos de alguns homens notaveis, como do sr. visconde de Castilho, Rodrigo da Fonseca e outros.

Em quasi todos os annos se imprimem os relatorios da gerencia da associação.

Esta associação sustenta as seguintes aulas: instrucção primaria, portuguez, francez e actualmente desenho.

Tem desde a sua fundação até hoje admittido nas aulas de instrucção primaria 3:713 individuos, sendo 1:712 na aula diurna e 2:001 na nocturna; nas de instrucção secundaria 406, 51 nas de portuguez, 302 francez, inglez 53, ficando approvedos no lyceu nacional de Lisboa 117 alumnos.

É relativamente pequeno o numero dos alumnos approvedos; mas não é este resultado devido á má organisação do ensino, nem á falta de professor habilitado pois que o sr. Ernesto Augusto de Sá Caldeira tem prestado relevantes serviços a esta associação na direcção das suas aulas.

Este resultado é, pois, devido á maioria dos alumnos, que apenas sabem lêr e escrever abandonam immediatamente as aulas, como se possuissem já um grande capital de sciencia.

A receita proveniente das quotas dos socios é diminutissima. Em compensação obtem donativos da familia real, e de varias pessoas que por este modo auxiliam as classes populares.

A sua receita total no fim do anno de 1874 era de 819\$161 réis, e a despeza foi 673\$650 réis, tendo de saldo 145\$511 réis.

Possue uma inscripção de 500\$000 réis, e tambem a propriedade de uma inscripção no valor de 1:000\$000 réis, cujo usufructo pertence ao sr. barão de Castello de Paiva.

A escripturação d'esta associação está devidamente organizada; e os corpos gerentes, principalmente n'estes ultimos annos, cumprem religiosamente os seus deveres.

A *Associação Civilisação Popular*, é, n'esta indole, a mais importante de Lisboa. Está estabelecida na freguezia de Santa Catharina. Celebra no dia 21 de julho a sessão solemne do seu anniversario, distribuindo-se n'essas occasiões premios aos alumnos mais distinctos e menções honrosas, que são assignadas pelos membros do conselho de instrucção.

A camara municipal de Lisboa tem contribuido nos ultimos annos com o donativo de 100\$000 réis, e de 50\$000 réis o Grande Oriente Lusitano Unido.

Associação dos melhoramentos das classes laboriosas.—Fundada em 1872, sendo seu principal iniciador o sr. João Manuel Gonçalves, que na sua casa fez uma reunião de varios cavalleiros dedicados ao principio da associação, e alguns membros da imprensa, onde, depois de varia discussão, se nomeou uma commissão que elaborou os estatutos d'esta nova sociedade. A ella pertencem quasi todos os antigos socios do centro promotor.

Os seus estatutos foram approvados em 12 de maio de 1873 e reformados em 1875.

Esta associação tem por fins:

Socorrer pecuniariamente os operarios, de ambos os sexos, que, sendo sobrios, honrados e diligentes, não tenham temporariamente trabalho: não tem direito ao subsidio, quando a falta de trabalho for motivada por assuada, revolução, grêve, etc.

Organisar na casa da associação e nas secções, uma bibliotheca e gabinete de leitura.

Estabelecer conferencias, prelecções, leituras, que possam instruir nos principios economicos e sociaes as pessoas que não tiverem meios necessarios de adquiril-os.

Publicar tudo quanto diga respeito á boa educação e instrucção das classes laboriosas, já em livros, já em jornaes.

Auxiliar por todos os meios legaes e moraes, que a associação julgar opportunos, a solução pacifica das questões do trabalho.

Esta associação divide-se em dez secções. Cada secção tem o seu presidente, secretario, thesoureiro, e elege um membro para a commissão protectora dos operarios.

Elege tambem biennialmente cinco representantes á assembléa geral.

A receita no segundo anno da sua gerencia foi de 1:311,5275 réis; a despeza, 6-4\$450 réis.

Tem em inscripções 2:000\$000 réis.

Em 31 de dezembro de 1874 realisou uma sessão solemne destinada á entrega de uma medalha de ouro ao sr. Rafael Zacharias da Costa, que cinzelou a celebre *faca de matto*, obra de inquestionavel merecimento artistico.

Na sessão solemne de 27 de dezembro de 1875 conferiu outra medalha de ouro ao sr. Carlos Augusto Pinto Ferreira.

Esta associação vae realisar um grande pensamento, qual é o de fundar casa sua, que será como o edificio central das associações de Lisboa.

Associação escolar de D. Pedro V. — Foi fundada esta associação em 1867, e terminou a sua gloriosa missão em 1 de outubro de 1874, tomando o governo conta da aula, que elle fundára, e que é regida pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria José da Silva Canuto, poetisa distincta e que innumerous serviços tem prestado á instrucção popular, serviços que o governo deveria premiar condignamente.

A associação hoje extincta teve uma gloriosa carreira, pois basta sómente apontar que durante os onze annos que teve de vida, deu ao magisterio primario mais de cem professores de ambos os sexos, além de cursos de instrucção primaria, francez e desenho. A escola hoje do governo, dirigida pela mesma illustre professora continúa prestando relevantes serviços á instrucção do povo.

Associação escolar 24 de julho. — Foi inaugurada no dia 24 de julho de 1873, e tem por fim estabelecer uma aula de instrucção primaria. Os seus estatutos ainda não foram approvados.

E' da mesma indole do Gremio Popular; a sua séde é na freguezia de Santa Isabel. O presidente da assembléa geral é o sr. Manuel Gonçalves Vivas.

Os socios pagam a quota mensal de 60 réis.

Associação popular 1.º de Dezembro de 1640. — Fundada em novembro de 1874. Tem por fim: 1.º crear escola ou aulas d' instrucção primaria, nas quaes além do ensino ordinario gratuito se propaguem idéas de independencia e liberdade da patria.

2.º Distribuir em folhetos ou publicações periodicas diversos assumptos de historia patria, com especialidade os que se referem á restauração de 1640.

3.º Promover palestras, conferencias, leituras publicas, etc.

Os socios pagam 50 réis mensacs de quota. Inaugurou-se já duas escolas: tem 300 socios. Esta associação foi fundada pelos membros dissidentes da *Commissão central 1.º de Dezembro de 1640*, a qual foi fundada em Lisboa por eleição popular em 1861, com o fim de festejar o dia 1.º de Dezembro, anniversario da restauração de Portugal.

A comissão central tem publicado varios manifestos patrioticos e festejado com musicas, illuminações e sessões sollemnes, no palacio dos condes d'Almada, o dia 1.º de Dezembro. Esta comissão compõe se de 40 vogaes effectivos e 40 supplentes. Trata de erguer um monumento aos restauradores de Portugal.

Os vogaes effectivos usam de uma medalha de ouro: os supplentes de prata. A *Associação popular 1.º de Dezembro* tem um fim utilissimo qual o de abrir escolas, os verdadeiros monumentos d'este seculo.

Atheneu—*sociedade de estudo e ensino livre*. — Em 1871, 1.º de novembro, fundou-se em Lisboa uma sociedade de estudantes denominada *Federação academica*, que tinha por fim estabelecer uma bibliotheca, crear escolas para o povo, dar cursos e conferencias, etc. Manteve uma escola para adultos e sustentou por espaço de oito mezes um alumno das escolas superiores.

Realizou vinte conferencias litterarias e scientificas, nas quaes tomaram parte João de Deus, Theophilo Braga, Sousa Viterbo, Gomes Leal, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Luciano Cordeiro, Eduardo Maya, Anthero do Quental, Magalhães Lima, Senna Barcellos e muitos outros. Esta associação estando quasi a extinguir-se fundiu-se com a *Associação philomatica*, da mesma indole da Federação, tomando então as duas sociedades o nome de *Associação academica*.

Em maio de 1875 fundou-se o *Atheneu*, e a associação academica incorporou-se na nova sociedade e estabeleceu-se onde funcionou o *Centro promotor*, na rua da Magdalena.

Os fins do *Atheneu* são concorrer para o desenvolvimento das sciencias e promover a instrucção do povo, estabelecendo conferencias publicas, abrindo bibliothecas, publicando periodicos, folhetos e livros, e creando escolas. Os socios pagam 100 réis de quota mensal.

O *Atheneu* foi inaugurado em junho de 1875 com uma prelecção do sr. Theophilo Braga.

Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas.— Occupou um dos primeiros logares na historia das associações de Portugal o *Centro promotor*. E' a esta associação que se deve o grande desenvolvimento social que tomaram as classes laboriosas. A primeira reunião para a sua fundação foi na *Associação dos alfaiates*, e a segunda na sala da *Sociedade dos artistas lisbonenses*, em 1852.

O titulo do *Centro* foi proposta do sr. Jesus e Silva; os seus estatutos, que foram approvados por decreto de 16 de junho de 1853, foram elaborados por F. M. de Sousa Brandão.

Segundo estes estatutos, o *Centro* tinha por fins, crear associações, diffundir o ensino elementar e tecnico, organizar presépios e asylos para os invalidos, estabelecer depositos e basares, propagar por escriptos os conhecimentos de economia indus-

trial e domestica, aperfeiçoar os methodos de trabalho, etc.

A quota que pagava cada socio era de 40 réis mensaes.

Estes estatutos foram reformados por outros approvados em sessão de 19 de outubro de 1870.

Conservavam a mesma indole dos primeiros, estabelecendo apenas mais rigor nas admissões dos socios, e organisando varias commissões como de associações de classes, de estatistica e de instrucção.

Tendo sido julgados nullos os actos do governo de 19 de maio de 1870, e estes novos estatutos não tendo obtido a sanção regia, o *Centro* ficou regendo-se pelos primeiros.

Uns novos estatutos foram discutidos e approvados em assembléa, mas que, levados ao ministerio competente, nunca chegaram a ser approvados. Eram redigidos sob as bases dos da associação *Internacional*.

A quota que pagava cada socio foi entretanto nos ultimos annos elevada a 60 réis.

Em 1853, em fevereiro, publicou-se o *Jornal do Centro Promotor*, de que foram collaboradores Ferreira da Conceição, J. M. Baptista, José Maria Antonio Nogueira (artigos sobre as creches e as rodas dos expostos), José Mauricio Vellozo, Alcantara Chaves, Vieira da Silva, Manoel Gomes da Silva, que n'este jornal fez a sua estreia litteraria com um artigo sobre a associação, etc.

O seu primeiro presidente foi Antonio Rodrigues Sampaio, e thesoureiro José Maria do Casal Ribeiro.

O sr. Sampaio foi presidente até 1863, em que foi eleito Francisco Maria Vieira da Silva, sendo o sr. Rodrigues Sampaio nomeado presidente honorario.

Durante o periodo glorioso que teve esta associação, trataram-se entre outras as seguintes questões:

Em 1853 nomeou uma commissão promotora das associações operarias, que era composta de Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Lopes de Mendonça, Vieira da Silva, Rola, Sousa Brandão, João Manoel Gonçalves, A. Roxo, F. Gonçalves Lopes, Manoel Gomes da Silva, etc. N'este mesmo anno representou ao governo para serem abertas as aulas do Instituto Industrial, representação que foi assignada por Campos e Silva, Oliveira Pimentel e Latino Coelho.

Em 1856 tratou da questão das subsistencias.

Em 1861 dirigiu uma representação em favor dos fundidores de cadinho por causa do decreto de 3 de outubro de 1860.

Em 1862 discutiu a proposta apresentada pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva para se crear uma exposição de artefactos portuguezes das associações artisticas da capital.

Em 1863 discutiram-se as bases para a formação d'uma companhia para a laboração da fabrica de vidros da Marinha Grande.

No mesmo anno discutiu o *Centro* a seguinte these: Quaes

os meios economicos tendentes a obstar a alta progressiva da carne?

Discutiui-se n'este anno tambem a proposta do sr. J. P. Narceiso da Silva para a creação d'um albergue para os invalidos do trabalho.

Em 1865 tratou da questão alimenticia, da organização das creches, e d'um monte de piedade.

Tratou tambem da questão das pautas, e apreciou se o codigo civil dava vantagens ás classes laboriosas.

Em 1866 discutiui a proposta para que a factura do monumento de D. Pedro IV fosse dada a artistas nacionaes.

No mesmo anno reuniu o denominado *Congresso Social*, a fim de tratar varias questões economicas das associações.

Em 1869 propoz para que o governo protegesse a litteratura nacional e para que os diplomas das universidades hespanholas fossem validos em Portugal.

Em 1872, epoca em que o *Centro* tomou uma feição socialista, dirigiu um manifesto aos operarios de Portugal, que concluia aconselhando aos trabalhadores dos campos e das cidades que se abraçassem fraternalmente e que se constituissem n'uma sociedade nacional, como solidariedade das classes; que formassem sociedades cooperativas de consumo e de produção; que se illustrassem pelo trabalho e desenvolvimento da intelligencia; que se regenerassem pela sua economia e pelos proprios esforços, fundando a iniciativa na moral, na verdade e na justiça.

Este manifesto foi traduzido em varios jornaes estrangeiros.

Discutiui tambem o *Centro* a organização das sociedades cooperativas de consumo, elaborando um projecto de estatutos, que, impressos em folheto, foram depois espalhados pela classe operaria.

N'esta, que podemos chamar segunda época e segunda phase do *Centro*, em que se trataram de questões socialistas, tomaram parte nos debates, entre outros João de Sousa Amado, José Mesquita da Rosa, Silva Vianna, João Bonança, José Fontana, Miguel de Carvalho, Gomes da Silva, Felizardo de Lima, Julio Maximo Pereira, etc.

Na dolorosa crise da febre amarella, em que a morte estendeu o seu negro manto na capital, em que raras foram as familias que não tiveram a lamentar a perda de alguns entes queridos, serviu o *Centro promotor* de alivio a muita desgraça.

As associações de soccorros mutuos, que tinham ainda uma existencia recente, não conseguindo por consequencia meios para satisfazer aos immensos encargos que os enfermos necessitavam, baqueariam quasi todas, deixando ao desamparo os enfermos se não fóra a iniciativa do *Centro promotor*.

O sentimento de caridade, que é a feição mais caracteristica do povo portuguez, manifestou-se n'esta época grande e sublime.

O rico, embora procurando no campo fugir ao terrível flagello, não esquecia aquelles que gemiam no leito da enfermidade.

E aquelle rei piedoso e illustrado, como o anjo da caridade, visitava os hospitaes, animando com a sua presença todos os que andavam n'esta faina, a braços com a morte.

Com a importancia de trinta contos de réis acudia elle para as despezas que se levantaram de momento a momento.

Emquanto houver historia o nome d'este infeliz monarcha ha de ser abençoado e querido. As lagrimas que o povo portuguez chorou pela sua morte são o mais eloquente testemunho das altas qualidades de que elle era dotado.

A par de D. Diniz, D. Duarte e D. João I escreve-se o nome de D. Pedro V, como um dos melhores reis que tem tido Portugal.

Para valer ás associações de soccorros mutuos o *Centro promotor* reuniu no dia 12 de novembro de 1857, na sala da sociedade dos artistas lisbonenses, todos os presidentes das associações a fim de prestar auxilio áquellas que pelo numero de enfermos e exiguidade de recursos, não podessem satisfazer aos seus encargos.

Presidiu a esta assembléa o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, sendo secretarios os srs. padre Joaquim Vital da Cunha Sargedas e Antonio Joaquim de Oliveira.

N'esta occasião soube-se que a benemerita associação *Commercial* contemplava com a quantia de 100\$000 réis cada uma das associações que precisassem d'este recurso.

O *Centro* nomeou então uma commissão que ficou composta, de José Candido de Assumpção, conego Sargedas, José Antonio Dias, Jesus e Silva e Antonio Joaquim de Oliveira.

As associações e os particulares enviaram importantes donativos á commissão de soccorros.

As primeiras associações soccorridas foram :

Montepio União, com 150\$000 réis.

Montepio dos Artistas do Arsenal, com 150\$000 réis.

Montepio de Santa Monica, com 50\$000 réis.

Associação dos Serralheiros, com 50\$000 réis.

Associação dos Professores, com 28\$000 réis.

Associação dos Marceneiros, com 6\$400 réis.

Montepio Philarmonico, com 60\$000 réis.

Receberam mais tarde tambem donativos as associações, *Alliança, dos Empregados da casa da moeda, Associação fraternal dos sapateiros, Montepio Fidelidade, Humanitaria de S. Mamede, Associação dos sapateiros lisbonenses, Artistas lisbonenses*, etc.

Contribuiram com diversos donativos as seguintes associações:

Associação portuense de soccorro mutuo das classes laboriosas, dos artistas bejenses, de beneficencia de todas as classes do Porto, dos latoeiros portuenses, beneficencia de ourives do Porto,

dos serralheiros portuenses, typographica portuense, philantropica dos sapateiros, dos tintureiros portuenses, montepio Coimbricense, philantropica das artes liberaes portuenses, caixa de socorros da imprensa nacional, fraternal de todas as classes do Porto, montepio de Leiria, da imprensa da Universidade e marceneiros e entalhadores portuenses.

Elevou-se talvez a perto de 5 contos de réis as verbas recebidas de varias subscripções e que foram pelo *Centro* distribuidas por varias associações.

Por estes serviços foram alguns membros do *Centro* condecorados com o grau de cavalleiros da ordem da *Torre Espada* e medalha da febre amarella.

Em varias epocas teve o *Centro* cursos e prelecções, a que concorria grande numero de operarios.

Entre os prelectores citaremos os seguintes: Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Serzedello, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Pezerat, Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro, Sousa Telles, Silva Vianna, Costa Pereira, Monteiro de Campos, Banares y Banares, Ribeiro Gonçalves, M. Ghira, Sousa Brandão, Goodolphim, etc.

Para se considerar a importancia que chegou a alcançar o *Centro promotor* basta lembrar que o governo o considerava como o centro das associações operarias; assim vemos o sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez) pedir em 1863 ao *Centro* para que este lhe fornecesse a relação das associações existentes no paiz, para encorporar no relatorio, que foi apresentado no congresso de Berlim.

Ao *Centro* dirigiu tambem o ministerio do reino uma portaria para convidar as associações a assistirem á inauguração do monumento a Camões.

Nas pendencias que se levantavam no seio das associações era convidado o *Centro* a ser o juiz.

Na sala do *Centro* inauguraram-se diversos retratos. O do insigne rabequista Pereira da Costa, pelos serviços prestados pela occasião da febre amarella, em que elle generosamente deu um concerto n'um dos theatros do Porto, e cujo valioso resultado veiu remettido ao *Centro*. Os retratos do patrão Joaquim Lopes, do orador José Estevão Coelho de Magalhães e Manuel da Silva Passos foram inaugurados em sessão solemne, realisada no salão nobre do theatro de D. Maria II, em 5 de maio de 1863, fazendo-se n'esta mesma sessão a distribuição dos diplomas aos expositores da exposição industrial portuense.

As *Novas Conquistas*, mimoso poema de Thomas Ribeiro, allusivo a esta festa, foi dedicado a Vieira da Silva, como representante das classes operarias de Portugal: foi impresso por conta do *Centro*.

O quadro com o nome de Joaquim Gonçalves Teixeira foi inaugurado em 3 de dezembro de 1863.

Ornaram tambem as salas do *Centro* os retratos de Antonio Rodrigues Sampaio e Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Os retratos de Francisco Vieira da Silva e conde de Ferreira foram inaugurados em sessão solemne de 10 de março de 1870.

Presidiu a esta sessão o sr. Sousa Brandão, o benemerito apostolo do principio social, regenerador das classes laboriosas. N'esta occasião os amigos sinceros de Vieira da Silva prestaram-lhe mais uma prova de saudade e consideração pelo seu talento.

A bibliotheca do *Centro* foi inaugurada a 14 de janeiro de 1871.

Uma grande porção de livros foram cedidos pelo governo, outros dadivas de varios cavalheiros. Os livros do governo foram escolhidos por Costa Goodolphim, que mais tarde foi o bibliothecario, até que, afastando-se do *Centro* o sr. Gomes da Silva, a quem pertenciam as estantes, ficou a bibliotheca sem poder estar devidamente colleccionada, e prestar aquelles serviços que deveria.

Pela pratica que tenho das associações posso declarar que o operario não tem para a instrucção aquella repugnancia que se julga.

Desde a sua fundação o *Centro promotor* esteve nos seguintes locaes: palacio da rua dos Mouros, rua dos Calafates, rua do Ferregial, rua da Mouraria, travessa d'Assumpção, largo de S. Domingos, rua da Magdalena, rua das Farihuas e poço do Borratem.

Ninguém contestará que o *Centro promotor* teve uma existencia gloriosa, e os importantes serviços que prestou ás classes operarias. As questões de que elle se occupou, se não tinham um resultado immediato, serviam entretanto de illustrar o operario, de o habituar a discutir, de o aproximar finalmente dos homens da sciencia.

Devia morrer o *Centro*, tinha findado a sua missão? Crêmos que não. Quem o matou, foi a politica, foram as questões da communa, da internacional? Talvez não. O *Centro* morreu por um acto menos digno e leviano, o apeamento do retrato de Antonio Rodrigues Sampaio, que prestára a esta associação importantissimos serviços e de cujos principios liberaes ninguem pôde duvidar com justiça.

Foi isto o que fez abandonar o *Centro* grande numero de socios que lhe tinham e prestavam ainda muito valimento. Creio que n'este ponto andaram menos razoavelmente: os que contribuíram para a ruina d'esta associação pertencem ao numero d'aquelles que apenas servem para destruir e nunca para edificar.

Mais tarde ainda alguns socios do velho *Centro* tentaram organisal-o; mas elle estava já exausto de todos os recursos, e a um cadaver ninguem pôde dar vida. Lazaros só o poder miraculoso de Christo pôde resuscitar.

Muitos nomes de escriptores e operarios assim como de outras classes da sociedade tomaram parte activa nos trabalhos do *Centro*: Mendes Leal, José Rodrigues Adrião, Silva Tullio, Casal Ribeiro, Lopes de Mendonça, José de Torres, João Felix Rodrigues, Manoel José Mendes, Coelho Bastos, Francisco Gonçalves Lopes, João Manoel Gonçalves, Serzedello, Sousa Telles, barão de Mendonça, João de Sousa Amado, Manoel Gonçalves Vivas, Corrêa e Silva, José Elias Garcia, Sousa Brandão, Brito Aranha, Freixão Coelho, Alfredo de Mello, Silva Vianna, Pinto Queiroz, José Antonio Dias, Antonio Joaquim de Oliveira, Dr. Eduardo Maya, e muitos outros que seria longo enumerar.

Na qualidade de socio honorario tinha viva dedicação pelo *Centro* o esclarecido escriptor D. Benigno Joaquim Martinez, verdadeiro amigo de Portugal, a quem respeitamos e presamos pelo seu nobilissimo character.

Perduravel ficou na historia do *Centro* o nome de Francisco Vieira da Silva, fallecido em 10 de junho de 1868.

O prestito que o conduziu ao cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres foi a manifestação mais eloquente dos serviços que elle prestára ás classes laboriosas. Homem de todas as politicas e de todas as gradações sociaes acompanharam os restos mortaes do finado tribuno popular. Homem mais sympathico ás classes operarias, que mais as soubesse dominar com a magia da sua palavra, não torna talvez a surgir na associação. A beira da sua sepultura proferiram palavras de saudade Mendes Leal, Gonzaga, Sousa Telles e outros.

No prestito viam-se incorporados quasi todos os representantes das associações de Lisboa, as escolas populares e os asylados do *Albergue dos invalidos do trabalho*. Foi um dia de luto para todas as associações.

Vieira da Silva, que amava o *Centro* como a um filho estre-mecido, soffreu largos desgostos da parte dos seus inimigos, d'aquelles que elle fez sair da obscuridade no estadio da associação. Mas como a inveja é um sentimento ruim, aquelles que se quizeram quindar ás alturas a que elle subiu, encontraram ahí a sua queda.

A familia de Vieira da Silva ficou sem recursos; as subscrições pouco alcançaram, porque elle foi o homem da associação, e não o homem politico.

Para o beneficio que os seus amigos promoveram no theatre do Principe Real escreveu o sr. Mendes Leal uma mimosa poesia—*Ave crente!* que foi recitada por Henriques Gonzaga.

Os operarios cant-iros associaram-se depois para lhe erigirem um tumulo. Buscaram por intermedio do *Centro* a coadjuvação das classes operarias, que tinham rigoroso dever de prestar o seu apoio para este monumento.

Nomeou-se no *Centro* uma commissão para este fim, que nada pôde fazer, e até a *Commissão central* 1.º de dezembro de

1640, de que o finado era socio, se recusou a nomear dois membros para auxiliar a commissão do *Centro promotor*. Mais tarde os operarios abandonaram a obra que tinham emprendido; esse monumento quando se erguer é á custa de um unico homem, o sr. Domingos Maria Gonçalves. O municipio de Lisboa concedeu gratuitamente o terreno. O que para o sr. Gonçalves é uma gloria, para as associações de Portugal é uma ingratição.

Escola-Asylo S. Pedro em Alcantara.—Monumento á memoria do saudoso monarcha D. Pedro V.

Foi esta utilissima e humanitaria instituición fundada em 1862 por alguns cavalheiros de uma exemplar caridade e amor á instrucção popular. Completa agora doze annos de existencia.

Os alumnos dividem-se em tres classes: os da primeira recebem instrucção gratuita, que comprehende o 1.º grau do ensino primario; tendo os da 1.ª classe tambem refeição (jantar); os da 3.ª classe pagam a mensalidade de 400 réis pelo ensino.

A administração da Escola-Asylo está a cargo de uma commissão composta de 13 cavalheiros; os membros da junta de parochia são membros natos da commissão.

A escola começou a funcionar no dia 29 de junho de 1862, n'uma casa situada na rua d'Alcantara, n.º 28, 1.º andar.

Foi logo frequentada por 54 alumnos, pertencendo 16 á 1.ª classe; 33 á 2.ª; e 5 á 3.ª

Em 7 de janeiro de 1863 passou a escola a funcionar na casa da rua de Santo Antonio, ao Calvario, cedida para este humanitario estabelecimento por S. M. D. Luiz I. N'este mesmo edificio funciona a aula nocturna sustentada pela camara municipal de Belem e ministerio do reino.

Tem-se feito varios concertos n'esta casa, e hoje está um estabelecimento digno do pensamento dos fundadores da Escola-Asylo e d'aquelles que tem continuado tão gloriosa empreza.

A refeição consta de arroz, legumes e hortaliças, e uma vez por semana carne de vacca, sempre acompanhada de pão alvo; as rações não tem porção limitada; cada alumno come a quantidade que lhe apetece.

A receita d'este asylo provém de subscripção mensal ou annual, donativos, legados, etc.

Em 1862 o numero de subscriptores elevava-se a 406.

Tem tido varios alumnos approvados no lyceu, e a maioria d'elles tem sabido com a instrucção elemental para diversos officios.

Eleva-se a mais de 400 os alumnos que tem frequentado a escola.

Segundo o relatorio de 1873 o total dos alumnos para o anno economico de 1873 a 74 era de 96.

Dos seus bem elaborados relatorios tiramos os seguintes apontamentos com referencia á receita e despeza em varios annos:

	Receita	Despeza
1862 (2.º semestre).....	577\$696	335\$917
1872-1873.....	2:488\$280	1:809\$775

N'estas verbas de despeza está incluída a compra de inscripções.

Para mais claramente se vêr o estado florescente da Escola-Asylo notemos o seguinte :

A verba de despeza de 1:806\$775 réis divide-se em 855\$775 réis com o costeamento do asylo, propriamente dito; 879\$000 réis em compra de inscripções e 72\$000 réis com os legados.

Tendo a Escola-Asylo 29:000\$000 réis nominaes em inscripções, que dá um juro annual de 870\$000 réis, é evidente que o seu futuro está solido, e que, continuando progressivamente n'este desenvolvimento, alcançará um dos logares mais importantes entre os estabelecimentos de caridade de Portugal.

Entre os cavalheiros que têm prestado importantes serviços á Escola-Asylo de S. Pedro em Alcantara, notamos os seguintes :

D. Antonio de Mello Breyner, Marquez da Ribeira Grande, Francisco José de Almeida, Antonio Maria Bello, Martinho Tenreiro, Augusto Pinto Pedroza, Vicente Ferreira Ramos, cujos nomes devem ficar indelevelmente escriptos na historia d'este asylo para incitamento e eterna gratidão das classes populares.

Gremio Popular. — Fundado em 24 de outubro de 1857, por iniciativa do sr. José Maria da Silva Albuquerque, typographo-escriptor, coadjuvado pelos srs. Sousa Brandão, Leonel Tavares Junior, Francisco Serra, escriptor José Maria da Silva e outros que para este fim se reuniram em casa do sr. Bento Pereira Olaya, na rua nova de Jesus, n.º 1.

Tem esta associação os mesmos fins do que a *Civilização popular*. Os socios pagam 60 réis mensaes.

Nos antigos estatutos havia um conselho de instrucção, o qual nos novos, reformados em 1875, é substituído por um inspector geral.

A sua bibliotheca foi inaugurada em 24 de dezembro de 1872; consta de volumes obtidos pelo mesmo modo do que os da *Civilização popular*.

Em 1858 realisou um beneficio no theatro do Salitre (hoje Variedades) em que tomaram parte todas as companhias dos theatros de Lisboa, que produziu proximo de 200\$000 rs. de receita, que scriuiu para se estabelecer o Gremio na rua dos Poyaes de S. Bento, tendo perto de 700 socios. Abriram-se então os cursos nocturnos de francez, desenho e instrucção primaria, este leccionado gratuitamente pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria José da Silva Canuto. O curso de systema metrico foi redigido mais tarde pelo sr. Monteiro de Campos, curso que foi frequentado por 88 alumnos, procedendo-se, decorridos tres mezes, ás pro-

vas publicas, tendo sido presididos os exames pelo fallecido visconde de Castilho.

Em 1860 foi eleito presidente do *Gremio* o sr. Sousa Brandão ; de 1861 a 1866, presidiu o sr. Manuel de Jesus Coelho. De 1866 até hoje tem presidido a esta associação o sr. Silva e Albuquerque.

O *gremio* tem mantido a sua existencia com maximo sacrificio, porque, para fazer face ás despezas carece de adquirir meios de receita extraordinaria na importancia de 400,000 rs., porque tem de cobrança de quotas, aproximadamente 300,000 réis, e de despeza 700,000 réis.

O seu gabinete de leitura tem varios jornaes politicos e literarios. Sustenta uma aula de instrucção primaria diurna e nocturna, que é frequentada, a primeira termo medio por 120 alumnos, a segunda por 80.

Na sessão solemne de 24 de outubro, são distribuidos livros e roupas aos alumnos pobres.

O *Gremio Popular* deve muitos serviços ao sr. Silva e Albuquerque, que não tem descurado um momento da associação que fundou á custa de numerosos sacrificios. Têm tambem prestado muitos serviços ao *Gremio*, entre outros, Manuel Gonçalves Vivas, Gonçalves Macide, Prospero Gallo, Ponciano Piery, Monteiro de Campos e muitos mais que seria longo enumerar. Foi tambem um membro dedicadissimo do conselho de instrucção o sr. Antonio Ferreira de Carvalho, apóstolo dedicado da instrucção do povo, que morreu na ilha de S. Thomé, occupando o cargo de secretario da junta de fazenda, e talvez victima do muito zelo com que desempenhava os cargos que exercia.

Costa Goodolphim foi quem organisou a bibliotheca d'esta associação, sendo por isso nomeado socio benemerito do *Gremio Popular*.

Sociedade dos artistas lisbonenses.—Deslocamos esta associação da classe das de soccorros mutuos pela razão de ser esta a primeira associação fundada em Portugal.

A sua installação foi a 3 de fevereiro de 1833, e os seus estatutos, os primeiros, approvados por decreto de 17 de janeiro de 1838.

Foi seu fundador o sr. Alexandre Fernandes de Affonseca, que nasceu a 28 de fevereiro de 1798 na aldeia do Bispo e morreu no dia 5 de maio de 1860.

O seu retrato está collocado sobre a cadeira da presidencia da *Sociedade dos Artistas*.

Alexandre de Affonseca, homem da classe do povo, sem que occupasse altos cargos publicos, morrendo no logar de porteiro do palacio de Quiluz, sem possuir mesmo um grande talento nem primada illustração, soube entretanto vincular o seu nome na historia da associação, onde occupa o primeiro logar. A sua alma era compassiva, doia-se das dôres alheias. Via o po-

bre enfermo e sem recursos, e pensou no meio de lhe assegurar algum conforto nos dias do infortunio. Lembrou-se da associação, confeccionou uns estatutos, fel-os approvar pelo governo, reuniu 19 operarios, explicou-lhe o seu pensamento, e a associação ergueu-se finalmente em Portugal.

A *Sociedade dos Artistas*, que hoje conta 35 annos de existencia, tem visto nascer e morrer muitas associações. A muitas tem prestado o auxilio da sua casa para a sua installação.

Os fins d'esta sociedade são os soccorros na doença e pensões ás viúvas e orphãos, e sustentar uma aula de instrução primaria, que nem sempre tem dado os resultados que as direcções desejariam.

Em 1856 tratou da federação das associações.

Os pontos em que assentavam eram os seguintes: a confederação era composta de tres representantes de cada associação. Tinha por fins promover que se creassem as associações confederadas; promover associações nas artes ainda não associadas, estabelecer relações com todas as associações de Portugal. Concorrer para se realisar uma exposição ao menos triennial. Crear um montepio para as viúvas dos socios; organizar uma bibliotheca industrial e recreativa; publicar annualmente um relatório das associações confederadas, etc.

Não teve outro resultado além do da discussão.

O collegio da *Sociedade dos Artistas Lisbonenses* ensina a instrução primaria e secundaria.

Os alumnos filhos de socios pagam 500 réis mensaes pelo primeiro ensino e 600 réis pelo segundo.

Os filhos dos irmãos da ordem Terceira do Carmo têm direito ás mesmas vantagens.

Associações de soccorro mutuo de classes

(SOCORROS NA DOENÇA, PRISÃO, INHABILIDADE, ETC.)

Associações	Fundação	Numero de socios
Associação commercial dos logistas de Lisboa.	1870	290
Associação da classe dos sapateiros	1862	320
Associação da companhia braçal da alfandega	1872	90
Associação das parteiras portuguezas	1874	20
Associação dos calafates lisboenses	1862	120
Associação dos carpinteiros, pedreiros, etc.	1852	500
Associação auxiliadora dos padeiros	1872	850
Associação dos carteiros lisboenses	1867	90

Associações	Fundação	Numero de socios
Associação dos chapelleiros e sirgueiros.....	1853	120
Associação dos empregados no commercio de Lisboa	1872	700
Associação dos empregados no commercio e industria	1854	1:650
Associação dos empregados do estado.....	1856	900
Associação dos funcionarios publicos	1873	100
Associação dos fabricantes de cortumes.....	1873	180
Associação dos marceneiros lisboenses.....	1853	90
Associação dos marceneiros e artes correlativas	1853	280
Associação dos sapateiros lisboenses.....	1857	200
Associação dos operarios do tabaco.....	1861	800
Associação dos ourives da prata lisboenses..	1863	—
Associação dos operarios da companhia do gaz	1870	200
Associação dos sollicitadores encartados	1868	85
Associação dos vendedores de vinhos.....	1872	350
Associação dos veteranos da liberdade.....	1867	360
Associação fraternal dos barbeiros.....	1853	120
Associação fraternal lisboense dos serralheiros e mais artes que trabalham em metaes..	1859	800
Associação typographica lisboense e artes correlativas	1852	280
Associação lisboense dos latociros de folha branca	1862	60
Caixa de soccorros da imprensa nacional.....	1846	320
Monte-pio da corporação dos alfaiates	1850	70
Monte-pio da corporação dos livreiros.....	1460	60
Monte-pio dos actores portuguezes	1862	70
Monte-pio ecclesiastico	1875	160
Monte-pio philarmonico.....	1834	270

Associação dos empregados do commercio e industria.—Fundada em 1854. Os seus estatutos, approvados por decreto de 1862, foram reformados em 1872.

Fazem parte d'esta associação:

- 1.º Os donos e chefes de quaesquer estabelecimentos commerciaes, cuja existencia seja de cinco annos ou mais;
- 2.º Os caixeiros de quaesquer estabelecimentos commerciaes, que tenham exercido esta profissão por mais de dois annos consecutivos;
- 3.º Os chefes de estabelecimentos fabris, onde pelo menos

se empreguem vinte operarios, e que tenham quatro annos de existencia;

4.º Os caixeiros d'estes estabelecimentos fabris, que tenham exercido esta profissão por mais de dois annos;

5.º Os despachantes das alfaudegas e seus caixeiros;

6.º Os corretores de numero e seus caixeiros.

Os seus fins são:

Ministrar subsidios pecuniarios e facultativo áquelles dos associados que, por effeito de molestia, se acham inhabilitados de exercer a sua profissão; procurar occupação para os associados que a tiverem perdido, e subsidial-os quando desempregados; estabelecer aulas nocturnas para os associados e seus filhos e irmãos; discutir e representar aos poderes do estado sobre questões de interesse commercial.

Os socios pagam de joia 6\$000 réis; 500 réis pelo diploma e 500 réis mensaes de quota.

Em doença aguda o socio recebe 500 réis diarios, além de socorro medico, convalescença ou chronica 300 réis. Por desemprego, 9\$000 réis mensaes.

Por inhabilidade recebe de 110\$000 réis a 140\$000, conforme o numero de annos de socio sem ter feito despesa alguma á associação.

Quando o fundo da associação (art. 10.º) attingir a quantia de 60:000\$000 réis effectivos, os subsidios serão augmentados 20 por cento (o que já succedeu).

Tem esta associação uma commissão para collocar os socios desempregados.

Em 31 de dezembro de 1874 tinha 1:646 socios. O seu fundo era de 60:0'0\$000 réis. Receita, 14:184\$000 réis, despesa 8:043\$000 réis.

Os socios tem contribuido desde a fundação com a somma de 99:684\$940 réis, e tem recebido os seguintes subsidios: desemprego (1:297 socios) 81:590\$930 réis, doença, (1:981) réis 28:878\$545, inhabilidade (22 socios), 1:510\$937 réis, com as aulas 4:889\$085 réis.

Os relatorios d'esta associação lamentam, com justa magua, a pouca frequencia dos socios ás suas aulas.

Os algarismos acima apontados são as mais eloquentes expressões para demonstrar os serviços que esta associação tem prestado á classe commercial.

Associação de empregados no commercio de Lisboa. — Tem os mesmos fins da associação do commercio e industria.

A sua receita eleva-se a 6 contos numero redondo. Foi fundada pelos socios dissidentes da associação dos empregados no commercio e industria.

Associação commercial dos logistas de Lisboa. — Fins: discutir as questões que interessem aos associados, tomar conhecimento de quaesquer actos que os agentes da auctoridade praticem contra qualquer socio, etc., iniciar e desenvolver quaes-

quer assumptos ou melhoramentos commerciaes; promover por meios legaes a educação e a moralidade dos caixeiros, etc., promover a instrucção dos socios e seus filhos, estabelecendo escolas, gabinetes de leitura, etc.

Cada socio paga 200 réis mensaes. Receita, numero redondo, 800,000 réis.

Associação de soccorros mutuos União fraternal dos operarios da fabricação do tabaco. — Fundada em 1867. Segundo os apontamentos que nos forneceu um operario d'esta classe, encontramos n'ella tres organizações — 1.ª dos manipuladores do tabaco fundada em 1862.

A associação de soccorro mutuo matriculou até 25 de julho de 1874, 583: existem 309. Grande numero tem morrido de phtysica, tuberculos, etc. O seu capital era de 462\$244 réis. 2.ª organização, sob os estatutos da *Fraternidade Operaria* teve 2:536 socios, e o seu capital elevou se a 1:874\$385 réis, que foi dispendido com as *grèves*. 3.ª organização, tem 106 socios, que se federaram na *Associação dos trabalhadores*. Fundaram já uma escola e um gabinete de leitura.

A classe dos operarios do tabaco é de todas assim como as dos operarios das minas a mais desgraçada. Os salarios são pequenissimos, a materia em que trabalham damnifica-lhe horrosamente a saude. Contemple-se a cara d'esses miseros e ver-se-ha a sombra pallida da morte debuxada nas suas faces. Não é necessario mais do que entrar n'uma fabrica e ver-se ha como aquelle pó subtil nos suffoca, a difficuldade com que respiramos. Medicos distinctos tem já demonstrado as qualidades nocivas do tabaco, as enfermidades que produzem, o mal que causam a todos que d'elle usam.

A grande mortalidade que se nota na classe dos manipuladores é uma prova irrefragavel do mal que causa o tabaco.

Mas como remediar este estado, se elle dá para o thesouro um tão grande rendimento e crescendo tão progressivamente?

O rendimento dos direitos do tabaco na alfandega foi:

Em 1872.....	1.665:642\$766 réis.
Em 1873.....	1.893:933\$461 »

Nos direitos geraes encontramos:

Em 1871 a 1872.....	2.753:189\$065 réis.
Em 1873 a 1874.....	3.366:747\$756 »

Compete á sciencia inventar machinas, que substituem os braços dos operarios, e aos donos das fabricas melhorar os seus vencimentos.

Associação dos sollicitadores. — Fundada em 1868 e os seus estatutos approvados em 14 de abril. Reformados em 21 de março de 1871.

Fins: manutenção e defesa da dignidade, direitos e justos interesses dos sollicitadores, fixando em conferencias periodicas as regras que na conformidade das leis devem observar no de-empenho das suas funcções.

Os socios pagam de joia 3\$000 réis : quota mensal 500 réis.

Os rendimentos da associação são em epochas designadas divididos em dez partes eguaes; tres decimos para as despezas ordinarias, tres decimos para soccorro dos socios, dois decimos para soccorro dos socios, dois decimos para soccorro das familias dos socios fallecidos, e dois decimos para augmentar o fundo permanente.

Em 31 de dezembro de 1874 tinha 35 socios.

Receita 363\$760 réis; despeza 330\$080. Em inscrições 2:800\$000 réis (nominaes).

Associação dos veteranos da liberdade. — Esta associação, fundada em 1867, é composta dos velhos soldados que pugnam pela liberdade da patria nas luctas contra o despotismo. A sua acção é de caridade.

Tinha em dezembro de 1874 — 363 socios, sendo 128 protectores.

Receita 560\$520 réis; despeza 358\$310 réis.

E' para lastimar como muitos dos velhos soldados que expozeram a sua vida para libertar a patria, ella, tão ingrata, os não ampare nos ultimos dias da vida. Vêr estender a mão á caridade publica o homem que ao peito tem a medalha que o aponta como heroe d'aquella epopêa, parece-nos menos digno, e um facto que cobre de vergonha as paginas da historia liberal d'este paiz.

Não tem elles direito a uma fatia de pão em cada dia, e um tecto hospitaleiro para os abrigar? Creio que sim.

Monte-pio dos actores portuguezes. — Fundado, depois de varias tentativas, em 1862, creio que com o nome de *Associação dos actores dramaticos*.

E' esta uma das associações que mais recursos tinha para se desenvolver, se não fosse a falta de amor social da parte d'aquelles que compõem a arte dramatica.

Em 31 de dezembro de 1873 tinha 74 socios.

Teve de receita 454\$710 e de despeza 278\$110 réis.

O rendimento do capital permanente foi de 918\$860 réis que junto ao saldo prefaz a quantia de 1:095\$460 réis.

«Qual será a associação que (diz o relatorio do anno de 1873) com um tão limitado numero de socios, e tão diminuta contribuição, possa apresentar um resultado semelhante?»

Tem em fundo 18:000\$000 em inscrições.

Associação dos fabricantes de cortumes. — Fundada em 1873.

— Compõe-se de tres classes de socios: donos e chefes de estabelecimentos de cortumes, operarios cortidores e empregados d'estes estabelecimentos, e commerciantes vendedores dos artefactos das ditas fabricas.

Tem por fins : soccorro na doença, na inhabilidade, collocação n'esta industria quando se desempreguem com dignidade, emprestar-lhes dinheiro, e prover no futuro á educação de seus filhos.

Os operarios inhabilitados receberão 400 réis, não tendo recebido soccorros na doença.

Estabelecerá um collegio para alumnos internos.

Os votos (art. 25.º) na assembléa geral serão proporcionaes á quantia com que cada socio tiver entrado como joia, correspondendo um voto até 10:000, e assim até 10 votos.

São (art. 28.º) elegiveis para os cargos da direcção unicamente os socios fabricantes e protectores. Empresta aos socios até 12\$000 réis. Dissolvida a sociedade será o saldo entregue ao *albergue dos invalidos do trabalho*.

Tem por divisa — *Um por todos e todos por um*.

Socios 176 — Receita 2:214\$395 réis em 30 de dezembro de 1874.

Estão associados operarios pertencentes a 20 fabricas de cortumpes.

É presidente da assembléa geral o socio fundador o sr. Fortunato Simões Carneiro.

Monte pio da corporação dos alfaiates sob a invocação de Nossa Senhora da Purificação. — Fundada em 1850, havendo grave polemica entre os individuos da classe, que teem, mau grado do principio, vivido afastados da associação, que apenas conta 70 socios.

A sua receita disponivel foi em 1874 — 461\$170 réis. Sustenta 8 inhabilitados que consomem 158\$560 réis annuaes; as quotas dos socios apenas se elevam a 261\$300 réis, isto é, se esta associação chegar a ter mais dois inhabilitados, o que é muito facil succeder-lhe, fica-lhes apenas para os soccorros na doença os juros do seu pequeno capital, que actualmente se eleva a 4:700\$000 réis nominaes de inscripções e 30\$000 réis de acções da caixa de Credito industrial, cujos juros annuaes montam a 171\$000 réis. Os relatorios d'este monte-pio queixam-se com razão do desamor pela associação que os individuos da classe manifestam. Tem-lhe prestado valiosos serviços, entre outros os srs. João Baptista de Carvalho e Thomaz Caetano Gomes, veterano das lides sociaes.

Associação dos empregados do Estado. — Foi fundada em 1856: os seus estatutos reformados em 1861 e 1868.

É composta de empregados civis, militares ou ecclesiasticos de nomeação regia, etc.

Tem por fins : soccorros na doença e pensão ou dote á familia ou herdeiros.

Divide-se esta associação em duas secções distinctas : montepio e caixa de pensões.

Quotas que pagam os socios :

		Joia	Quotas
1.ª classe	Até aos 50 annos	3\$600	600
	De 50 a 55	4\$800	700
	De 55 a 60	6\$000	800
2.ª classe	Até aos 50 annos	3\$600	400
	De 50 a 55	4\$800	500
	De 55 a 60	6\$000	600

Pagam mais os socios as quotas extraordinarias.

Estatutos que servem de diplomas, 300 réis.

Tem os seguintes soccorros : medico, pharmacia e 240 réis de subsidio diarios ; 400 réis quando o socio se tratar no hospital ; 400 réis quando esteja fóra da circumvalação.

Na prisão 240 réis, tendo o socio perdido o seu vencimento, fóra as despezas de carceragem.

Os fundos do montepio dividem-se :

- 1.º fundo permanente ;
- 2.º fundo disponivel ;
- 3.º fundo de *pro rata* (pensões) ;
- 4.º fundo das quotas extraordinarias.

A pensão que o socio tem direito a legar está na proporção inversa da despesa que houver feito á associação, isto é :

O socio que tiver pago a joia e quatro annos pelo menos de quotas simples, transmittirá um *pro rata* na divisão dos lucros do fundo permanente, que nunca excederá a 57\$600 réis annuaes, etc. como mais desenvolvidamente se póde ver nos estatutos, que por serem n'este ponto extensos, não transcrevemos tudo o que diz respeito a este artigo. O mesmo dizemos com relação á divisão do fundo de *pro rata*.

Do jogo do xadrez costuma dizer-se que é sério de mais para divertimento, e futil para uma coisa séria. D'estes artigos direi tambem que são mathematicos de mais para uns estatutos.

Sob diversas condições o socio transmitta pensão aos seus herdeiros.

Do relatorio do anno de 1873 extrahimos os seguintes apontamentos :

A receita, incluindo 23:768\$700 réis de resgate de penhores e 197\$295 réis de saldo do anno antecedente, elevou-se a 49:088\$438 réis.

A despeza, comprehendendo 22:985\$400 réis de penhores tomados, foi de 48:956\$699 réis.

A receita da caixa de pensões foi de 9:084\$357 réis ; a despeza 8:648\$372 réis, incluindo 6:305\$925 réis, custo de réis 14:300\$000 de inscripções.

O activo e passivo do montepio subiu a 33:932\$907 réis, figurando no activo 15:000\$000 réis de inscripções e no passivo 31:019\$623 do fundo permanente.

O activo e passivo da caixa de pensões foi de 33:668\$985 réis.

Soccorreu no anno de 1873 213 socios.

Na secção do montepio tinha 928 socios, na caixa de pensões, 359.

Os empréstimos sobre penhores subiram á somma de réis 22:985\$400.

Associação dos funcionarios publicos. — Fundada em 1873.

É composta dos individuos da classe da antecedente.

Tem por fins: soccorros na doença, prisão, suspensão, demissão, inhabilidade, assim como descontar-lhes os seus vencimentos e ministrar-lhes empréstimos.

Promover os interesses e o engrandecimento da classe dos funcionarios publicos. Premiar os trabalhos sobre assumptos de interesse de administração publica, confeccionados por algum associado.

Auxiliar ou subsidiar o ensino primario dos filhos menores dos socios, até á idade de 18 annos completos.

Ministrar ás viúvas dos associados algum auxilio extraordinario.

Estabelecer uma caixa economica e um monte de piedade.

Tudo isto pagando cada socio 3\$000 réis de joia e 250 réis de quota mensal.

Os subsidios na prisão e na doença 200 réis diarios; suspensão até seis mezes 300 réis; demissão até um anno 300 réis; inhabilidade 400 réis.

Receita do 1.º trimestre de 74-75 :

Fundo disponivel.....	100\$688 réis.
» permanente.....	397\$297 »
Total.....	497\$985

Despeza, 20\$633 réis. — 417\$930 réis.

Socios, 105.

Associação typographica lisbonense e artes correlativas. —

Depois de diversas tentativas fundou-se esta associação em 25 de julho de 1852, com o nome de *Associação typographica lisbonense*.

Foram seus principaes fundadores Francisco Gonçalves Lopes, J. A. Marques, José Mauricio Velloso, Mattos, Vieira da Silva, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, M. Cobellos, e Sousa Brandão, que foi o seu primeiro presidente.

A associação typographica nasceu primeiramente de uma greve feita pelos typographos, na mór parte da *Revolução de Setembro*, reunidos nas ruinas da egreja da Annunciada, em que serviu de secretario Brito Aranha.

Este primeiro ensaio da associação não foi por diante e só em 1852 ella se estabeleceu definitivamente.

Os seus primeiros estatutos foram reformados em 1858, e estes em 1862, sendo os actuaes approvados por decreto de 20 de setembro de 1871.

Fazem parte d'esta associação :

Os compositores typographicos, os impressores e machinistas, gravadores puncionistas e de madeira, fundidores de typos, stereotipadores e galvanisadores, estampadores, desenhadores e impressores lythographicos, fabricantes de papel, encader-nadores, calandeiros e assetinadores, aprendizes de qualquer d'estas artes que tenham dois annos de aprendizagem, donos de quaesquer d'estas officinas e fabricas, que como taes se acharem inscriptos nos registos determinados, dos revisores litterarios e dos escriptores publicos.

Esta associação tem por fim :

Tratar dos seus associados, quando enfermos ou impossibili-dos para o trabalho, subsidial-os em caso de prisão e desenvolver e aperfeiçoar as artes que teem ingresso na associação.

Os socios pagam de joia 1\$200 réis, e de quota semanal 80 réis.

Um bom principio de fraternidade estabelece esta associação, e é manter relações com outras associações na localidade em que tenha algum socio enfermo, a fim de que lhe ministrem todos os soccorros e ao mesmo tempo servirem de fiscal.

Os socios na doença recebem 220 durante seis mezes e 120 no que exceder a este praso. Igual quantia na inhabilidade.

A familia do socio tem direito a soccorros medicos.

Os fundos da associação compõem-se das joias, quotas, di-
plomas, etc. O fundo permanente compõe-se de todos os valo-
res capitalisados, não se podendo todavia fazer capitalisação
alguma sem que o fundo disponivel exceda de 300\$000 réis em
numerario.

Além da mesa da assembléa geral tem uma commissão admi-
nistrativa composta de 11 membros.

A commissão de melhoramentos compõe-se de sete mem-
bros.

Para apreciar a gerencia de cada anno, elege tambem a as-
sembléa geral uma commissão revisora de cinco membros.

Estado d'esta associação :

	Socios	Despeza	Receita
1852.....	189	159\$660	15\$360
1860.....	227	773\$820	888\$998
1870.....	264	2:947\$210	1:466\$321

Em inscrições n'esta data 5:000\$000 réis.

A sua bibliotheca em 1854 tinha já 336 volumes.

A classe typographica é a mais importante de todas as clas-
ses artisticas e industriaes. O typographo é como o telegra-
phista, leva a voz da civilisação de um polo a outro. A sublime
invenção de Guttemberg foi a mais poderosa alavanca do pro-
gresso. O genio, por mais brilhante e fecundo, ficaria ignorado

se não fôra essa arte sublime que conduz a palavra escripta por toda a terra onde a civilisação ha brotado como um jorro de agua mais crystalina.

Do seio da officina typographica tem sahido um Francklin, um Béranger, um Proudhon, Pierre-Leroux, etc., etc.

Na officina portugueza encontramos tambem talentos distintos, homens a quem o paiz deve innumerous serviços.

A associação em Portugal deve principalmente o seu desenvolvimento á classe typographica. No seu livro de ouro vemos os nomes de Vieira da Silva, de quem já temos fallado; Antonio Joaquim de Oliveira, um homem de talento, um caracter bondoso e honestissimo; José Antonio Dias, espirito energico, soldado firme da associação, a que tem prestado relevantes serviços, actual presidente da associação *Civilisação Popular*, e *Sociedade dos Artistas Lisboenses*, director do *Albergue dos Invalidos do trabalho*, etc. É condecorado com a ordem da Torre Espada pelos serviços prestados na epidemia de febre amarella; José Maria da Silva Albuquerque, fundador do *Gremio Popular*, cujos serviços á associação são bem conhecidos; Pedro Wenceslau de Brito Aranha, escriptor distincto, auctor de alguns livros de muita utilidade para as escolas, e que tem trabalhado muito na associação, reunindo a estas qualidades a de um caracter pio; Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da imprensa da Universidade, commendador da ordem de Christo, fundador da associação dos artistas de Coimbra, cujos serviços são importantissimos á associação; José Augusto da Silva, Miguel Cobellos, José Mauricio Velloso, Francisco Gonçalves Lopes, e muitos outros que mais tarde mencionaremos.

Foram tambem typographos o nosso amigo e escriptor Eduardo Coelho, os distinctos actores Francisco Alves da Silva Taborda, Pinto de Campos, Izidoro Sabino Ferreira, etc. Foi tambem typographo o escriptor dramatico Pedro Carlos de Alcantara Chaves.

Esta associação na sua fundação tinha em vista dar mais largo desenvolvimento á sua idéa, e assim vemos no periodo que abaixo transcrevemos, como foi condemnada a compra de inscrições:

«Coube á associação typographica, entre tantas outras associações industriaes creadas ultimamente do germen da moderna civilisação com tão grandiosas aspirações, dar o funesto exemplo de applicar os seus capitales em papeis de credito, para depois dormir o somno da inercia, e entregar-se á doce situação de jurista, ou preferir enredar-nos n'esse dedalo — de operações de cambio, a entregar-se ao aperfeiçoamento e ás transacções tão nossas conhecidas, a da industria a que pertencemos, diligenciando tornar-nos empregarios, e juntarmos ao nosso salario o lucro que damos ao especulador.»

A classe typographica não soube comprehender ou não teve

meios para resolver esta importante questão do trabalho e do capital.

A associação depois da reforma dos seus primeiros estatutos dirigiu circulares convidando os escriptores publicos a fazerem parte d'esta associação. Alguns annuiram desde logo, como foram os srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, Antonio Rodrigues Sampaio, Fradesso da Silveira, Mendes Leal, Castilho, Silva Tullio, D. José de Lacerda, Rebello da Silva, etc. Outros recusaram prestar este serviço á associação, como foram os srs. Antonio Serpa, Viale, Teixeira de Vasconcellos, Andrade Corvo, Monteverde, Innocencio Francisco da Silva, e Alexandre Herculano, que declarou não querer pertencer a associação alguma.

A associação typographica tem tratado de varias questões importantes, entre ellas a redução dos direitos do papel de imprimir e a convenção litteraria com o Brazil.

Na sala das suas sessões estão entre outros retratos o de Luiz de Camões, offercido pelo sr. visconde de Jerumenha, e de Francisco Vieira da Silva, inaugurado em 22 de outubro de 188.

Os principaes jornaes sociaes tem devido a sua fundação e existencia á classe typographica; tal foi a *Federação*, o *Ecco dos Operarios*, a *Tribuna*, etc.

Tem prestado muitos serviços a esta associação o sr. Firmo Marecos, digno administrador da imprensa nacional.

A associação typographica se não occupa o primeiro logar na historia das associações pelo seu numero de socios, nem pelo seu fundo, tem contudo um logar de honra, pela importancia dos seus membros e pelos serviços que elles tem prestado a quasi todas as associações.

Caixa de socorros da imprensa nacional. — Foi estabelecida em abril de 1846. Os primeiros estatutos foram approvados em 1859 e os segundos em 1872.

Fazem parte d'esta associação todos os empregados da imprensa nacional.

Consta de tres estabelecimentos distinctos: caixa de credito, caixa de auxilios mutuos e caixa economica.

A caixa de auxilios mutuos tem por fins:

Socorrer os associados enfermos; abonar-lhes pensão na inhabilidade; subsidio na prisão, garantir auxilios e pensões a suas familias.

Como caixa de credito:

Emprestar aos associados, mediante premio estipulado e com as garantias indispensaveis, determinadas quantias para occorrer a suas necessidades; descontar os ordenados, fêrias ou quaesquer outros proventos dos associados, quando vencidos ou liquidados, na conformidade das condições estabelecidas.

Como caixa economica:

Receber em deposito dos associados quaesquer quantias não sendo inferiores a 100 réis, abonando-lhes annualmente o pre-

mio de 3 por cento, que só poderá ser elevado ou diminuído pela assembleia geral na sua sessão ordinaria, etc.

O socio paga 3\$000 réis de joia quando fôr matriculado como aprendiz; quando passar a official mais 3\$000 réis; sendo porém official instruído em officina estranha ou admittido na imprensa em qualquer outra qualidade, 14\$000 réis.

À quota semanal é de 80 réis.

A caixa de soccorros presta auxilio de medico e pharmacia e 200 réis por dia enquanto doente.

O socio tem tambem direito a 200 réis diarios para ares de campo; 240 réis tratando-se em hospital; e á pensão vitalicia de 300 réis diarios quando impossibilitado de trabalhar.

Os socios tem mais o direito de levantar do cofre por adiantamento ou emprestimo as quantias que precisarem.

O socio, no fim de seis annos, tem o direito de legar á sua familia a pensão annual de 12\$000 réis.

Do relatorio de 1871, apresentado em assembleia geral em janeiro de 1872, não podemos deixar de transcrever os seguintes periodos, devidos á penna do sr. Oliveira; estão elles plenamente conformes com os nossos sentimentos.

«Sempre que o progresso das idéas, no seu caminho incessante, tem como que indicado a criação de novas instituições destinadas a beneficiar a humanidade, e que depois o trabalho do homem leva á execução o que até então não passava do pensamento, vindo os factos attestar a realidade d'esse novo commettimento, parece que o concurso geral, ou, pelo menos, o dos immediatamente interessados, deveria reunir-se para dar força á obra utilitaria que, abrigando e amparando a commuidade, veria concorrer, como que á porfia, com seu valimento (que todos o têm relativamente fallando) para ajudar a tornar mais frondoso e vivificante o arbusto hoje ainda debil da associação; mas que todas as indicações levam a crêr que tem no futuro a desempenhar uma missão importante no bem estar das classes operarias, concorrendo poderosamente para o lenitivo dos males que actualmente soffrem, e que é de justiça remediar.

«Mas com sentimento vêmos, olhando para a instituição de que hoje tratámos, que n'uma parte dos seus membros lavra o mais completo indifferentismo, e mesmo pouca ou nenhuma consideração pelos immensos trabalhos e serviços das suas gerencias anteriores. Os que mais n'ella deviam confiar são os primeiros a desconceitual-a a occultas, systema de que só usam os espiritos timoratos, que nunca ousam apresentar-se de frente, fugindo do campo das reuniões geraes, onde o concurso do debate devia mostrar o grau de justiça que a cada um competia.

«Pois não são já poucos os beneficios importantissimos que a Caixa de Soccorros tem prestado aos seus membros, para que elles os possam desconhecer; beneficios que não poderia de certo fazer na escala que o tem realiado, se não fosse a deci-

dida e constante protecção da digna administração d'este estabelecimento e a cooperação de alguns prestantes socios com o seu provado merecimento e trabalho. Isto tudo passa por assim dizer, quasi desconhecido, chegando-se a reconhecer que alguns socios o são mais por habito material do que por convencimento proprio ou entusiasmo espontaneo; em vez de se apreciar a instituição pelo que ella vale em si, pelo que tem feito e poderá realizar ainda, não se quer mesmo saber dos factos nem conhecer d'elles; e se alguma vez se lembram d'ella, sem ser na occasião de precisar da sua utilidade, é para, pondo de parte os principios, tratar de apreciar pequenas questunuculas, que nenhuma importancia real encerram.

•É ponto de fô para todos os pensadores modernos que é a estas instituições economicas que está destinada a parte importante que devem tomar no melhor viver das classes operarias. O andar dos tempos e o caminhar das idéas, que tudo resolve, de sobra ha evidenciado que só pela associação se pôde melhorar a sorte de muitas classes, que os defeitos de organização e modo de ser das sociedades nos diversos estados conserva n'uma situação angustiosa, que não comporta mesmo nenhum direito, nem a dignidade humana deve permittir. Esta situação afflicta de algumas classes tem dado logar a que os especuladores tenham procurado tirar d'ella partido, proclamando idéas que, tendo por symbolo protecção, só significam augmento de desgraça, porque não passam de um meio para determinados fins.

•Se sincera e conscienciosamente não devemos dar ouvidos ás idéas exaggeradas que por ahi se proclamam, com o intuito de desvanir os espiritos para preparar ou executar os excessos que a opinião publica se acostumou a chamar lamentaveis, que ha poucos dias se deram n'uma capital illustrada, é certo contudo que alguma cousa ha a fazer em prol das classes que vivem desgraçadamente, se viver se lhe pôde chamar, a quem muitas vezes a doença ou a falta de trabalho leva a uma situação penosa e desgraçada. Não é a miseria que se vê, que se exerce por habito e que chega mesmo a ser exploradora do sentimento da caridade publica, aquella que deve chamar mais a attenção dos governos e dos homens humanitarios e sociaes; é a miseria que se esconde envergonhada, e que soffre resignada os males a que atêem condemnado muitas e diversas causas.

•É para debellar estes males, que já não deviam existir na nossa época, que a associação deve tomar o seu logar, como idéa elevada por meio da qual se pôde conseguir todo o melhor estar de seus membros. Assim como hoje se proclama, e o disse ainda ha poucos dias um escriptor, como elementos indispensaveis para o desenvolvimento da instrucção,—o livro e a escola—da mesma fórma para o melhoramento das classes operarias se deve arvorar uma unica bandeira de gloria e de verdade— a associação.»

Do relatório do anno de 1874 extrahimos os seguintes apontamentos, que mostram o estado d'esta associação.

A receita total foi de.....	8:752\$725 réis.
Despeza.....	8:177\$675 .
Saldo.....	575\$050 .

Os empréstimos renderam 442\$040 réis, verba que quasi chegou para os inhabilitados, que foram em numero de 5 a 240 réis diários a cada um.

Socios 315 em 31 de dezembro de 1874.

Em fundos publicos possui 10:000\$000 réis comprados pela totalidade de 4:356\$610 réis.

Receita da caixa economica, incluindo o saldo de 1871, réis 845\$450; despeza 391\$000; saldo para 1872, 451\$450 réis.

Corporação dos livreiros, irmandade da gloriosa virgem martyr e doutora Santa Catharina do Monte Sinay.— Esta irmandade foi fundada no anno de 1640 por D. Affonso V, no convento dos frades arrabidos em S. José de Ribamar. O compromisso d'esta irmandade foi redigido pelo infante D. Pedro, neto de D. João I e foi assignado pelos varões mais illustrados d'aquella epocha. Os seus fins eram o culto religioso á *Santa Protectora* e soccorros mutuos aos irmãos.

Em 1550, a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, mandou edificar uma igreja no adro da Bella-vista, extra-muros da cidade, depois alto de Santa Catharina, afim de transferir para lá esta irmandade, deu-lhe muitas pratas, e toda a regia protecção. N'este logar esteve por muitos annos, até que reconhecendo-se a necessidade de se formar uma nova freguezia, ordenou-se a Sé de Lisboa, que, de accordo com a irmandade, a fundaram sob a denominação de Santa Catharina. Assim continuou a existir esta irmandade sempre em estado florescente, apesar de, por occasião da invasão franceza, em 1807, ficar um pouco desfalcada em seus dinheiros, joias e pratas, que os mesarios d'aquelle tempo esconderam em um subterraneo especial, as quaes depois nem todas se acharam. N'este subterraneo, annos depois, foi encontrado o cadaver do patriarcha da liberdade portugueza Manoel Fernandes Thomaz.

Em 1833 foi a freguezia mudada para o convento dos Paulistas, levando a Santa e muitos objectos que pertenciam á corporação dos livreiros.

Em 1840, reuniu-se a irmandade sob a direcção do sr. conde de Sampaio, conseguindo por portaria do mez de outubro de 1842, que a igreja, que appareceu na lista dos bens nacionaes para ser vendida, lhe fosse entregue, assim como a Santa e tudo mais que pertencia á corporação.

Em 1856 requereu a concessão para a venda da igreja, para o seu producto ser convertido em inscripções.

Associações de soccorros mutuos de todas as classes

(SOCORROS NA DOENÇA, PRISÃO, INHABILIDADE, ETC.)

Associações	Fundação	Numero de socios
Associação artistica industrial	1856	250
Associação conciliadora de Santa Catharina ..	1868	200
Associação de Nossa Senhora dos Prazeres ..	1844	200
Associação de Santa Justa e Rufina	1871	150
Associação lealdade e humanidade	1869	400
Associação do monte-pio pelicano	1867	1:600
Associação fraternal das classes laboriosas ..	1854	370
Associação fraternal de cocheiros e artistas ..	1862	350
Associação fraternal de soccorro mutuo	1865	90
Associação fraternal lisbonense	1864	1:030
Associação humanitaria de Santa Catharina ..	1872	200
Associação humanitaria de S. Bento	1864	270
Associação humanitaria de S. José	1870	800
Associação humanitaria de S. Paulo	1867	300
Associação humanitaria de S. Sebastião	1856	500
Associação dos operarios lisbonenses	1874	300
Associação phenix	1870	460
Associação nove de janeiro	1865	300
Associação união lusitana	1875	300
Monte-pio alliança (bairro oriental)	1869	300
Monte-pio alliança (bairro occidental)	1849	770
Monte-pio beneficencia de Santa Monica	1836	2:000
Monte-pio da Senhora da Gloria	1844	250
Monte-pio democratico	1875	200
Monte-pio de Nossa Senhora do Valle	1872	450
Monte-pio de Nossa Senhora do Livramento ..	1865	200
Monte-pio de Nossa Senhora das Mercês	1871	100
Monte-pio de Nossa Senhora do Rosarie	1856	400
Monte-pio de Nossa Senhora do Monte	1867	540
Monte-pio da Senhora da Caridade	1844	700
Monte-pio de Nossa Senhora da Atalaya	1856	670
Monte-pio de N. S. ^a da Conceição da Rocha ..	1843	4:000
Monte-pio de Nossa Senhora dos Remedios ...	1859	1:500
Monte-pio de Nossa Senhora dos Anjos	1857	3:150
Monte-pio de Santa Apollonia	1845	200
Monte-pio de Santa Engracia	1846	400
Monte-pio de Santa Isabel	1875	200
Monte-pio de S. Pedro	1866	300
Monte-pio do Senhor Jesus do Bomfim	1844	200

Associações	Fundação	Numero de socios
Monte-pio do Senhor Jesus dos Navegantes ..	1843	300
Monte-pio do Senhor Jesus dos Passos da Graça	1863	600
Monte-pio esperança	1852	2:300
Monte-pio fidelidade	1845	750
Monte-pio firmeza	1857	300
Monte-pio infantil	1862	250
Monte-pio homeopatico lisbonense	1875	300
Monte-pio Jesus, Maria, José	1869	200
Monte-pio providencia humana	1846	500
Monte-pio protecção de N. S.* dos Remedios...	1844	300
Monte-pio soccorro da humanidade	1853	500
Sociedade de auxilios mutuos	1865	300

Sociedades cooperativas de consumo.— São de recente data estas sociedades em Portugal; soffreram larga discussão no *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*, onde tiveram como principal apostolo a José Fontana, que mais tarde convocava para uma reunião as classes populares, que se effectuou n'uma velha casa na rua, hoje denominada do Instituto Industrial. Apesar de ser um dia chuvoso a concorrência foi numerosa, e aquelle moço, a quem a associação deve relevantes serviços, explicava então a organização das sociedades cooperativas, as suas vantagens, distribuindo ao mesmo tempo exemplares dos estatutos, que serviam de base e norma para a sua constituição.

O governo mandou distribuir ao *Centro promotor* e creio que a mais algumas associações populares um folheto de 72 paginas contendo a collecção de documentos acerca das sociedades cooperativas (1871, Imprensa Nacional). N'esta collecção encontram-se varios relatorios entre elles do sr. Andrade Corvo, então ministro, e outro do fallecido deputado e robustissimo talento João Antonio dos Santos e Silva. Acompanham estes relatorios as bases dos estatutos para se formarem as sociedades cooperativas de varios assumptos de que ellas se podem occupar.

Esta importante collecção de documentos, devidos ao zelo do sr. Andrade Corvo, e a boa vontade e o talento de José Fontana pouco resultado infelizmente obtiveram pela ignorancia das classes populares, não comprehendendo as vantagens que d'estas instituições se obtem.

Fundaram se em Lisboa então as seguintes sociedades cooperativas de consumo :

Associações	Fundação
Sociedade cooperativa Progresso Popular.....	1872
Sociedade cooperativa 1.º de Dezembro.....	1873
Sociedade cooperativa de consumo Aliança Popular .	1871
Sociedade cooperativa de consumo Aliança Xabre- guense.....	1871
Sociedade cooperativa Economia Social.....	1872
Sociedade cooperativa de consumo da freguezia de San- tos o Velho.....	1871
Sociedade cooperativa de credito e consumo denomi- nada Progressista.....	1871

Em Oeiras fundou-se tambem uma sociedade cooperativa de consumo, 19 de *Dezembro*.

Em Cintra fundou-se tambem uma sociedade denominada *Sociedade cooperativa de consumo D. Fernando II*.

Das sociedades cooperativas fundadas em Lisboa apenas resta a denominada *Economia Social* devida, sem duvida, a sua existencia ao zelo dos cavalheiros que tem dirijido esta sociedade.

A sua séde é no bairro occidental de Lisboa, e foi fundada em 1872 por iniciativa do sr. Torcato Elias Gomes da Costa, lente da escola do exercito.

Tem por timbre duas mãos entrelaçadas.

O seu fim é fornecer aos socios e adherentes generos de primeira necessidade.

O capital é formado pelo producto das quotas semanaes.

O fundo de reserva é formado pelas joias e producto dos estatutos, e pela percentagem nunca inferior a 5 % no lucro liquido.

Cada socio paga uma joia de 300 réis e a quota semanal de 50 réis, e 100 réis pelos estatutos.

O capital dos socios, seis mezes depois da sua admissãõ vence o juro de 6 %.

Temos presente o relatorio da gerencia relativa ao balanço fechado a 30 de junho de 1873. N'esta data tinha a sociedade dois estabelecimentos abertos na rua de S. Bento e outro na rua da Rosa.

O numero de socios era de 188. A importancia das sanhas trocadas por titulos de consumo montára a 5:969,5730. O lucro liquido foi de 202,3492 réis.

As outras sociedades cooperativas de consumo umas já de todo acabaram outras estão liquidando, deixando quasi todas

perdas, e o que é mais a descrença no animo das classes operaria por tão uteis instituições.

Os empregados dos caminhos de ferro de leste tem uma sociedade cooperativa, cujo estabelecimento é situado na rua de Santa Apolonia. Este estabelecimento esteve sob a direcção esclusiva dos empregados, não dando o resultado que se desejára, hoje é dirigido pela companhia. O operario ou empregado não tem outra garantia além da boa qualidade do genero de que se fornece e fidelidade no pe.o. No fim da semana a conta do que consumir no estabelecimento encontra-se na feria que tem a receber.

A direcção da *Companhia de lanificios na Arrentella*, na villa do Seixal fundou tambem para os seus operarios, que são em numero proximo de 400, uma mercearia para os fornecer, que se calcula dar-lhes um lucro de 20 %.

Ultimamente fundaram-se mais duas sociedades cooperativas, *A Formiga e Emancipação Social*.

Sociedades cooperativas de produção :

Chapelleiros fulistas.....	1875
Colxoeiros.....	1873
Fabricantes de tecidos.....	1858
Serralheiros industrial social.....	1873

A sociedade dos chapelleiros é de recente fundação. Tem por fins estabelecer uma fabrica de chapéos. O fundo é constituído por meio de dadivas e por titulos de subscrição, representados no valor de 500 réis. Os fundos liquidos, quando os houver, serão applicados no desenvolvimento e conservação da fabrica, á instrucção dos operarios e seus filhos, e o restante destribuidos proporcionalmente, segundo o trabalho de cada um. O dividendo a que os operarios têm direito, será guardado n'um cofre para soccorro na inhabilidade, á viuvez e aos orphãos.

A *sociedade dos colxoeiros*, tem lutado com graves difficuldades, não necessitando contudo de grandes capitaes para o desenvolvimento da sua industria, o que a deveria fazer prosperar. Má administração levaria á morte esta sociedade, se a não salvasse a dedicação do sr. João Venancio Pinto, um d'estes homens raros que apparecem para salvar as associações, e que têm por unica recompensa a satisfação intima de cumprir um dever, e não raras vezes, a ingratição d'aquelles a quem prestaram o seu auxilio. O activo d'esta sociedade no segundo semestre de 1875 representava-se em 885\$045 réis e o passivo 1:348\$500 réis.

A *sociedade de fabricantes de tecidos* tem 18 annos de existencia. Tem por fins estabelecer officinas para o desenvolvimento da arte, e manter uma caixa de soccorros para os socios, que pagam 20 réis de quota semanal. Do relatorio da gerencia de 1875 extrahimos os seguintes apontamentos, que mostra o

estado d'esta bem dirigida sociedade. Venda de productos réis 5:762\$031. Activo e passivo 4:930\$302 réis. Saldo positivo 252\$871 réis. Operarios empregados na fabrica 13. A caixa de soccorros teve de receita 294\$805 réis e de despesa 277\$070. Tem em fundo 1:587\$000 réis. Tem 137 socios, sendo 16 inactivos.

Industria social (sociedade cooperativa de trabalho). — Fundada em 1873. Tem por fim estabelecer uma fabrica de manufacturas de metaes, para executar todos os productos d'estas artes, segundo os meios, as machinas e instrumentos que se poderem empregar. Os socios são: effectivos, os que trabalham nas officinas; ordinarios, os que n'ellas não poderem trabalhar, e adherentes, os de outras profissões, que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. A fabrica é dirigida por tres membros, gerente, secretario e thesoureiro, eleitos annualmente. Tem mais um conselho de vigilancia.

O fundo é formado por quotas semanaes e emprestimos.

O rendimento liquido será dividido pela seguinte forma: dois oitavos para o augmento da fabrica, um para conservação do material e augmento de salarios, tres para a amortisação dos emprestimos, um para auxilio dos socios doentes, e outro oitavo para auxilio de outras associações de trabalho. Em julho de 1875 as ferramentas estimavam-se em 4:460\$000 réis. Gastos geraes, 675\$245 réis.

Em combustivel gastaram n'aquelle semestre 863\$740 réis.

Se os operarios d'esta sociedade não auferem maiores salarios, e se o capital empregado não recebe um grande lucro, consegue entretanto esta sociedade manter o seu estabelecimento, e os operarios trabalham n'uma officina onde conjuntamente são tambem senhores.

Associação dos trabalhadores na região portugueza. — Esta associação é hoje a fusão das associações, do trabalho nacional, fundada em 1871, da fraternidade operaria, fraternidade agricola, fraternal dos trabalhadores, de todas as classes trabalhadoras, fraternal Barreirense e fraternidade operaria do Porto, fundadas em 1872.

O fim d'estas associações era o da organização do trabalho nas suas varias relações com o capital, sob o ponto de vista dos direitos legitimos de um e outro.

A *associação protectora do trabalho nacional* foi a primeira associação de resistencia fundada em Lisboa; teve a sua sede no palacio, denominado do Fiuza, em Alcantara.

A *fraternidade operaria* tinha por fim, soccorrer-se mutuamente creando para isso um fundo monetario. Tratar do desenvolvimento moral e intellectual do operario. No artigo 34 declarava não se envolver em politica partidaria nem em assumptos religiosos.

A quota semanal era de 20 réis.

Esta associação começou em janeiro de 1872 com perto de

200 socios, elevando-se poucos mezes depois a 8000 socios, contando os da secção Almadense em numero de 120.

Cada socio pagava 20 réis mensaca para as despesas da associação e 10 réis para um auxilio mutuo e 20 réis semanaes destinados ao cofre chamado de resistencia. Até fins de agosto de 1872 depositou á ordem do corpo administrativo no monte-pio geral, 750\$000 réis.

Estava esta associação preparando-se para encetar os seus trabalhos, quando os fundidores da fabrica do sr. Linder pediram a abolição dos serões. Esta grêve deu origem á grêve geral d'esta classe em todas as fabricas que possuem fundição; a Companhia Perseverança chegou a fechar a sua fabrica.

O sr. Burnay cedeu expontaneamente á abolição dos serões. Convocada a assembléa extraordinaria para tomar conhecimento d'aquelle grêve, foi approvada a resolução dos fundidores. A associação teve em vista d'estes factos tornar um expediente energico; appellou para as quotas voluntarias dos socios. Foi importante o seu resultado, pois que logo na primeira semana as quotas se elevaram a 400\$000 réis. Diante d'esta greve cederam as fabricas dos srs. Linder, Peters, viuva Ramos, Bachelay & Irmão, e quatorze casas de menor vulto. Reconheceu-se que a pequena industria estava do lado dos operarios. Restava implacavel a Companhia Perseverança, que teria de ceder, se alguns operarios não quebrassem o seu protesto indo trabalhar para aquella fabrica. Aos que não cederam dos seus principios elevou-se uma fabrica sob o titulo de Fabrica Social da Industria de metaes, com fundição de ferro e bronze, de que tratamos nas *Sociedades cooperativas de producção*.

A despeza com esta grêve pôde calcular-se em 8:000\$000 réis. A companhia perdeu proximo de 24:000\$000 réis. Varias grêves mais ou menos importantes se deram n'estas associações, e nas diversas classes de que se compunham.

Em julho de 1872 os calafates reclamaram diminuição nas horas do trabalho, o que conseguiram. Em novembro do mesmo anno a classe dos fragateiros, por meio da grêve conseguiram que os donos dos barcos lhes pagassem os salarios em divida, e que se elevavam a mais de 23:000\$000 réis. Em novembro os typographos do *Jornal da Noite* conseguiram tambem ser pagos em dia. Os typographos da casa Lallemand poseram-se em grêve por serem obrigados pelo proprietario a abandonarem a associação.

Em 31 de dezembro os tanceiros do Beato conseguiram por meio da greve augmento de salario; os tecelões em janeiro de 1873 conseguiram tambem melhoria nos seus vencimentos.

Mais de mil operarios do tabaco venceram uma greve contra disposições iniquas e vexatorias que soffria aquella classe.

Em 20 de janeiro de 1873 teve logar a grêve dos operarios dos caminhos de ferro, em virtude de querer a direcção despedir os operarios filiados na associação *Fraternidade operaria*.

Esta grève foi importante e á falta de união nos operarios se deve não ter ella alcançado um mais largo desenvolvimento.

A classe dos fabricantes de massas fizeram tambem uma grève para obterem augmento de salario. D'esta grève nasceu a *Sociedade cooperativa de massas*, que já não existe.

Em maio de 1873 os colxoeiros sendo tambem compelidos a abandonar a *Fraternidade* fundaram uma associação.

Em agosto de 1872 publicou-se o primeiro numero do *Pensamento Social*, orgão das associações de resistencia.

Todas estas associações fundiram-se em 1873 com o nome de *Associação dos trabalhadores na região portugueza*. A de Lisboa conta 300 socios, em Alcantara 50, e no Porto 200.

Os membros que constituiram as sociedades de resistencia estão hoje divididos em dois grupos, a da região portugueza, que representa a internacional, ou a luta economica, e o partido socialista ou a luta politica.

A associação tem por fim regular o tempo e as condições de trabalho, os salarios, relações com os possuidores dos instrumentos de producção, etc. Instituir escolas e bibliothecas, desenvolver a cooperação e o credito. Organização do trabalho fundada na solidariedade social. Os seus estatutos têm 151 artigos e foram impressos no Porto em 1875.

A associação dos trabalhadores na região portugueza, no Porto, tem mais uma *Caixa de Socorros*, estabelecendo na doença o socorro pecuniario de 40 réis por cada 10 réis de quota semanal.

O partido socialista. — Tem por fim a instrucção da classe operaria, chamando-a á vida politica, de que por falta de illustração e enercia tem sempre andado affastada.

O partido socialista tem numeradas as freguezias do paiz, as quaes se agrupam em circulos eleitoracs. O concelho central compõe-se de nove membros, e o do circulo de 5, e o da secção ou freguezia de tres, que formam a commissão administrativa; tem mais duas commissões, que tratam, uma do recenseamento, e outra dos melhoramentos sociaes.

Os quatro circulos de Lisboa estão divididos nas seguintes associações :

	circulos
Gremio operario.....	65
Fraternidade operaria.....	66
Associação 18 de março.....	67
União operaria.....	68
Alcantara.....	71

Esta ultima associação ainda não tem nome. No *Gremio operario* tem havido varias prelecções feitas pelos srs. Sousa Brandão, coronel de engenheiros, e Azedo Gueco.

Na cidade do Porto os circulos 13 e 13 formam um grupo.

Pôde considerar-se órgão do partido socialista, o jorna *O Protesto*, cujo ppimeiro numero foi publicado a 7 de agosto de 1875, é semanal.

Associações em varias terras do districto de Lisboa

Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Aldeia Gallega	Associação fraternal de Nossa Senhora da Conceição	1865	580
Alemquer..	Associação humanitaria.....	1872	360
Almada ...	Associação dos artistas almadenses	1856	160
	Monte-pio de N. S. ^a d'Assumpção	1858	120
Azambuja..	Monte-pio azambujence.....	1871	100
Azeitão....	Monte-pio Esperança.....	1874	200
Beato	Associação humanitaria.....	1869	1:200
	Monte-pio de N. S. ^a d'Ajuda.....	1861	200
	Associação philantropica dos artistas.....	1865	290
Ajuda, Belem e Alcantara..	Monte-pio de St. ^a Maria de Belem	1867	200
	Monte-pio fraternal das classes unidas	1857	450
	Monte-pio de N. S. ^a das Dores... ..	1856	200
	Associação de S. Pedro em Alcantara.....	1863	570
Caparica ..	Associação 17 de junho de 1874 ..	1874	250
	Monte-pio de N. S. ^a de Caparica..	1864	100
Carindo ...	Monte-pio de N. S. ^a da Luz	1867	200
Cascaes ...	Associação de soccorros mutuos... ..	1871	150
	Corporação maritima.....	—	550
Cezimbra..	Monte-pio artistico.....	1871	720
Cintra.....	Sociedade cooperativa de consumo	1871	50
	Monte pio mafrense.....	1868	100
Oeiras.....	Sociedade cooperativa de consumo	1872	50
	Monte-pio de Nossa Senhora da Consolação d'Arrentella.....	1864	100
Seixal.....	Monte-pio de soccorros mutuos... ..	1873	100
	Associação commercial	1835	50
	Associação setubalense das classes laboriosas.....	1855	700
Setubal ...	Corporação maritima dos pescadores d'anzol.....	1862	100
	Sociedade de pescaria franciscana..	1871	100
V. ^a Franca	Associação fraternal dos artistas..	1853	100

Associações no districto de Leiria

Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Alcobaça.. Caldas da Rainha..	Monte-pio alcobaçense.....	1857	100
	Monte-pio caldense.....	1861	40
Leiria	Monte-pio de N. S.ª da Encarnação	1872	370
	Monte-pio leiriense.....	1855	250
Peniche ...	Monte-pio do Corpo Santo.....	1505	500

Associações no districto de Santarem

Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Abrantes..	Sociedade philantropica abrantina	1856	690
Alpiça...	Monte pio de N. S.ª do Rosario .	1872	50
Chamusca .	Monte-pio artistico de S. Braz ..	1873	60
Salvaterra .	Monte-pio do Senhor Jesus das Almas	1872	100
	Monte-pio artistico.....	1854	200
	Monte-pio de Santarem (bairro alto).....	1859	150
Santarem .	Monte-pio geral de Nossa Senhora do Carmo	1870	160
	Monte-pio de N. S.ª da Conceição da Ribeira	1863	100
Thomar...)	Monte-pio de N. S.ª da Piedade	1858	180
	Monte-pio de N. S.ª da Conceição	1862	100
Torres No- vas.....)	Monte-pio de N. S.ª da Nazareth	1862	130

Das associações do districto de Lisboa merecem especialisar-se as seguintes :

As da Villa d'Almada pelas suas zelosas direcções e modesta prosperidade.

A cooperativa de Oeiras teve em 1873 uma receita de réis 1:769\$275, tendo 124\$070 de lucros para dividir pelos socios. Vendeu n'aquelle anno em generos 1:484\$275 réis.

O monte-pio do Seixal, tem os seus estatutos bem redigidos. A esta associação têm prestado valioso auxilio a senhora infanta Izabel Maria, D. Fernando, condessa d'Edla e o anonymo Y, que subscreveu com 20 libras para a associação. O seu presidente é o sr. Francisco Rodrigues Neiva.

A associação humanitaria do Beato, tem duas partes distinctas, o soccorro mutuo e a beneficencia.

Tem tres classes de socios: — effectivos, protectores e benemeritos.

Os socios effectivos pagam de quota mensal 50 e 60 réis conforme a idade e o sexo

A decima parte das quotas recebidas é destinada para o cofre da sociedade de beneficencia.

Art.º 451.º A direcção pôde entender-se com as direcções de outras sociedades para reciprocamente acudirerem mais prompta e commodamente aos socios doentes, que residirem muito longe dos facultativos e pharmaceuticos da associação, liquidando-se e pagando-se as respectivas despezas. Assim se irá tendendo quanto possivel para a federação das sociedades de beneficencia.

Sociedade de beneficencia. — Tem por fim soccorrer os doentes pobres; procurar trabalho aos necessitados que o não achem; promover a instrucção primaria, usar de todos os meios para elevar do abatimento moral e physico aquelles a quem a miseria houver degradado e abatido.

Os socios d'esta secção tem a pagar pelo menos 300 réis annuaes. O seu fundo forma-se d'estas quotas, de quaesquer outros rendimentos e da decima parte das quotas dos socios effectivos.

Esta sociedade de beneficencia tem a seu cargo a administração d'uma escola gratuita para o sexo feminino, denominada *Escola Casal Ribeiro* para a qual elle deu 10:000\$000 réis em inscripções. Estes cofres auxiliam-se mutuamente. A receita eleva-se a mais de 3:000\$000 réis; com a *Escola* dispende perto de 500\$000 réis.

Das associações de Setubal a mais importante é a das classes laboriosas; a sua receita eleva-se a mais de 1:500\$000 réis.

As duas sociedades maritimas não têm desenvolvimento algum.

A corporação maritima de Cezimbra é de antiga fundação, talvez de D. Affonso III ou D. Diniz.

O monte-pio Alcobacense tem os seus estatutos habilmente redigidos e tendo apenas 100 socios, pouco mais, o seu estado é prospero, pois que a sua receita eleva-se, termo medio, a proximo de 400\$000 réis.

Em todos os annos festeja com esplendor o anniversario da associação. Foi seu fundador o sr. Antonio das Neves e Sousa.

O monte-pio Leiriense fundou no 1.º de novembro de 1872 uma escola de instrucção primaria. As duas associações de Leiria tem um estado relativamente prospero.

O monte-pio do Corpo Santo de Peniche cujos estatutos foram redigidos pelo infante D. Pedro, tio de D. Affonso V, presta muitos serviços com os melhorameetos que manda fazer no sítio denominado do Portinho. A sua receita eleva-se a réis 2:000\$000.

Associações scientificas, commerciaes, industriaes e agricolas

Réal associação central da agricultura portugueza. — Fundada em 25 de março de 1860.

Tem por fim esta associação (art. 3.º) investigar as necessidades da agricultura, proteger os seus interesses, e promover o seu desenvolvimento, propigando os conhecimentos uteis, premiando as pessoas que se distinguirem pelos melhores processos de cultura ou criação de gados, organisando exposições em diferentes localidades do paiz, etc.

A associação compõe-se de cinco cathogorias de socios: honorarios, vitalicios, que pagam por uma vez 100\$000 réis; ordinarios, que pagam de joia 5\$000 réis e a quota mensal de 500 réis; extraordinarios que pagam sómente a quota mensal de 500 réis; e correspondentes.

Esta associação tem prestado importantes serviços á nossa agricultura não obstante os poucos recursos que tem.

Compendiemos esses importantes serviços, ainda que resumidamente.

Requerreu pouco depois da sua fundação ao governo para que mandasse á exposição de Londres *um ou mais lavradores de reconhecida intelligencia e pratica*, para estudarem tudo quanto póde interessar a este importante ramo de industria no nosso paiz, apresentando no seu regresso, um relatorio circumstanciado dos seus trabalhos. Sobre este ponto diz um dos seus relatorios:

«A agricultura, Senhor, sendo a nossa principal industria, não foi attendida, julgou-se bastaute a nomeação de uma commissão especial, que acompanhasse os nossos productos á exposição de 1862, e gastando-se uma somma fabulosa com os adjuntos ao commissario regio, talvez muitos d'elles desnecessarios, o justo pedido da nossa associação não mereceu ser considerado.»

Em outubro de 1864 realisou uma exposição de agricultura nacional nas terras do Desembargodor em Belem, que importou na verba de 7:908\$775, réis recebendo do ministerio das publicas o subsidio de 2:000\$000 réis.

Em maio de 1868 realisou um concurso de carros e arados no Campo Grande, distribuindo como premio uma salva e um tinteiro de prata, dinheiro e menções honrosas. Em 1869 abriu uma exposição de flores e plantas de ornato e productos horticolas. N'este mesmo anno procedeu na Gollegá a um concurso de arados e charruas. Em maio de 1870, fez uma exposição de

vinhos, azeites, flores e plantas, distribuindo medalhas de ouro, prata, cobre e menções honrosas.

Em abril de 1871, abriu em Evora concurso para instrumentos de lavoura.

Em 1872 realizou uma exposição de flores, plantas de ornato, productos hortícolas, lãs, sedas e productos de sericultura.

Em setembro de 1873 concedeu ao sr. Antonio Batalha Reis a quantia de 300\$000 réis afim d'aquelle senhor ir em nome da associação á exposição agricola de Lyão.

Encarregada ultimamente pelo governo de colligir os productos agricolas para a exposição de Philadelphia, cumpriu do modo mais glorioso aquella missão.

Esta benemerita associação tem 400 socios; a sua receita eleva-se a mais de 3:000\$000 réis, sendo muitos os encargos a satisfazer.

Publica um importante jornal mensal.

Tem sido prelectores em varios annos os srs. Andrade Corvo, Beirão, Batalha Reis, Bernardino Antonio Gomes, Philippe da Silva, e outros.

Associação commercial de Lisboa. — Fundada em 1834 na rua da Emenda, 18, em casa de Manuel Ribeiro Guimarães com o titulo de *Associação mercantil lisbonense*, sendo excluidos do seu gremio os estrangeiros por se considerar a associação puramente nacional. Foi seu primeiro presidente o fallecido Barão de Villa Nova de Fozcôa, Francisco Antonio de Campos.

Em 1864, estando a associação bastante definhada por falta de socios, deliberou fundir-se com o *gabinete de leitura da praça de Lisboa*, que era quasi composto de estrangeiros, reunião que se effectuou em 20 de maio de 1854, tomando então as duas corporações o nome que actualmente conserva, e sendo eleito presidente Joaquim Honorato Ferreira.

Em 1871 o governo concedeu á associação as salas contiguas ao edificio da Bolsa, onde actualmente funciona.

A associação tem tratado de varias questões, e entre ellas apontaremos as seguintes:

Em 1862 requereu para que se equalasse o valor da moeda nas ilhas ao que ella tem no continente. Requereu mais tarde para que se harmonisasse o codigo criminal com o commercial. Tratou do serviço dos pilotos da barra e das modificações á lei do sello.

Em 1857 entregou aos asylos de infancia desvalida réis 7:700\$000 em inscripções, producto da subscripção promovida em 1856.

Em 1864 nomeou dois membros, a convite do governo para examinar um projecto de lei sobre os lastros.

No mesmo anno discutiu a admissão permanente dos cereas.

D'outros mais assumptos se tem occupado esta associação.

Dos seus relatorios é digno de especial menção o de 1874,

devido á penna do distincto deputado Antonio Augusto Pereira de Miranda. Encerra valiosos capitulos sobre a fazenda publica, riqueza mobiliaria, etc., que mostram os vastos conhecimentos economicos do seu auctor. A *Associação commercial de Lisboa* não tem uma historia tão gloriosa como a da cidade do Porto, entretanto tem prestado bons serviços ao commercio.

Associação dos advogados. — Fundada em 1835. Composta dos nossos mais eminentes juriconsultos, esta associação tem tratado de importantes questões. Publica um jornal sob o titulo de *Gazeta da associação dos advogados*, além d'um *Anuario*, interessante re-opilação dos factos e questões mais momentosas tratadas durante cada anno.

Real associação dos architectos civis e archeologos portugueses. — Fundada em janeiro de 1864 pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real e socio correspondente do instituto de França.

Estatutos approvados em fevereiro do mesmo anno.

Foram socios fundadores os srs. Possidonio da Silva, Pires Fonte, Sequeira, Sousa Corrêa, Oliveira Cruz, Ferreira da Costa, Verissimo José da Costa, Valentim José Corrêa, Santos Lucas, Costa Lima, M. J. Carneiro, João Maria Feijó e José Luiz Nogueira, todos architectos. No numero de socios amadores contou desde logo com os homens mais importantes nas letras e na aristocracia.

Tem pouco mais de 100 socios effectivos.

Esta sociedade tem por fim o exame theorico e pratico das questões que dizem respeito á architectura e á administração das construcções publicas, como á hygiene publica, á archeologia e artes nacionaes.

Esta associação fez gravar sobre todos os monumentos architectonicos de Portugal os nomes dos seus architectos, afim de que a posteridade não deixe cair no esquecimento os nomes dos autores d'esses notaveis edificios.

Tem realisado varias conferencias; citaremos o curso de stereotomia pelo sr. Possidonio da Silva, de physica e chimica pelo sr. F. José d'Almeida.

O Museu archeologico do Carmo conserva mais de 1:200 objectos. A sala das suas sessões está ornada de retratos de varios architectos e archeologos distinctos tanto nacionaes como estrangeiros. Publica um jornal sob o titulo de *Boletim Architectonico e de Archeologia*, desde 1865. Por decreto de 14 de novembro do 1872 foi-lhe concedido o titulo de Real.

São grandes os serviços prestados pelo sr. Possidonio da Silva a esta associação, estabelecida nas venerandas ruinas do convento do Carmo, fundado pelo condestavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira.

Associação promotora da industria fabril. — Fundada em 1860. Estatutos approvados por decreto de 20 de março de 1860.

Foram fundadores os srs. José Ennes, José Elias dos Santos Miranda, A. L. Ferreira dos Anjos, J. Moreira Marques, João Gomes Roldan e Luiz Beraud. Por decreto de 11 de agosto de 1863, declarou-se Sua Magestade protector desta associação attendendo aos serviços que prestara á instrucção e ensino das classes industriaes; e querendo significar-lhe, de um modo authentico, o seu justo agrado pelo empenho, e louvavel zelo, em que promoveu e organisou a exposição de 30 de julho de 1862, etc.

Por decreto de 24 de novembro de 1871, foi a associação louvada pelos importantes serviços prestados pelo conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, na qualidade de seu delegado ao reino da Belgica para ir estudar e examinar tudo quanto se refere ao ensino industrial n'aquelle paiz.

O fim d'esta associação é promover o desenvolvimento da industria, para o que fará exposições publicas, instruirá o operario, creará bibliothecas, realisará publicações, etc.

Tem tres classes de socios, effectivos, correspondentes e de merito; os primeiros pagam a joia de 35000 e a quota mensal de 500 réis.

Tem prestado relevantes serviços á industria esta associação e a sua historia tem paginas gloriosas. Tem promovido varias exposições e coadjuvado o poder central nas exposições industriaes.

Realisou a exposição de linho, seda, algodão e lã em 1863, e contribuiu para a formação do museu technologico creado no instituto industrial. Tem promovido a criação de escolas para operarios, e o numero das suas publicações industriaes forma uma collecção valiosa, todas ellas devidas ao conselheiro Fradesso da Silveira, que foi a alma d'esta associação, que entre outras distincções lhe conferiu uma medalha de ouro em 1872.

Publicou esta associação um excellente jornal mensal sob o titulo de *Gazeta das Fabricas*, publicada desde janeiro de 1865 a dezembro de 1866. Em 1875 publicou o primeiro numero da *Revista Industrial*. A doença de Fradesso da Silveira obstou a continuar-se tão util publicação. A 26 de abril de 1875, Portugal perdeu um dos seus filhos mais prestantes, um homem energetico, trabalhador, a industria ficou orphã do seu mais desvellado protector, d'aquelle braço vigoroso que o impellia para o caminho do progresso, que incitava os operarios, que os procurava elevar, fazendo que os nossos productos fossem galardoados no estrangeiro. Ha homens que pelos seus pensamentos antecedem a epoca em que deveriam nascer, tornando se por esse facto inuteis os seus esforços. Fradesso da Silveira nasceu, porém no seculo em que se precisava de homens que acompanhassem a marcha do progresso e de liberdade que d'essem vida á industria. Animou os operarios e os industriaes, incitou-os a concorrer aos grandes certamens do movimento industrial; honrou e estimulou o operario, ennobre-

ceu-o; quebrou-lhe as algemas que o maniatavam, tornou-o apreciado e estimado. Fradesso da Silveira nasceu a 14 de abril de 1825. Aos 19 annos de idade era lente de physica e chimica na Escola Polytechnica. Desempenhou varias commissões importantes, e tinha muitas condecorações nacionaes e estrangeiras como premio dos seus serviços. Foi deputado e socio da Academia das sciencias.

Nos novos paços do concelho municipal de Lisboa, será o seu retrato collocado na sala da bibliotheca industrial. O prestito que o acompanhou ao cemiterio foi imponente. Mais de dezoito mil pessoas formavam alas ao acompanhamento que se compunha de tres mil pessoas de todas as classes da sociedade. O corpo ia sobre um carro de bombeiros, acompanhado por operarios. Fradesso da Silveira escreveu muitas obras importantes, a maior parte publicadas pela associação promotora.

Como orador era ameno e claro na exposição: ouvimos-o muitas vezes, e mais parecia um amigo a conversar com os operarios do que um homem de tão vastos conhecimentos scientificos. Occupa hoje o logar de Fradesso da Silveira n'esta associação, o sr. Antonio Augusto de Aguiar; do seu talento, illustração e amor ao trabalho, ha a esperar muitos serviços á industria, é digno successor d'aquelle estrenuo campeão.

É presidente honorario d'esta sociedade o sr. marquez d'Avila e Bolama. E presidente da assembléa geral, reelito successivas vezes o sr. conselheiro Antonio Maria Couceiro.

Tem prestado tambem relevantes serviços a esta associação o sr. Jeronymo Ferreira da Silva, secretario ha muitos annos do conselho administrativo.

Sociedade das sciencias medicas. — Fundada em 1835, e os primeiros estatutos approvados por portaria de 19 de fevereiro de 1836; reformados em janeiro de 1870. Tem por divisa um caduceu sustentado por duas mãos e circundado pela legenda *pro incolumitate ceverina*. Tem por fim tratar dos assumptos de medicina, pratica e especulativa, assumptos dos ramos da biologia e questões de deontologia medica. Os socios dividem-se em *membros titulares, correspondentes, honorarios e benemeritos*.

Tem sido importantes os serviços que tem prestado esta sociedade, os quaes se acham extensamente relatados no seu excellente jornal, de que se hão publicado 38 tomos no espaço de 40 annos.

Esta associação tem perto de 200 socios.

Sociedade pharmaceutica Lusitana. — Fundada em 1835; estatutos approvados por decreto de 7 de maio de 1838. Tem por divisa uma palmeira, symbolo da natureza, tendo enroscada uma serpente, emblema d'Esculapio. Tem por fins: progresso da pharmacia em toda a sua extensão; discussão de tudo que nos limites da sciencia fór concernente á saude publica, etc., e socorrer aquelles dos seus membros, viuvos ou filhos dos mesmos, que para o futuro careçam de auxilio.

A sociedade tem, além dos corpos administrativos, seis comissões, composta cada uma de tres vogaes effectivos e um substituto, que tratam cada uma dos seguintes assumptos: saude publica, pharmacia, chimica, physica, historia natural e direito pharmaceutico.

Tem além d'estas uma comissão de redacção.

Esta importante sociedade foi iniciada pelo sr. José Dionysio Correia, administrador da botica do hospital de S. José, com o titulo de *Sociedade pharmaceutica de Lisboa* que mais tarde, em 1838, tomou a denominação de *Lusitana*.

A sociedade foi installada no dia 24 de julho, na sala principal da botica do hospital de S. José, estando presentes 38 pharmaceuticos. Foi eleito presidente n'esta sessão o sr. José Vicente Leitão. O numero de socios fundadores foi elevado a 114. A meza eleita convidou para protectora a rainha a senhora D. Maria II. Foi protector da sociedade tambem o sr. D. Pedro V, e são o: sr. D. Fernando e D. Luiz I. A sociedade tem hoje 473 socios, sendo 65 effectivos e os outros, benemeritos, honorarios, correspondentes nacionaes e estrangeiros.

Os trabalhos mais importantes d'esta sociedade são:

1.º A criação das escolas de pharmacia, obtidas por decreto de 29 de dezembro de 1836; 2.º a criação do conselho de saude publica do reino, em substituição da phisicatura-mór do reino, por decreto de 3 de janeiro de 1837; 3.º a incumbencia á missão portugueza em Macau da traducção das obras de medicina e botanica dos chins, por portaria do 8 de agosto de 1838; 4.º escolha de livros feita pela sociedade para a sua bibliotheca, dos existentes no deposito das livrarias dos extinctos conventos. Tem-se occupado a mesma sociedade de muitas analyses chimicas a convite dos ministros da fazenda e marinha, não só de substancias submettidas a despacho nas alfandegas, mas de muitos productos naturaes das provincias do Ultramar. Esta sociedade foi tambem a primeira que se occupou em Portugal da analyse toxicologica, tendo logar a discussão do parecer da respectiva commissão ácerca de um supposto envenenamento occorrido em Portalegre, em sessão de 13 de junho de 1841. Por portaria de 15 de julho de 1850, foi convidada pelo ministerio da marinha a proceder á analyse das visceras do fallecido governador de S. Thomé e Principe; e até ao presente tem continuado a proceder no seu laboratorio a grande numero de analyses.

Pela lei de 31 de julho de 1839 foi-lhe concedida a importancia de 1:000,000 réis para a analyse das aguas mineraes do reino; trabalho que foi louvado pelo governo em 1843. Foram analysadas 33 aguas. Ainda em 1874 tratou largamente de *investigar se uma determinada especie de café era prejudicial á saude publica*, em opposição ao que deliberara a sociedade das sciencias medicas.

Finalmente, tem a sociedade um jornal, o qual é publicado em fasciculos mensaes, e tem a denominação de *Jornal da So-*

ciidade Pharmaceutica Lusitana, conta já publicados 81 tomos, sendo o primeiro impresso em 1836, dividido em series de 5 volumes. N'estes jornaes têm sido publicados todos os trabalhos, bem como as actas das sessões, artigos concernentes á phar-macia e sciencias accessorias, e a chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, etc.

É actual presidente d'esta importante sociedade scientifica o sr. José Tedeschi, homem eminentemente illustrado, e um dos ornamentos mais distinctos da classe pharmaceutica.

Sociedade promotora das bellas artes. — Fundada em 1861 e os estatutos approvados por decreto de 8 de agosto d'aquelle anno. Foram reformados em 1863 e em 1868.

Tem por fim: excitar emulação entre os artistas, propagar o conhecimento das bellas artes, facilitar a venda das suas obras por meio de exposições annuaes, e fazer a acquisição de objectos de arte, etc. Compõe-se de socios artistas e amadores.

Cada socio é obrigado ao pagamento das acções que tiver tomado da sociedade, as quaes são de 4\$500 réis. Adquire-se o direito de socio possuindo uma só acção.

O socio tem direito: a participar na extracção dos premios, entrando o seu nome tantas vezes na urna, quantas as acções que tiver pago, á compensação de uma gravura ou lithographia, não tendo recebido premio, etc.

O fundo da sociedade é formado:

Da importancia das acções dos socios; do producto de 5 %, deduzidos dos preços marcados nas obras expostas e vendidas; de qualquer receita eventual. É applicado este fundo, á compra dos premios, que serão distribuidos á sorte nas exposições e para publicações importantes e em que interessem as bellas artes. Tem um presidente, um thesoureiro e um conselho administrativo composto de vinte membros, que elegem entre si dois vice-presidentes, um secretario e dois vice-secretarios. O seu exercicio é por dois annos.

Concede aos artistas medalhas de duas classes, de honra e de premio. A primeira é de prata dourada e concedida extraordinariamente; a segunda classe consta de 8 medalhas de prata que são conferidas ás obras que ao merecimento relativo superior reunirem um merito absoluto. É presidente d'esta sociedade, desde a sua fundação o sr. marquez de Sousa Holstein e secretario Joaquim Pedro de Sousa.

Tem actualmente 370 socios, que representam 422 acções: o numero de socios tem pois diminuido desde 1867, assim como o das acções, que no 5.º anno social se elevou a 635.

Em premios aos artistas, obras compradas e despeza com a gravura tem gasto a sociedade, desde a sua fundação, réis 20:172\$830. Tem realisado dez exposições, as quaes têm sido visitadas, termo medio por nove a dez mil pessoas.

Sociedade protectora dos animaes. — Fundada em 1875, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, coadjuvado pelo sr. Joa-

quim Carlos da Silva Heitor. Estatutos approveds pelo governo civil de Lisboa em 8 de janeiro de 1876.

Esta associação tem encontrado grande sympathia no publico, pois que o numero de socios eleva-se em tão pouco tempo de existencia a mais de 500, e a sua receita é proximo de um conto de réis. O sr. governador civil, Cau da Costa cedeu uma sala no estabelecimento onde funcionam as repartições do governo civil e policia, para a sociedade poder fazer as suas reuniões e ter a sua secretaria. Além da mesa da assembléa e outras commissões, tem uma redacção do Bol-tim da sociedade. Esta associação é mais uma corôa de gloria para o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Associação promotora dos estudos orientaes. — Fundada em 1874. Presidente o sr. infante D. Augusto.

Esta associação suspendeu os seus trabalhos. Publicou-se depois da sua installação, um opusculo — *Exposição feita perante os membros da commissão nacional portugueza dos orientalistas*, pelo sr. G. Vasconcellos Abreu, bacharel em mathematica. É um relatorio bem escripto, que mostra os conhecimentos scientificos do seu auctor.

Sociedade de geographia de Lisboa. — Fundada em 10 de novembro de 1875 por iniciativa do distincto escriptor Luciano Cordeiro. Os seus estatutos foram approveds por alvará do governo civil em 31 de dezembro de 1875. O numero dos socios fundadores foi de 72. A commissão installadora foi composta de Luciano Cordeiro, Emiliano Augusto de Betten-court, Rodrigo A. Pequito, João Candido de Moraes e Candido de Figueiredo.

O fim da sociedade é o estudo, discussão, investigações e explorações scientificas da geographia nos seus diversos ramos, principios, relações, descobertas, progressos e applicações. A sociedade dedicar se-ha especialmente na exploração da sua actividade scientifica ao estudo e conhecimento dos factos e documentos relativos á nação portugueza. Tem duas classes de socios: ordinarios e correspondentes, os primeiros pagam a quota mensal de 500 réis e são os que residirem actualmente em Lisboa ou a distancia d'ella não superior a 5 kilometros.

Entre os socios fundadores notam-se, o marquez de Sá da Bandeira (já fallecido) visconde de S. Januario, Mendes Leal, visconde de Soares Franco, Carlos Ribeiro, Sousa Martins, Benvides, e varios professores das escolas superiores do paiz.

Por decreto do mez de feveiro de 1876 o governo portuguez nomeou uma commissão permanente de geographia, composta de 18 membros, cuja installação se effectuou no dia 1 de março do mesmo anno, n'uma das salas do ministerio da marinha.

Club militar naval. — É composta esta associação dos officaes de marinha. Publica um interessante jornal scientifico sob o titulo de — *Annaes do club militar naval.*

Associação dos engenheiros civis portuguezes. — Fundada em

janeiro de 1869. Tem por fim : Estabelecer por meio da discussão e do trabalho em commum as questões da sciencia e arte relativas á engenharia civil, concorrer para o desenvolvimento das sciencias applicadas aos trabalhos da industria, obras publicas e minas ; diffundir pelo concurso dos seus membros o ensino professional entre os operarios e os chefes de officinas, activar a applicação e o desenvolvimento mais conveniente das forças e riquezas do paiz, pelo estudo das questões de economia politica e industrial, de administração e utilidade publica, etc. Indicar aos seus membros, e especialmente aos conductores, posições e empregos na industria particular, a que possam applicar proveitosamente a sua actividade ; finalmente, estabelecer relações com as sociedades analogas existentes em paizes estrangeiros.

Os socios effectivos pagam 3\$000 réis de joia e 500 réis mensaes. Foi fundada pelo sr. José Victorino Damasio, Abreu e Sousa e Almeida d'Eça.

Esta importante associação publica a *Revista de obras publicas e minas*, publicação mensal, que já forma quatro volumes, de 400 paginas cada um. Tem pouco mais de 200 socios.

Associações na provincia do Minho

Districtos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Braga	Braga....	Associação commercial.....	1864	100
	"	Monte-pio de S. José.....	1862	280
	Guimarães	Associação artistica.....	1869	400
	"	Associação clerical.....	1872	60
	"	Associação de soccorros mutuos..	1872	60
Vianna	Valença..	Associação artistica.....	1864	150
	Vianna do Castello	Associação commercial.....	1852	60
	"	Associação fraternal dos artistas	1860	550

De todas as associações d'esta provincia a mais importante é a dos artistas viannenses, já pelo seu numero de socios, já pela boa organização financeira da sociedade e clareza da lei que a rege. O seu fundo compõe-se de 11:300\$000 de inscripções, e mais valores importantes. A receita total d'estas associações póde avaliar-se de 7 a 10:000\$000 réis.

O fundo de todas estas associações não se eleva a mais de 26 ou 28:000\$000 réis nominaes.

Associações na provincia de Traz-os-Montes

Districtos	Terras	Associações	Fundação	Numero de socios
Bragança	Bragança..	Associação dos artistas.....	1865	100
	Mirandella.	Associação dos artistas.....	1860	100
Villa Real	Chaves.....	Associação dos artistas.....	1858	130
	Pezo da Re-gua.....	Associação commercial.....	1874	50
		Associação dos artistas.....	1863	80
	Villa Real..	Associação humanitaria.....	1865	120
		Associação dos amigos do trabalho	1872	200

Esta provincia divide-se em duas partes essencialmente distinctas, representadas pelos districtos. O districto de Bragança é mais pobre, menos populoso, não menos activo, mas com pouquissimos soccorros para desenvolvimento dos seus productos.

N'aquella primeira parte encontramos apenas duas associações e um individuo associado por cada mil; no segundo districto, vemos cinco associações e dois socios por cada mil individuos. A receita d'estas associações, segundo os mapps que temos presentes, não se eleva a mais de 3:000\$000 réis.

Associações nas ilhas adjacentes. — A nossa ilha de S. Miguel é uma terra bem fadada para a caridade e para a associação. Tem possuido homens opulentos e elevados ás maiores grandezas, que não têm esquecido um só instante as classes populares, prestando-lhe todos os auxilios. Entre elles, que são muitos, citemos um vivo e um morto. É o primeiro o sr. barão de Fonte Bella, Amancio Gago da Camara, desvellado protector das associações; o segundo o visconde da Praia, o pae dos pobres, o homem da mais exemplar caridade, o protector das letras, como o attestam as innumeradas publicações feitas á sua custa.

O ouro em mãos tão bemfazezas converte-se em flores, que engrinaldam a fronte emquanto vivos, e que são depois coróas immortaes, quando o homem se esconde no tumulo.

Entre as associações de S. Miguel, o *Monte pio do Nordeste*; creio ser uma instituição utilissima, e que deveria existir em todas as povoações ruraes.

Foi fundado por D. Maria do Rosario, que vivera em tempo de D. Manuel, dotando-o com cem moios de trigo, com o fim de fornecer pão barato aos pobres nos annos de carestia e sementes aos pequenos lavradores. Segundo a vontade da tes-

tadora dever-se-hiam prestar os cereaes mediante o premio de $\frac{1}{16}$ por alqueire; pagando-se metade no acto da saída e a outra metade quando entregue.

Em consequencia de más administrações, o fundo que deveria ter crescido d'um modo progressivo e lisongeiro, foi muito desfalcado, achando-se quasi extincto em 1810. É administrado actualmente pela camara municipal da villa.

Além d'esta instituição tem Ponta Delgada as seguintes associações.

Associação commercial, fundada em 1835. *Monte-pio alliança*, em 182; tem 300 socios. *Sociedade auxiliadora de instrucção*, fundada em 1772; sustenta uma aula de instrucção primaria, é auxiliada por uma sociedade maçonica. *Sociedade das artes reunidas*, fundada em 1874. *Sociedade de agricultura*, fundada em 1843; publicou um jornal desde a sua fundação até 1852, tem um gabinete de leitura e uma área para experiencias. *Sociedade de beneficencia ecclesiastica*, que tem por fins o soccorro temporal e corporal dos socios. *Monte-pio artistico*, fundado em 1860. *Sociedade de beneficencia*, fundada em 1839. *Sociedade de soccorros*, fundada em 1867. *Sociedade promotora do progresso*, que sustenta uma aula da instrucção primaria.

Na villa da Ribeira Grande, fundou se em 1874, a *Sociedade fraternidade*, que pretende, além de uma aula, estabelecer uma bibliotheca.

Em Ponta Delgada existiu tambem a *Sociedade dos amigos das letras*, fundada pelo visconde de Castilho; tinha por fim a instrucção; extinguiu-se lentamente. Ultimamente estabeleceram-se nesta ilha duas sociedades cooperativas.

Na cidade da Horta, no Fayal, existe a *Sociedade amor da patria*, uma das mais importantes do paiz. A caixa economica foi fundada em 1862, a *Sociedade amor da patria* em 1866, fundiram-se em 1871. Os seus fins são auxiliar o desenvolvimento da instrucção, os estabelecimentos de beneficencia, e instituir um cofre de pensões e soccorros. O seu activo representa-se em mais de 100:000\$000 réis.

Na ilha Terceira existem a *Associação commercial*, fundada em 1852; a *Associação das classes laboriosas*, fundada em 1860; o *Club popular angrense*, fundado em 1868, sustenta uma aula noturna e uma bibliotheca, com grande numero de volumes. *Gremio litterario* fundado em 1866. *Sociedade promotora*, composta dos liberaes terceirenses e a caixa economica fundada em 1845, pelo sr. conselheiro Nicolau Anastacio de Bettencourt, fundador tambem da caixa economica de Aveiro. O sr. Nicolau Bettencourt nasceu no Funchal a 14 de feveiro de 1810, é um dos caracteres mais respeitaveis e cujos serviços á liberdade estão escriptos em letras de ouro na historia patria. Inaugurou tambem o *Aylo de infancia desvalida* em 1853. Tem o algarismo 9 das campanhas da liberdade, é fidalgo da casa real, commendador das ordens de Christo, Conceição, etc.

CONCLUSÃO

Procuramos demonstrar na 1.ª parte d'este livro as vantagens e necessidade da associação para as classes populares; apresentamos na 2.ª parte a historia e desenvolvimento das associações portuguezas desde a sua organização entre nós, desenvolvimento devido ao estabelecimento da liberdade; resta-nos agora apreciar aquelle desenvolvimento, indagar se elle tem sido progressivo e traçar o caminho futuro das associações portuguezas, sob o ponto de vista de mais vastos resultados.

Agrupemos n'esta parte as associações pela sua indole e vejamos então o seu estado.

As associações de soccorros mutuos são as que mais directamente devem chamar a nossa attenção e ás quaes hoje se pode applicar um estudo mais serio e certo, porque a sua existencia de 30 annos nos fornece dados sufficientes para saber se ellas têm caminhado bem ou mal. Infelizmente o exame que d'ellas resulta leva a dizer-nos que o seu desenvolvimento tem sido desordenado, e que é urgente dar-lhe uma reforma completa na sua constituição. As associações de soccorros mutuos tem vegetado e nascido em Portugal como as plantas do mato. D'aqui provém o seu definhamento. De quem parte a culpa? Do povo e do

Estado. Aquelle pela sua inercia, este pela ampla liberdade que lhes tem dado.

Sirva-nos para este nosso estudo ou apreciação as duas terras principaes do reino — Lisboa e Porto

Vejamos a capital.

Como observamos na 2.^a parte d'este livro, Lisboa tem 85 associações de soccorros mutuos na doença; o numero total de socios eleva-se a 40:000. Este numero porém não é real. Ha muitos individuos, que pertencem conjunctamente a tres e quatro associações; o seu numero effectivo pode-se pois, sem grave erro, calcular-se em 30:000.

D'aquellas 85 associações devemos excluir as duas dos empregados no commercio e as dos funcionarios publicos, porque estas duas classes tão numerosas, vivem n'um meio diverso das outras classes em geral reunidas n'estas sociedades. Offerecem-nos entretanto tambem algumas considerações, que mais adiante apontaremos. Calculemos pois em 30:000, o numero de socios de todas as outras associações. O estado em geral de cada um d'estes monte-pios é rachitico e muitas associações são administradas com pequenissimo zelo, por completa ignorancia das direcções, falta de cumprimento dos seus deveres da parte dos socios, que deixam as gerencias entregues em mãos pouco habeis e escrupulosas. Quantas associações não ha em que os socios recebem os subsidios como se fora uma esmola?

O desprezo que o povo mostra para a vida politica, acompanha-o n'estes actos da sua existencia social. Quantas associações não precisam fazer duas e tres convocações para reunir a assembléa geral? O socio quer apenas na occasião da doença ser soccorrido sem se lembrar que garantia d'estes direitos lhe impõe tambem um certo numero de deveres. D'aqui nascem os grandes abusos que por muitas vezes até a imprensa tem registrado. Mais de 30 annos de existencia d'estas associações nos mostram evidentemente que ellas necessitam de um remedio energico.

Qual será elle ?

Em 1866 foi nomeada uma commissão para tratar das associações ¹.

Esta commissão não foi como quasi todas, trabalhou, colligiu grande numero de apontamentos e concluiu um relatorio dos seus importantes trabalhos, apresentando as reformas que julgava urgentes. Adoptava-se como na Belgica os dois typos de associações, livres e reconhecidas pelo governo. O relatorio foi para a Imprensa Nacional para ser publicado na folha official, tencionando alguns empregados d'aquelle estabelecimento e que tem sido apóstolos da associação, fazer d'elle uma edição barata para se distribuir pela classe operaria. O sr. bispo de Vizeu, porém mandou suspender aquella publicação, por que o seu genio economico não lhe deixou ver as vantagens que d'elle resultariam.

A idea de federação das associações tem já sido muito discutida e achada proveitosa, e ainda alem da federação — a fusão, tem encontrado adeptos. O que tem faltado é um homem energico, que leve ao cabo esta idea ou um governo, que estudando esta questão comprehenda que sómente d'esta fórma se pode melhorar as condições d'estas sociedades.

O primeiro defeito d'estas associações são o espectacular numero de beneficios que se offerecem aos socios, e que não estão em harmonia com a quota que se lhe exige. A maioria dos monte-pios concedem soccorros medicos, de pharmacia e pecuniarios na doença; soccorros na inhabilidade; enterro, pensão ás viúvas, e algumas até aos orphãos e uma certa quantia para luto. Em troca de tantas garantias pede-se ao socio uma joia pequena, e uma quota tambem diminutissima. O que resulta d'aqui é que todos aquelles soccorros são dados com a mais restricta parcimonia.

¹ Foi nomeada por decreto de 22 de novembro de 1866, pelo sr. Andrade Corvo. Faziam parte d'esta commissão entre outros os srs. José Silvestre Ribeiro, Rebello da Silva, Daniel da Silva, Motta Pegado, Viriato Nogueira, Vieira da Silva e João Manuel Gonçalves.

Ainda o doente não está restabelecido e a palavra *alta* é collocada na sua papeleta. Das pharmacias exige-se tambem grandes reduções nos medicamentos que fornecem, e os medicos vêem-se tambem obrigados a receitar cousas que custem pouco dinheiro, e só em ultimo caso applicam medicamentos caros.

Os socios pagam nas associações de Lisboa 50 ou 60 réis semanaes; na doença recebem 160 a 200 diarios. Este subsidio é insufficiente. O operario que vence de 300 a 600 réis, decerto que não se pode sustentar com aquella quantia, cessando como quasi sempre succede o seu salario, quando enfermo. Para obstar a isto que chamaremos crise na sua vida, associam-se muitos d'elles a varias associações, o que vem mostrar evidentemente que cada uma d'ellas de per si é imperfeita e não satisfaz ao fim para que é creada.

Nos primeiros annos d'estas sociedades quasi todas caminham relativamente prosperas. Mais tarde porém as disposições estapafurdias das suas leis vem-lhe cavar a ruina ou definhamento. Começam os inhabilitados e as viuvas levando grande parte da receita. E o subsidio a estes socios é tão exiguo, e nem o podia ser d'outra forma, que o individuo que o recebe, tem que estender a mão á caridade publica, porque não é com 40 ou 60 réis diarios que um homem se pôde sustentar. Estas pequenas quantias entretanto desfalcam completamente os monte-pios, não os deixando com largueza satisfazer os seus encargos, nem tambem capitalisar algumas quantias, que colloquem estas instituções ao abrigo de, n'uma epidemia, poderem satisfazer ás grandes despezas que então se levantam.

Cada institução deve unicamente satisfazer ao seu fim principal, d'outra forma resulta a falta de harmonia no seu desenvolvimento progressivo. Os monte-pios devem unica e exclusivamente ser para soccorrer os socios enfermos; tudo o mais deve pertencer a outras instituções.

As associações de Lisboa excluindo talvez dez, pouco mais, tem uma existencia como já dissemos rachitica, pelas razões já apontadas e pela falta de amor ao principio da associação.

Comparativamente as associações do Porto, estão n'um estado mais perfeito de organização, porque ha mais energia nos seus membros, e tambem porque a quota semanal é mais elevada, sendo em geral de 80 réis semanaes.

A cidade do Porto, que é o berço da liberdade, a terra do commercio, mostra em todas as questões a energia do seu character, a actividade do seu espirito laborioso.

Quer nas questões politicas, quer nas questões economicas e até nas religiosas, aquella terra apresenta-se heroica e trabalhadora incansavel.

É devido a isto que aquella cidade, ainda ha poucos annos por assim dizer composta de velhas ruinas, está de anno para anno transformando-se, convertendo as viellas escuras e tortuosas em magnificas praças e largos, povoando-os de edificios magestosos, tão bellos ou superiores aos que possui a capital. O municipio tem estado quasi sempre dirigido por homens intelligentes e energicos, que tem emprehendido grandes obras, e tem dotado a cidade de estabelecimentos grandiosos.

E esta energia, esta actividade transmite-se a todas as classes, tanto se encontra no alto representante do commercio como no pobre operario. E' que os homens d'aquella terra, elevados á aristocracia pelos seus merecimentos ou fortuna, teem como primeiro brasão o trabalho.

A classe popular do Porto não forma uma idéa falsa da liberdade; sabe comprehender até onde é justa a aspiração d'aquelle sentimento.

As associações de Lisboa por exemplo querem estar em liberdade completa de toda a acção da auctoridade; as associações do Porto tem nos seus estatutos, quasi todas, um artigo em que são considerados seus

membros honorarios o governador civil e administradores dos bairros. E porque estabeleceram ellas esta disposição?

Vejamos :

A portaria de 6 de julho de 1874, respondendo a umas perguntas dirigidas pelo governador civil do Porto, classificou as associações de soccorros mutuos como casas bancarias, com giro entre os socios, retirando-as por consequencia da tutela administrativa. A doutrina é justa e liberal, ninguem o contesta. Mas os socios d'estas sociedades na maioria dos casos por ignorancia são arrastados pelos falsos apóstolos das associações, muitas vezes a praticarem actos em completa desharmonia com a lei que os rege, cavando incessantemente a ruina da sociedade a que pertencem, commettendo-se graves abusos, sendo tudo sancionado por maiorias dolosas. Mas a lei de 6 de julho collocando estas associações fóra da jurisdicção administrativa, faz com que se possam commetter todos os abusos e até com impunidade. Tem por ventura a maioria dos socios os meios necessarios para sustentar uma acção com a sociedade nos tribunaes de justiça, pode um pobre operario a quem lesaram nos seus direitos, pleitear com a sociedade, que tira dos cofres as quantias que lhe parece para esmagar os socios? E' evidente que a disposição d'aquella portaria tendo uma apparencia justa e liberal na essencia, na pratica é contra os interesses dos socios.

Um facto para lamentar de certo, é o abandono que da parte do ministerio das obras publicas tem havido para com as associações.

Em todos os estatutos se consigna a obrigação que tem estas sociedades de enviarem annualmente á direcção geral do commercio e industria os relatorios e contas de suas gerencias. De certo que esta obrigação se impoz com algum fim, e este foi, não só a fiscalisação indirecta a estas associações, mas juntamente para se formarem estatisticas, apreciar-se o movimento social, fazendo-se depois aquellas reformas necessarias.

Pois em tão largos annos, d'aquella repartição ainda não saiu uma estatística das associações do reino, e nada se sabe d'este importante ramo social.

Em todos as estatutos ferra-se um alvará com as palavras do estylo official, e na maioria das vezes approvam-se, creio até, sem leitura minuciosa. Temos para prova do que dizemos, por exemplo, os estatutos da associação humanitaria do Espirito Santo, de Villa Real, que além d'um complicado mechanismo na classificação dos socios, diz n'um dos seus artigos — são expulsas as socias que se se prostituirem publicamente. — A cada socio exige-se um juramento feito sobre os Santos Evangelhos, e os socios dividem-se em duas camaras; as deliberações tomadas na primeira camara, são reprovadas ou regeitadas na segunda.

E uns estatutos por esta forma foram approvados, e publicados na folha official. Muitos factos curiosos teriamos a citar sobre este ponto.

A caixa economica de Aveiro fez em 1860 uma reforma dos seus estatutos, enviou-a ao ministerio das obras publicas para serem approvados, e como se passassem muitos mezes sem elles sairem da repartição, mandou perguntar em que altura estariam para serem approvados, dizendo-se-lhe como resposta que se tinham perdido. Mandou uma nova copia e até hoje ainda está esperando pela approvação. Em geral quasi todos os estatutos tem larga demora para a sua approvação. Não ha porém methodo, não existe nada emfim que torne aquella repartição util n'este ponto. E os relatorios enviados para lá não servem senão para encher os archivos sem utilidade de ninguem. É urgente pois, fazer-se uma reforma n'este ponto.

O movimento das associações portuguezas, desordenado embora, é importante. No continente podemos contar que existem 300 associações de soccorros mutuos; existindo 70:000 individuos associados. Estas associações produzem um movimento de 400 contos pouco mais ou menos. Ha algumas provincias em que o principio da associação se pôde considerar ainda

desconhecido. A provincia de Traz-os-Montes, com uma população de 379:350 habitantes, apenas nos apresenta 6 associações com 800 associados. No Minho e nas duas Beiras nota-se tambem o mesmo. Na Estremadura e no Douro, é onde o principio da associação tem obtido maior desenvolvimento, não só nas capitães mas em todas as terras de que se compõem.

O grande pensador e philosopho Silvestre Pinheiro Ferreira no seu livro a *Associação*, apresenta um projecto de estatutos para a organização da classe operaria. O seu plano é vasto, mas na pratica, por isto mesmo tornar-se-hia difficil de executar. Ligar o individuo do Algarve com o de Traz-os-Montes, na mesma communhão de interesses e de direitos é muito glorioso de conceber, mas difficil de realisar.

Dizia o sr. Fradesso da Silveira¹, «E um erro pedir tudo ao poder central; mas ainda maior erro é querer que a iniciativa particular, sem guia, sem rumo determinado, organise e constitua o que depende do plano geral.» Hade um governo algum dia ouvir-nos e quando isto acontecer, as associações, fundadas por iniciativa particular, e hoje em risco de ruina, terão constituido, reunidas, uma vasta e 'poderosa associação, ou uma federação de associações — com absoluta prohibição de serviços gratuitos — e uma caixa unica para dotes e pensões.

O que se não pode desde já organizar com relação a todo o paiz, facil será conseguir-se nas duas terras — Lisboa e Porto — A capital tem 85 associações de soccorros mutuos, com 40:000 associados, agrupem-se estas sociedades em tres divisões, denominadas oriental, central e occidental. Seja livre a pharmacia. Cada uma d'estas associações, pode chegar a ter 12 a 15 mil socios. Suppunhamos que no primeiro tempo tem cada uma 10:000 socios, representando 25 associações das existentes. Estas associações gastam hoje pelo menos mais de 200\$000 réis no aluguer das casas em que funcçionam, reunidas pois n'uma só poderiam

¹ Discurso pronunciado em 1867 no *Gremio Industrial*.

ter uma boa casa, com todas as commodidades para os seus trabalhos sociaes. É evidente que estas associações poderão adquirir casa propria, pois basta que estes 60:000 socios contribuam com uma quota extraordinaria, n'um anno de 2,5000 ou 2,5500 réis para que possam ter casa para a sua sociedade. Cada uma d'estas sociedades poderá ter empregados bem remunerados e o serviço por consequencia feito com toda a regularidade. Contribuindo cada socio com a quota mensal de 20 réis poder-se-ha estabelecer nas sêdes d'estas sociedades aulas nocturnas para os associados e seus filhos. O desenho, a instrucção primaria, o francez, o inglez, a geometria, tudo isto sem dispendio do Estado e sem grande sacrificio do povo se pode conseguir para o seu desenvolvimento e illustração.

Cada uma d'estas sociedades deve ter dois fins distinctos, o soccorro na doença, inhabilidade e amparo dos orphãos, para o que terá uma caixa de credito, funcionando da mesma forma do que o monte-pio geral, caixa de credito industrial, e outros estabelecimentos d'este genero, que, contribuindo para o melhoramento da sociedade não menos concorreria para a extincção das casas de penhores.

Em todas as localidades não se deverá deixar fundar mais d'uma associação, para que por meio da união, tenha a força necessaria para prestarem aos associados os seus serviços.

Os associados formarão secções pelas classes para tratarem das questões, que lhe digam respeito ao desenvolvimento das suas artes ou officios.

Cada uma d'estas associações poderá ter uma bibliotheca de livros uteis a todas as classes operarias, mais para sua instrucção do que para recreio futil.

O governo toma a seu cargo mandar publicar mensalmente um *boletim das associações portuguezas*, que tratará além d'este assumpto principal, da publicação do que em assumptos sociaes se escrever e fizer no estrangeiro.

A redacção d'este jornal deveria ser composta de

um membro de cada uma das tres associações de Lisboa e das do Porto. O ministerio das obras publicas facultaria a esta redacção todos os relatorios e documentos das associações para os seus trabalhos estatisticos. Este *boletim*, que poderia ser mensal, seria vendido a todos os socios pelo seu custo, revertendo para o Estado dois terços para a despeza da sua publicação e o restante para gratificação aos redactores.

Creemos que sobre as bases que deixamos escriptas, se poderiam erguer as associações de socorros mutuos a um estado proficuo. Cada uma das associações existentes tem uma vida rachitica, e em muitas d'ellas, nota-se má organização e administração. Outras finalmente, que deviam ter um capital para occorrer a alguma epidemia, não teem fundo algum. Ha associações com pequeno numero de socios e que teem conseguido capitalisar alguma cousa, ainda que pouco. Outras porém com uma receita importante não teem uma inscripção sequer. A que será isto devido? Talvez a que os subsidios sejam em desharmonia com as quotas. Escreveriamos emfim largas paginas se quizessemos apresentar o quadro intimo de cada associação; é porém conhecido de todos este estado e o que compete é dar-lhe um remedio immediato e energico.

Nada diremos das mais associações; as cooperativas são entre nós ainda ensaios, infelizmente; as de instrucção popular teem uma existencia cheia de sacrificios, mas gloriosa; as scientificas são dignas do apreço em que as teem as nações mais illustradas.

O progresso e a civilização não teem unicamente por fim os melhoramentos materiaes d'um paiz. O desenvolvimento da riqueza publica, a administração emfim d'um estado deve ir mais longe do que aos exteriores espectaculo-os de grandeza; mas attender á felicidade de todos, e quando esta felicidade demais se pode obter pela boa organização das leis sociaes, cortando abusos, e restabelecendo a moralidade. Quando o individuo emfim não sabe dirigir o seu viver de

fôrma a tornar-se util a si e á sociedade, não crêmos que seja um acto menos liberal do governo, traçar-lhe aquelle caminho, onde deve encontrar os fructos beneficos da sua iniciativa.

Existem algumas associações que seria injustiça obrigar-as a uma fusão, como são a dos ourives da prata, e dos empregados no commercio e industria.

As associações dos funcionarios publicos necessitam tambem de uma reforma energica e estudada. Para que se formou a associação dos funcionarios publicos existindo as dos empregados do Estado? Para que concedem estas associações pensões aos socios quando existe o monte-pio official? Se as pensões legadas por este estabelecimento são pequenas alargue-se mais a sua esphera, contribuindo com dobrada quota cada socio.

Ainda temos mais a notar.

As associações de Lisboa de soccorros mutuos, pode dizer-se que existem principalmente nos bairros oriental e occidental, e ainda em maior numero n'aquelle, o que nos faz pensar quão poderosas ellas se poderão erguer, sendo como uma regeneração completa da classe pobre.

Não terminamos sem tambem lembrar quanto necessario seria crear uma medalha para premio dos serviços sociaes. Pois hade um homem na ausencia de todos os meritos muitas vezes, ter o peito da sua casaca convertido n'uma verdadeira constellação, e o homem util não alcançar como premio senão a satisfação intima de ter cumprido um dever! A muitos, bem o sei, basta-lhes isso apenas, e regeitariam com orgulho qualquer distincção. Mas ha o estimulo que brota d'estes premios, que como semente, produz abençoados fructos.

As distincções honorificas quando assentam em peitos honrados pelo trabalho e pela virtude, são como astros de esperanza, encaminham muitos corações á pratica do bem, espalham muita luz ás trevas, muita fé á descrença.

Animo pois, soldados firmes da civilisação. Acreditaes, ó povo, a vossa regeneração está na escola, o vosso conforto na associação.

INDEX

PRIMEIRA PARTE

	Pag.
I. — A associação.....	1
II. — A doença	3
III. — A inhabilidade	4
IV. — A instrucção.....	6
V. — A escola	8
VI. — A agiotagem	10
VII. — Bancos populares	18
VIII. — O capital.....	15
IX. — Caixas de credito.....	17
X. — Sociedades cooperativas de consumo	25
XI. — Desenvolvimento das sociedades.....	29
XII. — A associação cooperativa de Rochdale	82
XIII. — Sociedades cooperativas de producção	36
XIV. — Sociedades edificadoras — Godin	43
XV. — O familisterio de Guisa	49

SEGUNDA PARTE

A associação em Portugal.....	66
Academia civilisação	109
Alliança Academica (Porto).....	96
A ssociação civilisação popular.....	109
) commercial de Aveiro	84
)) de Coimbra	86
)) de Lisboa	148
)) do Porto	88
)) dos logistas de Lisboa	125
) conimbricense do sexo femenino.....	86

	Pag.
Associação de soccorros dos marceneiros portuenses	97
» » » harmonia portuense	96
» » » na inhabilidade	98
» do monte-pio geral de marinha	124
» dos advogados	149
» » artistas de Coimbra	86
» » engenheiros civis	154
» » empregados no commercio e industria	124
» » » no » de Lisboa	125
» » » do Estado	128
» » fabricantes de cortumes	127
» » funcionarios publicos	130
» » melhoramentos das classes laboriosas	111
» » operarios do tabaco	127
» » solicitadores (Lisboa)	126
» » veteranos da liberdade	127
» escolar D. Pedro V.	112
» » 24 de julho	112
» fraternal de beneficencia	97
» instrucção popular (Lamego)	77
» philantropica dos artistas portuenses	97
» popular 1.º de dezembro 1640	112
» promotora da industria fabril	149
» » dos estudos orientaes	154
» typographica lisbonense	130
Associações de soccorros de classes mixtas (Lisboa)	187
» do partido socialista	143
» dos trabalhadores na região portugueza	141
» em varias terras do districto de Lisboa	144
» no districto de Leiria	145
» » de Santarem	115
» » na provincia do Alemtejo	72
» » » do Algarve	76
» » » da Beira Alta	77
» » » da Beira Baixa	79
» » » do Douro	81
» » » da Estremadura	98
» » » do Minho	155
» » » de Traz os Montes	156
» » nas ilhas adjacentes	156
Atheneu	113
Banco do povo	100
» popular independencia	100
Caixa de credito eborense	78
» » da associação industrial	98
» de aposentações	101
» de credito industrial	102
» de empréstimos lisbonense	108

	Pag.
Caixa de soccorros da imprensa nacional	133
» economica de Aveiro	84
Centro promotor das classes laboriosas.....	113
Club militar naval	154
Companhia alliança de credito.....	95
Corporação dos livreiros	136
Escola azylo S. Pedro em Alcantara.....	120
Gremio illustração popular.....	74
» popular.....	121
Instituto de Coimbra.....	86
Monte-pio da casa real.....	104
» da universidade	87
» das alfandegas.....	128
» commercial	103
» conimbricense	88
» dos actores portuguezes	127
» geral	106
» official dos servidores do Estado.....	107
Real associação d'agricultura	147
» dos architectos e archeologos	149
» sociedade humanitaria	92
Sociedade cooperativa das classes obreiras.....	93
» de credito de industria fabril.....	94
» portuense	95
» das sciencias medicas.....	151
» de consumo dos livreiros.....	94
» de geographia de Lisboa.....	154
» de soccorros dos operarios portuenses	98
» dos artistas lisbonenses	122
» pharmaceutica Lusitana	151
» philantropica academia	88
» promotora das bellas-artes	153
» protectora dos animaes	153
» protectiva do Porto.....	98
» Therpsichore.....	88
Sociedades cooperativas de consumo (lisbonense).....	138
» de produção (lisbonense).....	140

AS302.5 G6
Goodolphim, Costa.
A associacao



3 1210 00558 9963

